



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM TURISMO

SANDRA MARA TABOSA DE OLIVEIRA

**OS SIGNIFICADOS E SENTIDOS DE SER BACHAREL EM TURISMO**

Brasília  
Julho/2016

SANDRA MARA TABOSA DE OLIVEIRA

**OS SIGNIFICADOS E SENTIDOS DE SER BACHAREL EM TURISMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Turismo da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neuza de Farias Araújo.

Brasília  
Julho/2016

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

OOL48a OLIVEIRA, SANDRA MARA TABOSA DE  
OS SIGNIFICADOS E SENTIDOS DE SER BACHAREL EM  
TURISMO / SANDRA MARA TABOSA DE OLIVEIRA; orientador  
NEUZA DE FARIAS ARAÚJO. -- Brasília, 2016.  
109 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado Profissional em  
Turismo) -- Universidade de Brasília, 2016.

1. TURISMO. 2. SENTIDOS E SIGNIFICADOS. 3.  
FORMAÇÃO PROFISSIONAL. 4. TRABALHO. I. ARAÚJO, NEUZA  
DE FARIAS, orient. II. Título.

SANDRA MARA TABOSA DE OLIVEIRA

OS SIGNIFICADOS E SENTIDOS DE SER BACHAREL EM TURISMO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília, como pré-requisito para a obtenção do grau de Mestre em Turismo, área de concentração da Cultura e Desenvolvimento Regional e vincula-se à linha de pesquisa Cultura e Sustentabilidade do Turismo do Programa de Pós-Graduação em Turismo do Centro de Excelência em Turismo – CET/UNB e ao Grupo de Estudo e Pesquisa Gênero e Interdisciplinaridades /UnB, defendida em 04/07/2016 e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neuza de Farias Araújo  
Orientadora CET/ UnB

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivany Câmara Neiva  
Universidade Católica de Brasília

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria da Conceição da Silva Freitas  
Faculdade de Educação – FE/ UnB

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iara Lúcia Gomes Brasileiro  
CET/ UnB

A todos graduados e a todas graduadas em turismo, aos pesquisadores e pesquisadoras que acreditam no turismo, que lutam, resistem na profissão, e que deram sentido e significado a este trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB) pelo apoio institucional ao meu desenvolvimento acadêmico e profissional.

À professora doutora Neuza de Farias Araújo por me aceitar como orientanda. Para mim, foi uma grande surpresa encontrar na figura de orientadora, de um nível acadêmico e vivencial como o meu, uma pessoa humana, sensível, serena, paciente e estimuladora. Muito obrigada por me acompanhar em momentos de importantes mudanças ocorridas em minha vida durante o período do mestrado. Obrigada, professora, pela orientação e parceria que ultrapassou, para mim, o nível acadêmico. Conhecê-la e conviver com a senhora foi um grande presente.

À professora Doutora Donária Coelho, com quem tive a oportunidade de conviver na prática pedagógica de forma enriquecedora, formativa e livre, como deve ser o ambiente universitário.

Ao Colegiado do Eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer do IFB, *Campus Brasília*, sobretudo nas pessoas de Simone Pinheiro e Patrícia Albuquerque, que são companheiras de luta pela consolidação de nossa área, grandes profissionais e amigas.

À amiga Vanessa Araújo, que dividiu comigo experiências e aprendizados preponderantes sobre as formas de ver a vida e vivenciá-la. Muito obrigada por compartilhar os seus profundos aprendizados.

Aos amigos, Tácito Leite e Guilherme Rezende, pela ajuda com tabelas, planilhas e respectivas inferências de dados. Ao meu querido cunhado, Eduardo Passos, pela organização dos gráficos. Muita gratidão!

Aos meus pais venerados, Nélio Alves de Oliveira e Ivanira Lopes T. de Oliveira, por por estarem sempre disponíveis, em todos os momentos de minha vida. Obrigada

pela sorte e oportunidade de sentir o significado de família. Toda a gratidão e meu amor estão com vocês.

As minhas irmãs, Lizandre e Luciana, amadas e companheiras de vida, muito obrigada por nossa história e união.

Às amigas, Silvana, Yzuca e Cinthia por construirmos ao longo de nossa trajetória uma forte amizade e intimidade que ultrapassa o tempo.

A minha filhinha amada, minha passarinha, minha bubuca, companheira de vida. Agradeço a sua existência todos os dias. Você me faz refletir a todo o momento sobre o mundo e a vivenciar os desafios e prazeres da maternidade. Amo-te profundamente.

A minha aluna e monitora Aline Costa, pessoa forte na presença e no espírito, obrigada por toda ajuda e pelas trocas compartilhadas ao longo deste trabalho.

Aos meus ex-alunos e as minhas ex-alunas e aos e às estudantes atuais que estimulam, no meu cotidiano, a reflexão constante da construção de minha identidade profissional como turismóloga e docente.

E, finalmente, a todas as contribuições recebidas, principalmente das falas dos entrevistados e das entrevistadas neste trabalho, por meio de entrevista ou questionário, o meu muito obrigada perene.

## RESUMO

Esta pesquisa contextualiza-se na área de concentração da Cultura e Desenvolvimento Regional e vincula-se à linha de pesquisa Cultura e Sustentabilidade do Turismo do Programa de Pós-Graduação em Turismo do Centro de Excelência em Turismo – CET/UNB e ao Grupo de Estudo e Pesquisa Gênero e Interdisciplinaridades/UnB. A escolha do tema surgiu do interesse em compreender os significados e os sentidos da profissão turismólogo (a) para os (as) egressos (as) dos cursos de graduação em turismo no Brasil. Tem como objetivos apontar, junto a esses profissionais, as contribuições da formação superior em turismo no trabalho desempenhado; identificar as resistências e desistências na profissão; e as contribuições do trabalho do turismólogo (a) para a sociedade brasileira. A pesquisa é do tipo qualitativa, pois adota como método a análise do discurso, que compreende as falas ou enunciações do indivíduo no que concerne às questões socioculturais e históricas, em construção, e repleta de conflitos e contradições. A metodologia definida para alcançar os objetivos é a Análise do Discurso (AD) e as técnicas são pesquisa bibliográfica, análise documental, entrevistas com perguntas abertas realizadas face a face e aplicação de questionário semiestruturado, com perguntas abertas e fechadas, enviado por correio eletrônico. A investigação tem como objeto de estudo os egressos dos cursos de ensino superior em turismo no Distrito Federal e em outros estados do Brasil. As questões norteadoras da pesquisa são: Qual a contribuição da formação superior em turismo? Quais contribuições têm a profissão turismólogo (a) para a sociedade brasileira? E quais são as forças para resistir ou desistir da profissão? A pesquisa possui dois eixos de análise: a construção da profissão e o trabalho do turismólogo (a). A partir das análises realizadas das entrevistas com os (as) egressos (as) dos cursos superiores de turismo, concluiu-se que os sentidos e significados atribuídos à formação dos (as) turismólogos (as) apontam: que os sentidos de ser turismólogo (a) são os trabalhos de planejador e organizador do turismo e de políticas públicas de turismo. E como significados, a construção da identidade desta profissão, conforme as peculiaridades nela mencionadas na pesquisa.

**Palavras-chave:** Turismo. Sentidos e Significados. Formação Profissional. Trabalho.



## **ABSTRACT**

The present research is placed in the academic major of Culture and Regional Development. It is linked to the line of research of Culture and Sustainability of Tourism from the Post-Graduation Program in Tourism, from the Center of Excellence in Tourism – CET/UNB, and is linked to the Study and Research Group Gender and Interdisciplinarity/UNB. The theme arose from the interest in understanding the meanings and senses of the tourismologist profession for the egresses of graduation courses in tourism in Brazil. This study aims to point the contributions of higher education in tourism to the work developed by the tourismologists; to identify the resistances and withdrawals in the profession; and the contributions of the tourismologist work to the Brazilian society. It adopts the speech analysis, which includes speeches or enunciations regarding socio-cultural and historical questions, under construction and full of conflicts and contradictions. The methodology applied to achieve the objectives of this research is the Speech Analysis (SA) and the techniques are bibliographic research, documental analysis, and interviews with open and closed questions sent by e-mail. The research object are the egresses of higher education courses in tourism in Distrito Federal and in other Brazilian states. The guiding questions are: Which is the contribution of higher education in Tourism? Which are the contributions of the tourismologist profession to the Brazilian society? And which are the forces to embrace or to give up the profession? The research presents two analysis axes: the construction of the profession and the work of a tourismologist. From the analysis made of the interviews with egresses of higher education courses in tourism, the conclusion is that the senses assigned to the tourismologist profession are the works of planner and organizer of tourism and tourism public policies, and the meanings are the construction of the identity of this profession, according to the peculiarities mentioned in the research.

**Key words:** Graduation in Tourism. Senses and Meanings. Professional Formation. Work.

## LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|          |   |
|----------|---|
| ABAV     | Associação Brasileira de Agências de Viagens                              |
| ABBTUR   | Associação Brasileira dos Bacharéis em Turismo                            |
| ABEOC    | Associação Brasileira de Empresas de Eventos                              |
| ABIH     | Associação Brasileira da Indústria de Hotéis                              |
| ABLA     | Associação Brasileira das Locadoras de Automóveis                         |
| ABREDI   | Associação Brasileira de Bares e Restaurantes Diferenciados               |
| ABRESI   | Associação Brasileira de Gastronomia, Hospedagem e Turismo                |
| AD       | Análise do Discurso   |
| BRAZTOA  | Associação Brasileira das Operadoras de Turismo                           |
| EMBRATUR | Instituto Brasileiro de Turismo   |
| EUA      | Estados Unidos da América   |
| FACEB    | Faculdade Cenecista de Brasília   |
| FIPE     | Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas                                |
| IBGE     | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                           |
| IES      | Instituições de Ensino Superior   |
| IESB     | Instituição de Ensino Superior de Brasília                                |
| IFB      | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília           |
| INEP     | Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio<br>Teixeira |
| MTur     | Ministério do Turismo   |
| OMT      | Organização Mundial do Turismo  |
| ONGs     | Organizações Não Governamentais   |
| PIB      | Produto Interno Bruto   |
| PNAD     | Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios                               |
| PNT      | Plano Nacional de Turismo   |
| RAIS     | Relação Anual de Informações  |
| SINDETUR | Sindicato das Empresas de Turismo   |
| UFPA     | Universidade Federal do Pará  |
| UNESP    | Universidade Estadual Paulista  |
| UPIS     | União Pioneira e Integração Social  |
| PUC/SP   | Pontífica Universidade Católica de São Paulo                              |
| PUC/RS   | Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul                      |

|         |   |
|---------|---|
| UNIVALI | Universidade do Vale de Itajaí  |
| UFPE    | Universidade Federal de Pernambuco                                    |
| PNUD    | Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento                     |
| DF      | Distrito Federal  |
| IFSC    | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina |
| CNPQ    | Centro Nacional de Qualificação Profissional                          |

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                  | <b>12</b> |
| <b>CAPÍTULO 1 – TURISMO E TRABALHO .....</b>             | <b>16</b> |
| 1.1 Trabalho no Capitalismo .....                        | 16        |
| 1.2 Turismo no Capitalismo e Trabalho .....              | 20        |
| <b>CAPÍTULO 2 - Profissão Turismólogo (a).....</b>       | <b>28</b> |
| 2.1. Formação e Mundo do Trabalho.....                   | 28        |
| 3.1 Presença Feminina no Turismo .....                   | 37        |
| 3.2 Teorias Feministas e de Gênero .....                 | 38        |
| 3.3 As Mulheres no Mundo do Trabalho .....               | 42        |
| <b>CAPÍTULO 4 - ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA .....</b> | <b>47</b> |
| 4.1 Categorias Analíticas .....                          | 51        |
| 4.2 Análise e interpretações dos dados .....             | 55        |
| 4.2.1 Questionário.....                                  | 55        |
| 4.2.2 Entrevistas .....                                  | 79        |
| <b>CONSIDERAÇÕES.....</b>                                | <b>90</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                  | <b>93</b> |
| <b>APÊNDICES .....</b>                                   | <b>96</b> |
| APÊNDICE A: INSTRUMENTO DE PESQUISA – QUESTIONÁRIO.....  | 97        |
| APÊNDICE B: Instrumento de pesquisa – entrevista.....    | 108       |
| APÊNDICE C: Termo de consentimento.....                  | 109       |

## INTRODUÇÃO

O trabalho é considerado categoria central da vida humana. É por meio dele, mas não somente por ele, que há a construção da realidade e a reprodução social, além de marcar, mediante os meios usados de produção e a complexidade que abrangem o tema, a historicidade da humanidade.

Nessa perspectiva, o trabalho é um tema que vai além do aspecto econômico, é um meio de autorreconhecimento de si mesmo como sujeito e para o outro. Os sujeitos da classe que vivem do trabalho, dentro de um panorama mais amplo de classe trabalhadora, ao qual se incluem o assalariado das esferas pública e privada e os desempregados, vivem os desafios que caracterizam o mundo do trabalho na contemporaneidade, como exploração, desemprego, precarização, desregulamentação e divisão sexual.

Dentro desse contexto, o ser social se constrói como gênero humano com todas as dimensões imbricadas no sistema, como a indissociável relação entre capital, trabalho e Estado, e busca, por meio do trabalho, o atendimento de suas necessidades e o sentido da vida cotidiana.

As profissões, como agentes sociais, estão repletas de objetividades e subjetividades, desejam construir suas identidades, usufruir de poder de intervenção, prestígio, representação social e política. Os (As) egressos (as) dos cursos de graduação em Turismo, intitulados socialmente como turismólogos (as), são a classe trabalhadora objeto que orienta esta dissertação.

Seu contexto laboral é representado por peculiaridades tais como: incipiente participação política mediante associação de classe, ser uma profissão não regulada, divisão de espaço laboral com qualquer profissão e nível de formação, baixa inserção no mercado de trabalho, além da maior parte dos cursos estar em instituições de ensino privadas, orientam reflexões sobre a construção dos significados e sentidos da profissão do (a) turismólogo (a) e sua construção como classe trabalhadora.

Para refletir sobre esse cenário, o referencial teórico adotado neste trabalho passa pela compreensão das categorias de análise: trabalho no capitalismo, turismo e trabalho, gênero, mercado de trabalho do (a) turismólogo (a), significado e sentido a partir dos autores Mikhail Bakhtin, Lev Vygotsky, Gaudêncio Frigotto, Karl Marx,

Helena Hirata, Marutschka Martini Moesch, Mariano Enguita, Peter Berger, Ricardo Antunes, Thomas Luckmann e Manuel Castells.

A pesquisa se caracteriza como do tipo qualitativa de nível explicativa. O caminho metodológico busca, no método análise do discurso, identificar nas enunciações dos (as) egressos (as) dos cursos de graduação em Turismo o significado e sentido que eles constroem sobre sua profissão, a partir de uma perspectiva histórico-cultural e ideológica, marcada por experiências em um contexto sociocultural. As técnicas são pesquisa bibliográfica, análise documental, entrevistas com perguntas abertas, realizadas face a face, aplicadas a quatro egressos do curso de Turismo no Distrito Federal e elaboração de questionário com perguntas abertas e fechadas aplicado por meio do correio eletrônico enviado a pelo menos uma instituição de educação superior em Turismo de cada região brasileira.

O problema de pesquisa que norteia este trabalho é: quais são os significados e sentidos da profissão de turismólogo (a) para esta classe profissional no Brasil? As justificativas que baseiam esta pesquisa se estabelecem a partir de três pontos de partida. A primeira perpassa pela construção profissional da pesquisadora deste trabalho, que é atualmente docente na educação profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB), no Eixo Tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer, que acredita e trabalha pela consolidação da área de Turismo na rede federal de educação profissional. Possui experiência na docência há mais de dez anos em instituições de ensino superior privadas; além de ter sua trajetória profissional construída em diversas áreas do turismo, como eventos, hotelaria, agenciamento, transporte e consultoria no Ministério do Turismo (MTur) e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). É mulher, solteira e mãe que vivencia a alta carga de trabalho que vai além do ambiente laboral, e que busca, em sua profissão, significados que deem sentido a sua atuação como docente e turismóloga.

O segundo ponto se refere ao contexto vivenciado pelos (as) turismólogos (as) no Brasil, partindo da tese de que Turismo não se reduz à dimensão econômica apresentada em grande parte dos estudos relativos a ele, mas se amplia às dimensões sociocultural e ambiental, principalmente as que se referem à diminuição dos impactos negativos do setor, que buscam valorização de sua profissão pela sociedade. O (A) turismólogo (a) deseja ser reconhecido (a) pela sociedade por fazer parte de um setor inclusivo e responsável, a partir das ações de planejamento

e organização do turismo por meio da definição de políticas públicas para o setor, as quais repercutem em todo o sistema socioeconômico.

E terceira e última justificativa que baseia este trabalho está na profissionalização desse (a) profissional. A educação superior em Turismo como o lugar da educação formal e da profissionalização, pode ser dividida em duas fases: expansão e retração do número de cursos de graduação em Turismo ofertados no Brasil, assim como a expansão do ensino superior principalmente nas instituições de ensino privado. Devem-se mencionar ainda as características da formação acadêmica desse grupo profissional ser de natureza multidisciplinar e ter diferentes ênfases curriculares (turismo, hotelaria, turismo e hotelaria e gestão do turismo), ademais das peculiaridades desse mercado de trabalho.

Esses posicionamentos orientam a escolha do tema “Os significados e sentidos de ser Turismólogo (a), que estão inseridos o mundo do trabalho e a construção coletiva dessa classe profissional”. Assim sendo, o tema de pesquisa proposto se relaciona com o trabalho em turismo e a profissão turismólogo (a), o que representa uma relação entre os indivíduos e a sociedade (BERGER; LUCKMAN, 2006). O tema trabalho e profissão, por sua função social, é uma das necessidades principais que o indivíduo possui para a autoidentificação e a autodefinição em múltiplos âmbitos, também marcam a relevância do estudo proposto.

Dessa maneira, o objetivo geral desta pesquisa é analisar de que forma o (a) turismólogo (a) constrói os significados e sentidos de sua profissão, propondo identificar e mostrar as contribuições desse profissional no atendimento dos problemas sociais em que o turismo é direta ou indiretamente o protagonista. Esse objetivo compõe mais uma justificativa para a pesquisa no nível social de interesse.

Outros objetivos, específicos, da pesquisa são trazer à luz as resistências e desistências na profissão, ou seja, o sentido encontrado e a falta dele na carreira em questão. E identificar o trabalho que somente o (a) turismólogo (a) deve desempenhar na construção de um turismo responsável, na visão deles mesmos; no atendimento aos problemas sociais em que o turismo é direta ou indiretamente o protagonista.

Para melhor compreensão deste trabalho, sua divisão se dá em quatro capítulos. O primeiro apresenta a perspectiva teórica do trabalho relacionando-o ao conceito que é defendido nesta pesquisa de turismo. Este capítulo é necessário para

compreender a origem do turismo e identificar as dificuldades epistemológicas na área científica na construção da profissão.

No segundo capítulo é apresentada a construção da profissão turismólogo (a), a partir da profissionalização e particularidades do mercado de trabalho. Na sequência, o terceiro capítulo focaliza turismo e gênero, com reflexões sobre as teorias feministas, as mulheres no setor de serviços e alguns dos desafios e avanços do trabalho feminino na profissão em análise.

O quarto capítulo apresenta a abordagem teórico-metodológica que se baseia nas teorias da filosofia da linguagem e de outros autores a respeito de significado e sentido para dar luz às inferências das categorias – sentido e significado do trabalho e da profissão turismólogo (a), e o gênero na profissão.



## CAPÍTULO 1 – TURISMO E TRABALHO

Este capítulo apresenta o trabalho como categoria central da vida humana, que ultrapassa os valores de uso e de troca. O trabalho aqui é considerado uma dimensão do cotidiano e de pertencimento social. Além dos conceitos de trabalho usados de Antunes e Marx, o capítulo também mostra as transformações e complexidades do trabalho na vida do indivíduo. Apresenta, ainda, o marco do turismo a partir do capitalismo, o que traça a dicotomia do turismo, seja nos conceitos elaborados, nos estudos e, principalmente, na formação da profissão turismólogo (a).

### 1.1 Trabalho no Capitalismo

Antunes (2004) concorda com Lukács e Engels, o trabalho é considerado categoria central na vida humana, é uma forma originária do agir humano, porém não é a única, é mais que gerador de riquezas e transformação da natureza, é condição básica e fundamental da constituição.

Para Marx (1983, p. 149), trabalho é um processo segundo o qual o indivíduo “põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade, braços e pernas, cabeças e mãos, a fim de se apropriar da matéria natural numa forma útil à própria vida”. Nesse sentido,

[...] nas suas diferentes formas, enquanto fundamento da humanidade do indivíduo, o trabalho não é uma invenção ou uma escolha teórica. É um fato histórico posto na perspectiva da construção do desenvolvimento do ser humano. Seja o comportamento do indivíduo consigo mesmo enquanto ser universal, sejam as exteriorizações de si como ser individual, enfim, seja qual for a dimensão em que se expresse, a vida humana só se efetiva através da exteriorização das forças particulares do seu gênero universal, que por sua vez, foram interiorizadas a partir da obra coletiva do indivíduo, como resultado da história, do processo de trabalho. A dimensão social do indivíduo no registro do processo de trabalho não é uma abstração mas uma determinação histórica. O trabalho é, portanto, a chave que permite iniciar a busca da compreensão do indivíduo. (MARX, 1983, p. 34).

Assim, segundo Antunes (2004), o sujeito media, regula e controla a natureza. Ao compreender o trabalho como parte da constituição do indivíduo como ser social, por considerar um elemento criador da vida humana, como um dever e direito, traz em si algumas contradições: o desemprego e a exploração da força de trabalho (FRIGOTTO, 2010).

Antunes (2004), considera que os elementos simples do trabalho são a finalidade dele – valor de uso, o objeto e seus meios. O objeto é considerado a matéria-prima transformada pelo trabalho; os meios de trabalho são os mediadores que transformam o objetivo pela ação do trabalhador, podendo ser mais ou menos complexos, caracterizam as condições de trabalho das sociedades e a economia na história.

Ainda para o autor, a categoria trabalho não se reduz ao trabalho assalariado, faz parte da natureza do homem e de sua realização na vida cotidiana como ser social. Conclui que é:

um momento efetivo de finalidades humanas, *dotado de intrínseca dimensão teleológica*. E, como tal, mostra-se como *uma experiência elementar a vida cotidiana*, nas respostas que oferece aos carecimentos e necessidades sociais. Reconhecer o papel fundante do trabalho na gênese e no fazer-se do ser social nos remete diretamente à dimensão decisiva dada pela esfera da *vida cotidiana*, como ponto de partida para *genericidade para si* dos homens. (ANTUNES, 2004, p. 168, grifos do autor).

O processo do trabalho no capitalismo é a atividade que cria valor de uso ou produto, mediante a detenção da força de trabalho pelo capitalista, com a finalidade de atender às necessidades humanas e sociais.

Novos processos de trabalho surgem e dão lugar ao processo de trabalho como meio de produção, em que se produz com a finalidade de atender de forma eficiente, com trabalho vivo, ou seja, em que só a presença de equipamentos se torna inútil; necessitando-se do atendimento das demandas de produção. Surge o consumidor e, a produção, que antes estava orientada para a subsistência e a detenção dos meios de produção pelo trabalhador, agora está nas mãos do capitalista. É o que se chama trabalho alienado, no qual o capitalista compra a força de trabalho do trabalhador e é dono dos meios de produção. O trabalhador perde o controle sobre o produto de seu trabalho.

Nesse novo contexto, o trabalhador se coloca sob o controle do dono dos meios de produção e o produto ou valor de uso é dele, e se tem o surgimento da propriedade privada, de classes sociais e do trabalho assalariado. Com a perda da autonomia pelo trabalhador na produção e na detenção dos meios de produção, surge a mais-valia como o resultado do lucro pelo trabalho não pago ou sobre o trabalho. É a exploração da força de trabalho.

O valor de troca, venda, sobrepõe-se ao do uso e os objetos, materiais e equipamentos começam a ter menor tempo de utilização para dar continuidade ao sistema de produção. No final da década de 60 e início da década de 70, tem-se a primeira crise da acumulação do capital, culminando nos anos de 1990 com a reestruturação produtiva e ajustes estruturais. Nesses períodos iniciais, marcados por lutas da classe trabalhadora, o esgotamento produtivo do modelo Taylorista/Fordista das indústrias – o qual não consegue se adequar à retração do consumo, e os mercados mais competitivos, as relações sociais e de trabalho sofreram profundas modificações, ampliando as complexidades das relações de trabalho estabelecidas. O processo de mundialização se estabelece e se têm as privatizações e a crise do *welfare* ou estado de bem-estar social.

Como consequência desse cenário, as relações de trabalho veem alargado o desemprego estrutural, a precarização, a desregulamentação, a expansão de capitais e a divisão sexual do trabalho. O trabalho operário e antes estável, do modelo vertical e hierarquizado, começa a ser flexibilizado e de mandos horizontais. Os trabalhadores são vistos pelo capital não somente como força bruta, mas como sujeitos ativos e pensantes, cuja força de trabalho começa a ser usada na busca de soluções administrativas das empresas. Qualidade total e polivalência são a forma ideal do trabalho produtivo. A educação formal é influenciada por essas características de produção com atenção ao currículo flexível e estímulo aos conhecimentos pragmáticos.

A pós-industrialização e sua nova ordem do capital aumenta o número de profissões na área de serviços. Os desafios do mundo do trabalho, elencados anteriormente, implicam na ampliação do termo classe trabalhadora para atender à amplitude do ser social. Antunes (1999), utiliza o termo “classe que vive do trabalho” como sinônimo de classe trabalhadora, porém, abarca os assalariados dos setores público e privado e os desempregados. Para esse autor, um novo ser social emerge, com maior destaque em suas práticas sociais.

A classe trabalhadora que vive do trabalho na área de serviços, chamados trabalhadores improdutivos, uma vez que ao valor de uso sobrepõe-se o de troca e de sua intangibilidade, vivencia a permanência dos fundamentos materiais do capital. Dessa forma, Antunes concorda com Annunziato, para quem o setor de serviços se torna um mercado de trabalho abrangente e em expansão, e compreende os serviços do comércio, das finanças, dos bens e imóveis, da

hotelaria, dos restaurantes, divertimento, dos serviços pessoais, de negócios, da saúde, os serviços legais e gerais, o turismo, os bancos e serviços públicos. (ANTUNES, 2015, p. 63).

Nesse sentido, são reforçadas a mundialização dos capitais juntamente com a desterritorialização da produção, caracterizando-se pela sua fragmentação. As tecnologias e a ciência tornam-se preponderantes para dar conta desse novo contexto. Castells (2003), apresenta a sociedade em redes, considerada por ele como uma organização social que surge com o impacto das tecnologias de comunicação e informação na reestruturação do capitalismo. Segundo ele, essa sociedade é caracterizada pela globalização das atividades econômicas, flexibilização e instabilidade do emprego e individualização da mão de obra; cultura da virtualidade real e diversificada. Essa forma de organização social, ainda segundo Castells (2003), assim como na era da industrialização, abala as instituições, transforma culturas, cria riquezas e induz à pobreza, incita à ganância e ao desespero.

Na mesma perspectiva, Antunes (1999; 2015), cita que a precarização do trabalho – terceirização, trabalho parcial, informalidade, subcontratações, denominados de subproletariado, desregulação dos direitos trabalhistas cada vez maior, individualização extrema da relação salarial, perda da força sindical, a dessindicalização e a crise do *welfare*, coloca em situação de fragilidade os trabalhadores que vivem do trabalho e, sobretudo, o sujeito imigrante, negro e as mulheres, que têm sua condição de trabalho em maior nível de precariedade.

Esse contexto se estende aos países do chamado Terceiro Mundo, particularmente os industrializados como Brasil e México, e apresenta as seguintes tendências relativas a sindicatos: crescente individualização das relações de trabalho – do macro para o micro (sindicato-casa), desregulação e flexibilização no limite do mercado de trabalho, com a perda de direitos trabalhistas históricos, queda dos modelos sindicais vigentes ocasionada pelo desemprego estrutural, institucionalização e burocratização dos sindicatos, focados nas ações relativas ao capital com distanciamento das manifestações sociais autônomas; ampliação da ideologia do capital mediante métodos menos repressivos contra práticas anticapitalistas (ANTUNES, 2015).

Dessa maneira, Antunes (2015) marca a sociedade a partir da categoria trabalho, dimensão preponderante em seus estudos, e se posiciona contrário à

temática da crise da sociedade do trabalho, com relação à diferença entre trabalho concreto e abstrato. Para fortalecer o seu posicionamento, retoma Marx e afirma que todo trabalho é um dispêndio de energia da força humana, cria valor e tem uma finalidade.

Trabalho abstrato ou morto, como o do turismo, que se diferencia da indústria, da produção de escala, da não possibilidade de armazenamento, que tem a troca no cultural e na venda de serviços realizados no momento em que estão sendo comprados ou experienciados, refere-se ao desenvolvimento de mercadorias por meio da atividade intelectual e/ou manual que decorre da interação do sujeito com os meios de produção presente no setor de serviços. O mercado de trabalho no setor de serviços, especificamente o turismo, como parte dessa cadeia produtiva, é o tema central a seguir.

## 1.2 Turismo no Capitalismo e Trabalho

É primordial compreender o turismo a partir de sua origem para entendermos a complexidade desse fenômeno social na construção de sua identidade, seja como um setor, dependente das relações entre economia, cultura e meio ambiente, seja como campo de pesquisa, como, por exemplo, nos conceitos elaborados, que consideram o fator econômico como o principal aspecto do turismo, e se estendem à construção identitária da profissão.

Também é relevante ressaltar que o turismo se insere na centralidade do trabalho como uma das reivindicações da classe trabalhadora – acesso ao tempo livre, redução do tempo e intensidade de trabalho e ao ócio. Trabalho, lazer e ócio são inseparáveis do capital, um se alimentando do outro. Na contemporaneidade, a necessidade de viajar é, sobretudo, criada pela sociedade e marcada pelo cotidiano em que viajar é viver e sobreviver (KRIPPENDORF, 1989). Assim, no sistema capitalista, em que as atividades de lazer são também comercializadas, o turismo firma-se como alternativa lucrativa para a exploração e aproveitamento de recursos históricos, naturais ou culturais.

Como cita Krippendorf (1989), viajar é uma lista de interpretações e contradições, as quais revelam o cerne do turismo, que faz parte de múltiplas facetas da realidade humana e social. Para o autor, o turista ou viajante é um ser complexo, com diversas motivações articuladas para se deslocarem aos locais

visitados e o seu comportamento nesses locais dependerão de uma série de inter-relações psicológicas, sociais, bem como educacionais.

Apesar da contextualização histórica do turismo ser referenciada antes do capitalismo industrial por alguns autores, como Feifer (1985), que relata a disponibilidade de opções de viagens para a elite do Império Romano, esta pesquisa busca marcar a origem do turismo no capitalismo industrial, influenciado pelo desenvolvimento da tecnologia, uma vez que foi a partir da tecnologia que os deslocamentos para fins de saúde, trabalho, eventos e ócio caracterizaram novas práticas sociais.

Segundo Moesch (2004, p.14),

O Turismo, como prática social, começou a se desenvolver em meados do século XIX; porém, apenas a partir da década de 1950 é que se transformou em atividade de massa, significativa em termos socioeconômicos e culturais. O desenvolvimento do capitalismo industrial possibilitou o uso de sua tecnologia em outras áreas, entre elas, o Turismo. Este nasceu e se desenvolveu com o capitalismo. Talvez, por isso, os economistas aproveitaram esta atividade para equilibrar a balança de pagamentos de vários países durante estes últimos 30 anos.

A partir de 1960, o turismo teve grande aumento com o fluxo de pessoas pelo mundo, permanecendo fonte importante de divisas e investimentos nos países. Segundo dados do Plano Nacional de Turismo (PNT) 2013-2016, o crescimento do fenômeno turismo foi de 18,5% entre 2007 e 2011 com a geração de quase três milhões de empregos diretos entre 2003 e 2012. A participação do turismo na economia brasileira já representa 3,7% do Produto Interno Bruto (PIB) e estima-se que para o ano de 2022 o turismo seja responsável por 3,63 milhões de empregos.

Segundo o PNT,

o turismo é estratégico na geração de emprego e renda, destacando-se por possuir baixo custo de investimento por unidade de emprego criado. Demanda, também, uma grande diversidade de postos de trabalhos, com diferentes requisitos de formação, em praticamente todos os níveis. É esperado que, entre os legados a serem deixados pelos megaeventos e o impulso nas atividades econômicas correlatas, haja uma expansão no estoque total de empregos no setor de aproximadamente 800 mil pessoas ocupadas até 2016, elevando o estoque total de 2,78 milhões para 3,59 milhões de empregos formais, o que representa um crescimento anual de 6,64%, e eleva de 0,27 para 0,60 milhões o número de empreendedores individuais. (BRASIL, 2012, p.77).

Os planos de turismo e diversos estudos não acadêmicos e comerciais focam os números que o turismo pode gerar, com vistas ao valor de uso e troca que tem o turismo em sua base. Porém, considerar o turismo em sua complexidade traz à luz

algumas contradições em sua origem, como a dicotomia entre preservação/divulgação. Se por um lado há investimentos e incentivos do capital para o aumento do fluxo turístico, geralmente com apresentações de dados numéricos vultosos como os do PNT, por outro, existe a real necessidade de preservar o meio ambiente e a cultura.

Outra dicotomia se estabelece na composição emprego/desemprego. O turismo é reconhecido em grande parte das políticas públicas e documentos por suas altas divisas e pela geração de emprego e renda, porém, a realidade dos turismólogos (as) é de não participação efetiva nesse incremento na trajetória profissional, uma vez que muitos ou a maioria atuam em outras áreas profissionais.

Porém, segundo a Associação Brasileira dos Bacharéis em Turismo (ABBTUR) (2015),

se sobram oportunidades para o mercado de trabalho na área, faltam oportunidades para a força de trabalho qualificada no Brasil. O problema fica evidente no Relatório 2013 de Competitividade em Viagem e Turismo divulgado em março pelo Fórum Econômico Mundial. No item Oferta de Mão de Obra Qualificada, o Brasil ocupa a 96ª posição entre 140 posições possíveis. (s. p.).

Com relação à primeira dicotomia, preservação/divulgação, os conceitos e as práticas de sustentabilidade tentam dar conta desses conflitos, seja na elaboração e implementação de políticas públicas de turismo, seja na formação dos (as) turismólogos (as). Embora o turismo represente as relações de poder<sup>1</sup>, o contexto da hegemonia<sup>2</sup> da mundialização<sup>3</sup> e a ideologia do progresso adotado pelo Estado e suas políticas públicas, é um fenômeno social complexo, que vai além dos enfoques economicistas dos mercados. Trata-se de inter-relações entre sujeitos, turistas e comunidade local, tempo, espaço, símbolos compartilhados, motivações,

---

<sup>1</sup> Apple (1986 apud Guillermo, 2005) afirma que o poder e a política implicam qualquer esfera de atividade e todos os aspectos que tratam do sistema de recompensas; e o conflito de poderes sempre se dá as disputas ideológicas.

<sup>2</sup> A terminologia hegemonia está empregada para ratificar o tipo de turismo experienciado no Brasil e em outros países. Para isto, utiliza-se Gramsci (apud por Guillermo, 2005), que considera que a hegemonia tem direção espiritual e cultural. Abarca todo o conjunto das relações ideológico-culturais. Diz que a hegemonia é a expressão do domínio das classes dirigentes por meio da coerção e do consenso pela transmissão de valores sobre a visão de mundo compartilhada pela sociedade.

<sup>3</sup> Soler (2013) faz distinções entre os conceitos de globalização e mundialização, apesar de muitas vezes serem usados como sinônimos. Para ele, a globalização está relacionada ao mercado financeiro, enquanto que o conceito de mundialização é mais amplo. Está influenciado pela história, como o desenvolvimento dos intercâmbios e da divisão mundial do trabalho, por um lado, e a globalização financeira, por outro. Em segundo lugar, coloca em questão o Estado-nação que se mostraria impotente ante aos fluxos que não pode controlar e, por último, uma mundialização da comunicação que influencia a formação de uma cultura mundial global.

subjetividades, infraestruturas e relações sociais, podendo impactar os núcleos receptores que o desenvolvem de forma negativa quando insistem em promover as diversidades de seus atrativos culturais e naturais, muitas vezes com a ideia de que tudo é possível e permitido.

As degradações das cidades e da qualidade de vida de seus habitantes estimulam o aumento dos deslocamentos a locais que despertam motivações turísticas fora de seu entorno habitual. Além disso, a influência dos meios mediáticos na comunicação, divulgação e deslocamentos e a globalização que enfraquece as fronteiras entre local, regional, nacional e internacional também reforçam tais deslocamentos.

Algumas das principais críticas ao turismo estão na potencialidade de seus impactos negativos, muitas vezes maior que os positivos, com o aumento do número de visitantes nos núcleos receptores. De acordo com Krippendorf (1989), alguns desses impactos negativos são: especulação imobiliária, venda das margens das praias e a expulsão da população local dos centros à periferia, para a construção de hotéis de grande porte, dentre outros equipamentos turísticos. O autor ainda menciona alguns impactos positivos, como geração de emprego e renda, investimentos nacionais e internacionais, construção de infraestruturas básicas, de apoio e turísticas, além da preservação de recursos naturais e culturais.

Dessa forma, o turismo atrai o interesse público e privado devido aos impactos econômicos e sociais. Segundo Krippendorf (1989), geralmente os dois impactos, positivos e negativos, estão presentes em qualquer local que atrai fluxos turísticos. O ganho está em analisar constantemente se há mais custos ou benefícios para o local e os sujeitos, moradores ou turista.

Essa complexidade entre sujeitos, tempo e espaços, e os antagonismos expressados nas práticas discursivas políticas e sociais, podem ser traduzidos em uma das principais questões desse fenômeno social que é a sustentabilidade dos recursos naturais e culturais dos locais turísticos para as futuras gerações.

Nesse sentido, o turismo tem como base as constantes dicotomias: divulgação *versus* preservação, exploração *versus* preservação, tradicional *versus* moderno, também citado por Graça (1997). Certamente, essas dicotomias são alguns dos desafios do turismo como fenômeno social, os quais repercutem em todas as direções: sujeitos (moradores e visitantes), espaços, políticas turísticas e



ambientais, representadas pela comunidade local, pelo setor público, setor privado, pelos organismos não governamentais.

Assim, o turismo demonstra ser um estudo que oferece diversas abordagens. Porém, nota-se o prevaletimento da perspectiva do mercado e não a integral, que analisa o turismo dentro de limites e consequências para a sociedade. Apesar de serem registrados nas políticas públicas de turismo alguns discursos em direção à sustentabilidade, ela não é aplicada na prática, uma vez que nas relações comerciais, inclusive as existentes no turismo, o que predomina é o lucro, e que, para alcançá-lo, são definidas diversas estratégias mercadológicas mediadas muitas vezes pelo Estado, que faz esforços para transformar qualquer tipo de recurso em um produto lucrativo.

No contexto internacional, a política pública para o turismo culmina em um movimento direcionado a novas práticas econômicas e sociais. Graça (1997) considera que as contradições e os paradoxos do campo científico do turismo e as perspectivas intelectuais colocam em evidência as capacidades das sociedades locais em produzirem um novo modelo, rejeitando ou integrando o modelo dominante.

A autora conclui ainda que esse movimento se estabelece a partir da década de 1970, quando começam a surgir críticas ao paradigma econômico tradicional e o estímulo de novas práticas do turismo. Duas conferências representam esse novo direcionamento: a Conferência de Manila (1980) e a Declaração de Tamanrasset (1989), promovidas pela Organização Mundial do Turismo (OMT).

A primeira ocorre em meio à crise do turismo de massa, caracterizado pelo turismo de sol e praia e internacional, e se direciona ao incentivo do turismo interno, com motivações turísticas culturais, diversificação e autenticidade dos produtos turísticos. Nesse evento, o recurso natural ainda não está compreendido como patrimônio turístico, fato que coloca a Declaração de Tamanrasset em oposição àquela, uma vez que a natureza é considerada patrimônio essencial para o turismo e, portanto, a sua sustentabilidade é colocada em pauta nas políticas públicas.

Ambos eventos internacionais desencadearam o conceito de turismo responsável, caracterizado como “todas as formas de turismo que se respeitem os patrimônios natural construído e cultural das sociedades de acolhimento e os interesses de todas as partes envolvidas: habitantes, hóspedes, visitantes, indústria, governo, etc.” (GRAÇA, 1997, p. 17). Turismo responsável também pode ser

designado como turismo verde, alternativo, sustentável, ecológico e discreto. Sobre a designação de turismo responsável como alternativo, a autora faz críticas e afirma que esse conceito somente tem sentido se for referente ao desenvolvimento de novas práticas, devendo ser a ordem das políticas públicas de turismo.

Outro conceito considerado no segundo evento sobre turismo responsável é o fato de que todas as formas de turismo devem respeitar “os patrimônios natural construído e cultural das sociedades de acolhimento e os interesses de todas as partes envolvidas: habitantes, hóspedes, visitantes, indústria, governo, etc.” (GRAÇA, 1997, p.17).

Davidson (1992 apud GRAÇA, 1997) caracteriza o turismo responsável como aquele em que parte dos recursos deve pertencer ou serem geridos pelas comunidades locais, por empresas de pequeno porte, privilegiando o contato direto entre viajados (comunidade local) e viajantes, assim como enfatiza Krippendorf (1989). Ressalta ainda a relação igualitária entre ambos, preservação do ambiente, a autenticidade dos recursos e se assenta nas potencialidades locais.

O primeiro apresenta a perspectiva do conceito que é defendido nesta pesquisa de turismo. Oliveira; Pereira e Silva (et. al., 1997), referenciam o turismo responsável como contrário ao turismo convencional, sendo parte das dimensões do conceito de sustentabilidade. Também valorizam as características dos recursos naturais e culturais nos destinos, sustentando-as para as futuras gerações, visitantes e empresários; e a prática para o desenvolvimento do turismo responsável parte de ações de planejamento e gestão, como a criação de instrumentos de regulação e normatização, que determinam o caráter operacional do turismo responsável. Dessa forma, a gestão do turismo está condicionada ao aprendizado constante por meio da integração entre os diferentes atores envolvidos no planejamento e na organização do turismo. Participação, autogestão, integração e cooperação, tais como as iniciativas pública, privada e comunidade local, são as dimensões que marcam o turismo responsável na perspectiva daquelas autoras. Assim, as autoras concordam com Wheeler (apud GRAÇA, 1997) na generalidade que o conceito de sustentabilidade evoca.

Com finalidade de mencionar o turismo responsável na política pública de turismo no Brasil, ao analisarmos o PNT 2004-2009, observa-se um discurso focado no crescimento econômico com maior ênfase no mercado internacional, com a criação de produtos e serviços de grande porte e de luxo que beneficiavam os

interesses das grandes empresas de turismo, geralmente de capital internacional e como cópia do tipo de turismo estrangeiro. Entretanto, no panorama atual de crise econômica mundial essa meta política foi direcionada para o mercado turístico nacional, culminando na criação do PNT 2010-2014, que insere a inclusão no turismo.

Ainda sobre o PNT 2004-2009, é interessante notar que, em suas 47 páginas, somente em quatro momentos a palavra sustentabilidade é citada. Entretanto, deve-se acrescentar o registro demasiado das palavras: meio ambiente, diversificação, estandartes, qualidade e competitividade, do qual se pode verificar a reafirmação das dicotomias mencionadas anteriormente. Isso sinaliza o distanciamento da perspectiva da responsabilidade do turismo pelo Estado mediante a elaboração de políticas públicas.

O discurso do documento analisado enfocou principalmente a perspectiva do aumento de empregos e renda, ratificando a ideia de oportunidades de trabalho, educação e ascensão social “para todos”. Discurso este que está longe de ser praticado em diversas dimensões, em especial ser responsável e acessível a todos.

Uma vez que o PNT foi elaborado mediante gestão participativa - empresas, governo, organismos não governamentais e academia, com a participação mínima do Estado, encontra-se discursos referentes às associações, à gestão descentralizada e à racionalização dos custos, marcando os princípios da ideologia neoliberal, a qual coloca o Estado como o mediador dos interesses do setor privado.

Esse posicionamento do Estado brasileiro torna necessário evocar as palavras de Beni (1998) e Krippendorf (1989), para quem a presença atuante do Estado deve ser relevante em ações de planejamento, controle e ordenação político-administrativa do turismo. Já em outra parte do documento, observa-se a adoção da profissionalização no turismo no macroprograma “Qualidade do Produto Turístico”. Encontra-se também nesse ponto a referência à atuação do Estado no regulamento da formação profissional, reforçando-se a relação entre a educação superior voltada para a área do turismo e os próprios interesses mercantilistas, com a profissionalização da prestação dos serviços. Nesse sentido, tem-se uma importante equação equilibrada na educação, em que todos os atores envolvidos no turismo - atores locais, comunidade e setores público e privado locais e os externos, visitantes, influenciam na aplicabilidade do termo Responsável, uma vez que

responsabilidade é um valor ético construído na sociedade e em suas interações sociais, como a ética da indústria.

Assim como a educação, a economia demarca uma visão de progresso socializado na comunidade e ambas estão baseadas em contradições e diferentes interesses, o que marca alguns dos desafios do turismo responsável. Turismo responsável é o termo assumido nesta pesquisa porque amplia o que é sustentável no turismo, já que esse setor é multidimensional e multidisciplinar; além o termo incluir o sustentável, o ético e a inclusão.

## **CAPÍTULO 2 - PROFISSÃO TURISMÓLOGO (A)**

Neste capítulo são apresentadas algumas das peculiaridades da profissão turismólogo (a) e do (a) Bacharel em Turismo. Mostra-se a falta de distinção entre as duas formações e o desenvolvimento das mesmas práticas profissionais, apesar das formações serem diferentes em anos de estudo. Além de tratar do histórico da formação em Turismo no Brasil.

### **2.1. Formação e Mundo do Trabalho**

A valorização do turismo como força econômica geradora de divisas não é marcada por um período específico. Entretanto, o seu reconhecimento pode estar associado também à criação de cursos de formação profissional que, internacionalmente data a partir da década de 1960, fato que marca o aumento da atenção técnica dada às questões do turismo, principalmente na Europa e nos Estados Unidos da América (EUA).

O aumento do número de visitantes foi influenciado pelo contexto histórico, político, econômico e social da Europa pós Segunda Guerra Mundial. Isso também incentivou a iniciação científica em turismo, cuja pesquisa desencadeou estudos de impactos causados pelos grandes fluxos turísticos. Essas análises influenciaram o interesse e a necessidade de criação de instituições de educação em Turismo com cursos técnicos e superiores, na busca por solucionar os problemas locais apresentados pelo fenômeno turístico (REIJOWSKI, 1996).

No contexto brasileiro, encontra-se uma postergação no âmbito da atenção técnica quando comparado à Europa e aos Estados Unidos da América. O processo da construção educacional em Turismo inicia-se no período militar, com a implantação, em 1966, da Empresa Brasileira de Turismo, atualmente Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR). Essa ação estabeleceu as primeiras iniciativas públicas relacionadas ao desenvolvimento do turismo no país, com enfoque nas políticas mercantilistas que representavam as ideologias da época, presentes em toda a estrutura política e burocrática de Estado (REIJOWSKI, 1996).

Apesar das primeiras políticas datarem de 1966 no Brasil, os cursos superiores começaram apenas em 1971, com a criação do primeiro curso com habilitação única em Turismo, promovido pela Faculdade de Turismo do Anehmbi-

Morumbi, em São Paulo. Na Europa, assim como nos EUA, existiam escolas tanto em nível superior quanto técnico.

Na década de 1980, o fenômeno turístico no Brasil cresceu devido a seu contexto histórico, político, social e econômico e, a partir da década de 1990, esse movimento se refletiu no aumento dos cursos superiores em Turismo, sobretudo nas instituições privadas de ensino, que apresentavam o turismo partindo do conceito focalizado no quesito indústria.

Dessa forma, pode-se notar que o histórico da educação superior em Turismo e outras modalidades de ensino na área tiveram forte presença de interesses mercantilistas, expressados nas políticas de educação e de turismo e nas estratégias de divulgação turísticas. É relevante mencionar que os sistemas educativos são reflexos das demais políticas de Estado, as quais representam a visão da organização nacional e das ideologias assumidas por todas as instituições sociais, representadas pela política, economia, história e sociedade.

A academia tem demonstrado esforços para transcender essas marcas históricas no ensino do Turismo. E isso pode ser observado na reflexão da epistemologia do turismo, cuja contextualização histórica é influenciada pelos interesses das iniciativas privadas e públicas, pelo aumento dos cursos superiores em Turismo e tiveram como consequência a formação de comunidades científicas em nível nacional e internacional, e com isso, o aumento de estudos e publicações sobre o tema.

Ao fazer reflexões sobre os discursos adotados pelos livros publicados por diversos pesquisadores de São Paulo, Santa Catarina e Bahia, publicados pela editora Papirus, entre 1992-1996, observam-se as seguintes perspectivas ao tratar a educação superior em Turismo: são ratificadas as potencialidades do mercado de trabalho e o aumento da relevância do turismo em nível mundial, há discussões sobre os modelos de currículo mais adequados; são estudados perfis profissionais, as competências e habilidades para cada segmento profissional e são focadas questões sobre a qualidade de serviços turísticos e da educação superior em Turismo.

Nos livros da mesma editora, publicados no período de 1997-2004, são apresentadas atitudes menos eufóricas e discursos marcados pelas inquietudes e preocupação, tais como: diferenças entre as demandas e as ofertas acadêmicas, ou seja, apontamento do aumento de instituições que ofertam cursos de Turismo, bem

como o fato de a maioria estar na iniciativa privada; a não inserção dos egressos dos cursos superiores de Turismo no mercado de trabalho; preocupações com a qualidade do mercado de trabalho e dos cursos superiores; afirmações sobre a necessidade de fazer investimentos em pesquisas científicas sobre o fenômeno turístico; e, ademais, nota-se o aumento dos estudos sobre a formação profissional de Bacharéis em Turismo.

Tais discursos influenciam a construção epistemológica do turismo e ao mesmo tempo são inspirados por novas pesquisas, principalmente no que concerne ao conceito de turismo. A justificativa para tal afirmação é proporcionar uma reflexão geral em torno da natureza, postulados e paradigmas estruturais, bem como sua relação com a sociedade na perspectiva do olhar para tratar o turismo.

Sublinha-se a atual discussão sobre o conceito de turismo na academia, que ora é indústria, setor, atividade, sistema e ora fenômeno. Sob a perspectiva reducionista de indústria é criticada nos discursos acadêmicos no Brasil, o que demonstra certa concordância de que turismo é adotado como um estudo complexo.

Para Moesch (2002),

Revisitar a teoria do turismo a partir das novas práticas sociais desse fenômeno não é compromisso exclusivo dos pesquisadores e educadores nos mais de trezentos cursos da área no Brasil: essa preocupação epistemológica deve recair, também, sobre consultores e políticos que atuam no setor, no país e no exterior, cujos discursos eufemístico apontam números grandiosos, sem se ater ao papel dos sujeitos consumidores e produtores envolvidos. (p.25).

A fala de Moesch (2002) traz à tona a responsabilidade de toda a cadeia produtiva do turismo no que diz respeito ao planejamento e à organização da atividade. Assume-se nessa pesquisa que turismo é um fenômeno social, por sua natureza estar baseada na interrelação entre sujeitos, no compartilhamento de espaços, de tempo e das subjetividades intrínsecas nelas. Essas dimensões caracterizam a natureza do trabalho em turismo no aspecto humano.

A Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008, em seu artigo 2º, considera:

[...] turismo as atividades realizadas por pessoas físicas durante viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período inferior a 1 (um) ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras.

Parágrafo único. As viagens e estadas de que trata o caput deste artigo devem gerar movimentação econômica, trabalho, emprego, renda e receitas públicas, constituindo-se instrumento de desenvolvimento econômico e social, promoção e diversidade cultural e preservação da biodiversidade. (BRASIL, 2008, s.p.).

Observa-se que, de acordo com essa Lei, o turismo ainda é tratado pelas políticas públicas visando questões econômicas. No caso deste trabalho, a questão econômica não é deixada de lado, mas é considerada como uma dimensão não mais importante que as demais – ambiental, cultural, política e social, que devem ser aplicadas de forma articulada e não separada.

O mercado de trabalho do (a) turismólogo (a) apresenta peculiaridades como, por exemplo, a natureza do conhecimento do turismo ser multidisciplinar, bem como fragilidades: não regulamentação da profissão, que enfraquece a participação política dos turismólogos (as) por meio de conselhos profissionais e sindicatos, além da baixa inserção desse profissional no mercado de trabalho. O reconhecimento da profissão pela Lei nº 12.591, de 18 de janeiro de 2012, não diminuiu essas fragilidades, uma vez que essa Lei considera, conforme Art. 2º, como atividades do (a) turismólogo (a):

I - planejar, organizar, dirigir, controlar, gerir e operacionalizar instituições e estabelecimentos ligados ao turismo;

II - coordenar e orientar trabalhos de seleção e classificação de locais e áreas de interesse turístico, visando ao adequado aproveitamento dos recursos naturais e culturais, de acordo com sua natureza geográfica, histórica, artística e cultural, bem como realizar estudos de viabilidade econômica ou técnica;

[...]

XVIII - coordenar e orientar levantamentos, estudos e pesquisas relativamente a instituições, empresas e estabelecimentos privados que atendam ao setor turístico. (BRASIL, 2012, s.p.)

Enguita (1991), define grupo profissional como uma categoria autorregulada de pessoas que trabalham diretamente para o mercado numa situação de privilégio monopolista, sem que a sujeição ao poder público a influencie, além de possuir grande força corporativa. Nesse sentido, a carreira em questão, principalmente por suas fragilidades, não atende a nenhuma dessas dimensões mencionadas.

A atuação profissional do (a) turismólogo (a) se caracteriza na área de serviços, nas esferas pública e privada. As práticas desses profissionais se dão em diversos segmentos de mercado, como: meios de hospedagem, viagens, eventos, restauração e na organização e no planejamento do turismo, além de consultorias e docência. Tais práticas salientam o baixo grau de autonomia nos processos de trabalho.

Simbolicamente, a profissão é vista na sociedade como aquela que abarca pessoas que gostam de viajar, reduzindo o (a) turismólogo (a) e não o



caracterizando, uma vez que o (a) profissional não é um (a) turista. Essa perspectiva repercute no mercado de trabalho, causando mal-estar e insatisfação para o (a) profissional, que não se vê reconhecido (a) por suas atividades e seu papel social não apenas na divulgação das "belezas naturais", mas nas inter-relações criadas e ampliadas pela movimentação cultural, natural e econômica provocada pelo turismo quando abordado de forma consciente. Assim, ser turismólogo (a) é viver na contradição entre estar em um setor em expansão, com números de emprego e aumento na educação superior com diversas ênfases profissionais, mas não ser inserido no mercado de trabalho.

Uma vez que atualmente há uma redução na oferta de cursos superiores na área de turismo, torna-se importante a profissionalização nesse setor, bem como das ações e pesquisas. Enguita (1991), utiliza o termo profissionalização em pesquisas sobre a docência, não como sinônimo de qualificação profissional, mas como expressão de uma posição social e ocupacional da inserção em um tipo determinado de relações sociais de produção de processo de trabalho.

O autor também trabalha com a categoria semi-profissões, consideradas por ele como:

[...] geralmente constituídas por grupos assalariados, amiúde parte de burocracias públicas, cujo nível de formação é similar ao dos profissionais liberais. Grupos que estão submetidos à autoridade de seus empregadores, mas lutam para manter ou ampliar sua autonomia no processo de trabalho e suas vantagens relativas à distribuição da renda, ao poder e ao prestígio. (ENGUITA, 1991, p. 26).

Um (a) desses grupos é o (a) turismólogo (a), que busca o reconhecimento social e profissional, assim como significados e sentidos para resistir na profissão ou desistir dela. Nota-se nesses profissionais um certo mal-estar a respeito do nome turismólogo (a), e sobre a existência ou não de diferenças entre as competências de um e de outro. Não é unânime aos Bacharéis em Turismo o pertencimento ao grupo dos Turismólogos (as).

A ABBTUR (2015), diferencia os dois profissionais – bacharel e turismólogo (a), como:

Bacharel em turismo é um profissional de nível superior egresso dos cursos superiores de turismo e/ou turismo e hotelaria que disseminam ideias, planejam atividades e as gerenciam, através de sua capacidade de análise crítica e reflexiva agindo com responsabilidade técnica e procedimento ético para garantir o desenvolvimento sustentável da atividade nos seus diferentes segmentos, fomentando a pesquisa e o desenvolvimento de novas tecnologias. E Turismólogo está isento de qualquer pré-requisito de

formação acadêmica ou atuação profissional e de registro junto a qualquer órgão federal autárquico, pois é livre o exercício da profissão de turismólogo, em atenção à Lei 12591/12. (2015, s. p.).

Nesse sentido, para a ABBTUR (2015), a graduação em Turismo, deve possibilitar as seguintes competências:

o curso de graduação em Turismo deve possibilitar a formação profissional que revele, pelo menos, as seguintes competências:

- I – compreensão das políticas nacionais e regionais sobre turismo;
- II – utilização de metodologia adequada para o planejamento das ações turísticas, abrangendo projetos, planos e programas, com os eventos locais, regionais, nacionais e internacionais;
- III – positiva contribuição na elaboração dos planos municipais e estaduais de turismo;
- IV – domínio das técnicas indispensáveis ao planejamento e à operacionalização do Inventário Turístico, detectando áreas de novos negócios e de novos campos turísticos e de permutas culturais;
- V – domínio e técnicas de planejamento e operacionalização de estudos de viabilidade econômico-financeira para os empreendimentos e projetos turísticos;
- VI – adequada aplicação da legislação pertinente;
- VII – planejamento e execução de projetos e programas estratégicos relacionados com empreendimentos turísticos e seu gerenciamento;
- VIII – intervenção positiva no mercado turístico com sua inserção em espaços novos, emergentes ou inventariados;
- IX – classificação, sobre critérios prévios e adequados, de estabelecimentos prestadores de serviços turísticos, incluindo meios de hospedagens, transportadoras, agências de turismo, empresas promotoras de eventos e outras áreas, postas com segurança à disposição do mercado turístico e de sua expansão;
- X – domínios de técnicas relacionadas com a seleção e avaliação de informações geográficas, históricas, artísticas, esportivas, recreativas e de entretenimento, folclóricas, artesanais, gastronômicas, religiosas, políticas e outros traços culturais, como diversas formas de manifestação da comunidade humana;
- XI – domínio de métodos e técnicas indispensáveis ao estudo dos diferentes mercados turísticos, identificando os prioritários, inclusive para efeito de oferta adequada a cada perfil do turista;
- XII – comunicação interpessoal, intercultural e expressão correta e precisa sobre aspectos técnicos específicos e da interpretação da realidade das organizações e dos traços culturais de cada comunidade ou segmento social;
- XIII – utilização de recursos turísticos como forma de educar, orientar, assessorar, planejar e administrar a satisfação das necessidades dos turistas e das empresas, instituições públicas ou privadas, e dos demais segmentos populacionais;
- XIV – domínio de diferentes idiomas que ensejem a satisfação do turista em sua intervenção nos traços culturais de uma comunidade ainda não conhecida;
- XV – habilidade no manejo com a informática e com outros recursos tecnológicos;
- XVI – integração nas ações de equipes interdisciplinares e multidisciplinares, interagindo criativamente face aos diferentes contextos organizacionais e sociais;
- XVII – compreensão da complexidade do mundo globalizado e das sociedades pós-industriais, onde os setores de turismo e entretenimento encontram ambientes propícios para se desenvolverem;

- XVIII – profunda vivência e conhecimento das relações humanas, de relações públicas, das articulações interpessoais, com posturas estratégicas do êxito de qualquer evento turístico;
- XIX – conhecimentos específicos e adequado desempenho técnico-profissional, com humanismo, simplicidade, segurança, empatia e ética. (2015, s. p.).

A questão refere-se a diferenças tênues das práticas profissionais entre uma formação e outra e a duração na formação. Enquanto o (a) Bacharel em Turismo possui quatro anos de formação acadêmica, os (as) turismólogos (as), vindos dos cursos tecnológicos, tem menor tempo. Entretanto, ambas formações exercem as mesmas atividades que, segundo a ABBTUR (2015), fazem parte da prática profissional dos (as) bacharéis e turismólogos (as), como gerenciamento turístico, de meios de hospedagem, transportes, eventos, entretenimento e recreação, alimentos e bebidas, órgãos públicos do setor de turismo (Ministério de Turismo, EMBRATUR, Secretarias Estaduais de Turismo ou Órgão Oficial de Turismo Estadual, Secretarias ou Empresas Municipais de Turismo ou Órgão Oficial de Turismo Municipal), órgãos públicos ligados indiretamente ao turismo (Secretarias Estaduais ou Municipais de Cultura, Planejamento e do Meio Ambiente, Institutos de Pesquisas), organismos de representações diplomáticas (Consulados ou Embaixadas em atividades ligadas ao Turismo, Departamento de Turismo de Consulados e Embaixadas e Conselhos Internacionais de Turismo), empresas de Assessoria e Consultoria de turismo, Organizações não governamentais (ONGs), Entidades representativas do setor de turismo (Associação Brasileira das Agências de Viagem (ABAV), ABBTUR, Associação Brasileira de Empresas de Eventos (ABEOC), Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH), Associação Brasileira das Locadoras de Automóveis (ABLA), Associação Brasileira de Bares e Restaurantes Diferenciados (ABREDI), Associação Brasileira de Gastronomia, Hospedagem e Turismo (ABRESI), Associação Brasileira das Operadoras de Turismo (BRAZTOA), Sindicato das Empresas de Turismo (SINDETUR), entre outras), empresas privadas e/ou públicas que estejam indiretamente ligadas as atividades do turismo, parques Nacionais e áreas de preservação, imprensa especializada, periódicos Acadêmicos, editoras que publicam ou traduzem obras de Turismo, no Magistério – atuação como docentes em salas de aulas, laboratórios em cursos de graduação, ministrar aulas em cursos livres e cursos técnicos profissionalizantes, obedecendo à legislação de educação, em organizações de informação, documentação, estudos e pesquisas em turismo, seja em centros de estudos e pesquisas sobre turismo, pesquisando o setor e

divulgando dados específicos, nos moldes da FIPE, ou em Observatórios de Turismo.

Ainda, constitui práticas do (a) turismólogo (a), segundo ABBTUR (2015):

- I - planejar, organizar, dirigir, controlar, gerir e operacionalizar instituições e estabelecimentos ligados ao turismo;
- II - coordenar e orientar trabalhos de seleção e classificação de locais e áreas de interesse turístico, visando ao adequado aproveitamento dos recursos naturais e culturais, de acordo com sua natureza geográfica, histórica, artística e cultural, bem como realizar estudos de viabilidade econômica ou técnica;
- III - atuar como responsável técnico em empreendimentos que tenham o turismo e o lazer como seu objetivo social ou estatutário;
- IV - diagnosticar as potencialidades e as deficiências para o desenvolvimento do turismo nos Municípios, regiões e Estados da Federação;
- V - formular e implantar prognósticos e proposições para o desenvolvimento do turismo nos Municípios, regiões e Estados da Federação;
- VI - criar e implantar roteiros e rotas turísticas;
- VII - desenvolver e comercializar novos produtos turísticos;
- VIII - analisar estudos relativos a levantamentos socioeconômicos e culturais, na área de turismo ou em outras áreas que tenham influência sobre as atividades e serviços de turismo;
- IX - pesquisar, sistematizar, atualizar e divulgar informações sobre a demanda turística;
- X - coordenar, orientar e elaborar planos e projetos de marketing turístico;
- XI - identificar, desenvolver e operacionalizar formas de divulgação dos produtos turísticos existentes;
- XII - formular programas e projetos que viabilizem a permanência de turistas nos centros receptivos;
- XIII - organizar eventos de âmbito público e privado, em diferentes escalas e tipologias;
- XIV - planejar, organizar, controlar, implantar, gerir e operacionalizar empresas turísticas de todas as esferas, em conjunto com outros profissionais afins, como agências de viagens e turismo, transportadoras e terminais turísticos, organizadoras de eventos, serviços de animação, parques temáticos, hotelaria e demais empreendimentos do setor;
- XV - planejar, organizar e aplicar programas de qualidade dos produtos e empreendimentos turísticos, conforme normas estabelecidas pelos órgãos competentes;
- XVI - emitir laudos e pareceres técnicos referentes à capacitação ou não de locais e estabelecimentos voltados ao atendimento do turismo receptivo, conforme normas estabelecidas pelos órgãos competentes;
- XVII - lecionar em estabelecimentos de ensino técnico ou superior;
- XVIII - coordenar e orientar levantamentos, estudos e pesquisas relativamente a instituições, empresas e estabelecimentos privados que atendam ao setor turístico. ( s.p.).

Nesse sentido, pergunta-se: quem são os (as) turismólogos (as) e quem são os (as) Bacharéis em Turismo? O que fazem de diferente, já que planejamento e políticas públicas são de responsabilidade dos (as) Bacharéis em Turismo, mas também estão nas designações dos (as) turismólogos (as)? Esses são alguns dos

desafios da profissão, realçados pela pesquisa realizada com Bacharéis em Turismo, a ser apresentada no capítulo quarto deste trabalho.

Por exemplo, a profissão Guia de Turismo, que está dentro da cadeia produtiva do turismo é a única regulamentada. Conforme a Lei n. 11.771, de 11 de setembro de 2008, no seu art 2º,

[...] considera-se Guia de Turismo o profissional que exerça as atividades de acompanhamento, orientação e transmissão de informações a pessoas ou grupos, em visitas, excursões urbanas, municipais, estaduais, interestaduais, internacionais ou especializadas, cadastrado pelo CADASTUR. (BRASIL, 2008, s.p.).

Este profissional é oriundo de curso técnico e não superior, como é o caso do Bacharel em Turismo e/ou Turismólogo. A profissão Guia de Turismo não é o objeto de estudo desta pesquisa e, portanto, não será aprofundada suas peculiaridades, apesar de alguns turismólogos (as) darem a sua educação continuada a profissão Guia de Turismo.

## CAPÍTULO 3: TURISMO E GÊNERO

Neste capítulo apresenta-se uma perspectiva do turismo e gênero, procurando-se destacar o contexto feminino na profissão do turismólogo (a) e no mercado de trabalho, seus avanços e desafios, bem como as inter-relações desenvolvidas entre o ambiente profissional e familiar.

### 3.1 Presença Feminina no Turismo

A relevância de se incluir a questão de gênero nesta pesquisa parte de três argumentos. O primeiro baseia-se no número apresentado pelos dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2013, que indica que as mulheres são 51,4% da população. Passaram a viver mais, a ter menos filhos e são responsáveis pelo sustento de 37,3% das famílias.

O segundo está na grande quantidade de mulheres nos setores de serviços. Segundo dados da Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE (2012), os resultados apresentados sobre distribuição da população ocupada, por agrupamento de atividade segundo sexo, em 2003 e 2011, encontra-se que a participação da mulher no mercado de trabalho se caracteriza como: 13% estão alocadas na indústria, 1% na construção, 15,5% fazem parte da mão de obra atuante no comércio, 14,9 % em serviços prestados a empresas, 22,6% na administração pública, e 15,5 desempenham atividades na área de serviços domésticos, enquanto os homens, nesses serviços, representam um percentual de 0,7% e 16,2 % (outros). Dessa forma, encontra-se a presença feminina em sua maioria no setor de serviços, conforme apontam Antunes (2015), Castells (2003) e Hirata (2007).

O terceiro argumento se refere à quantidade de mulheres que fazem parte do fenômeno turismo, como trabalhadoras em bares, restaurantes, quiosques de praia, as “baianas do acarajé”, cozinheira e arrumadeiras nos hotéis, as ambulantes e artesãs e as do comércio local, dentre tantas outras que ocupam diferentes funções na cadeia produtiva do turismo. Ainda segundo o relatório do IBGE, baseado em dados da Relação Anual de Informações (RAIS) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), a caracterização da ocupação formal e informal para o Brasil e Regiões revelam que,

[...] proporcionalmente há mais mulheres trabalhando no turismo (46%) na economia (39%), que tem 61% de trabalhadores homens. No Núcleo do turismo, por sua vez, a maioria dos trabalhadores é mulher (55%). Isso se deve aos alojamentos e a agência de viagens, cuja mão de obra é predominantemente feminina, que representam, juntas, 61% dos empregos gerados no Núcleo do turismo, 44% e 17%, respectivamente. (BRASIL, 2013, p. 16)

Sobre a quantidade de turismólogas no Brasil, até o final desta dissertação não se encontraram registros oficiais que apresentassem a maior presença de turismólogas que turismólogos no mercado de trabalho. Apesar da experiência da pesquisadora desta dissertação de dez anos na docência em cursos de graduação em Turismo e afins constatar que há mais mulheres formadas e presentes nesses cursos, independente do período de aula. Para ratificar tal exposição, usa-se a ABBTUR, que afirma que foi solicitado diversas vezes ao Ministério da Educação, quantidade precisa de graduados em Turismo, Hotelaria, Gastronomia e Eventos, tanto de cursos de bacharelado como tecnológico, sem retorno.

Segundo o presidente nacional da ABBTUR, "a categoria deve ultrapassar trezentos mil profissionais de nível superior e, se contabilizarmos os graduados no exterior, chegaremos a 1 milhão de profissionais em todo o Brasil" (2015, s. p.). Torna-se relevante, nesse contexto, que a maior parte dos participantes da pesquisa aqui apresentada ser do gênero feminino, oportunizando dados e perspectivas ainda não abarcados pelos organismos e associações de monitoramento da profissão.

### 3.2 Teorias Feministas e de Gênero

Como a temática deste capítulo é gênero e turismo, não se pode falar de gênero sem antes falar das correntes feministas que apareceram na metade da década de 1960, cujo ponto de partida era a discussão da subordinação e opressão da mulher perante os homens na sociedade, e de como a categoria gênero assume preferência ao tratar a mulher e o homem em análises científicas. E não se pode falar de feminismo sem tratar dos dois os gêneros, feminino e masculino, pois o norteador da discussão feminista está nas as diferenças sociais entre ambos construídos na história da humanidade.

As primeiras correntes feministas nasceram nos Estados Unidos da América e na França e percorrem os demais países do ocidente. Podem ser assim divididas:

tendência liberal igualitária, radical (correntes teóricas marxista, socialista e popular) e as transformações ocorridas nas tendências radicais ao longo da história.

Feminismo, segundo Toupin (1998 apud ARAÚJO, 2010), é a tomada de consciência da mulher, de início individual, depois coletiva, contextualizada no tempo e espaço, sobre a sua posição subordinada em relação ao homem nas relações sociais construídas. Parte de uma revolta do *status quo* da mulher na sociedade e da luta para mudar sua situação na história da humanidade.

A partir dessa tomada de consciência, que levou à revolta e às lutas sobre a sua situação, as feministas começaram a refletir sobre a posição da mulher e correntes teóricas surgiram com olhares diferenciados para explicar o porquê da construção social relativa à mulher ser diferente da construção social do homem ao longo da história.

O feminismo liberal igualitário, que formulou suas análises a partir da igualdade de direitos entre mulheres e homens, também chamada de reformistas, inspirou-se no espírito da Revolução Francesa. Igualdade ao acesso à educação no campo do trabalho e salário, às leis, como implicações às discriminações e violências contra a mulher e à igualdade política (ARAÚJO, 2010).

Segundo Araújo (2010), essa corrente não se diferencia das demais, ou seja, todas lutam pela igualdade de direito entre homem e mulher. O que a diferencia é a sua visão positiva sobre um capitalismo possível, se aperfeiçoado, via reformas. Para ela, o meio mais potente de remover as discriminações imbricadas em todas as relações sociais relativas à mulher está na educação não sexista. Trata-se de socializar a mulher e o homem de outra forma, com mudanças nas mentalidades e nas leis discriminatórias. Essa corrente é considerada moderada e sofreu, posteriormente, influências de outras correntes do pensamento feminista, como a marxista e a radical.

O feminismo marxista ressurgiu no ocidente em torno da década de 70, contextualizado pelo movimento marxista. Para essa corrente, é a organização econômica, o capitalismo, que explica a exploração dos dois sexos. A opressão sobre as mulheres nasce com a propriedade privada, no afã do burguês ter o direito de passar suas heranças a futuras gerações, com a necessidade de instituir o casamento monogâmico, com o controle da mulher na vida privada e privação da produção social. É no sistema econômico e na divisão sexual do trabalho (homens na produção social e com trabalho assalariado e as mulheres no serviço doméstico e



maternal não remunerado) que o pensamento desse movimento feminista se baseia para sua luta. Segundo Araújo (2010), a corrente marxista, no que concerne à igualdade de direitos, mas era contra qualquer corrente feminista individualista ou autônoma, uma vez que considerava o feminismo como uma forma de luta da classe trabalhadora.

O feminismo radical, oriundo da negativa ao pensamento liberal das feministas reformistas ou das marxistas, foi a base para o surgimento do neofeminismo no ocidente, no fim da década de 60. Para o feminismo radical, a raiz da exploração da mulher estava no patriarcado, no sistema social que diferencia a relação homem e mulher em qualquer esfera social. Para elas, o patriarcado é o centro e o sistema capitalista é adjacente, uma vez que o patriarcado ultrapassa a base familiar e vai em direção a todos os níveis da sociedade, e é considerado o verdadeiro sistema social, que cria a cultura feminina e cultura masculina. Porém a corrente radical jamais se constitui numa corrente teórica homogênea (ARAÚJO, 2010).

No tocante à corrente socialista, tem-se que é a junção entre as marxistas e radicais, em que do patriarcado explicava-se a subordinação e opressão da mulher mediante a articulação classe/gênero, assumindo várias formas, como o racismo, sexismo, classismo e etnicismo. Porém, perde força no contexto da queda do muro de Berlim e de novas correntes, como as lésbicas e do feminismo negro (ARAÚJO, 2010).

O feminismo popular, considerado como “as práticas fixadas no cotidiano e cujas mobilizações se organizam em torno da sobrevivência da família ou das comunidades” (ARAÚJO, 2010, p. 47), é formado pela classe pobre dos países industrializados, que forma movimentos sociais populares. Todavia, as mulheres dessa corrente de pensamento não se autodefinem como feministas, apesar de compartilharem visões e práticas semelhantes à tradição feminista. As lutas principais dessa corrente são por alimentos, salário doméstico, trabalho precário, antirracismo e exclusão.

Passado pelo histórico das principais correntes teóricas feministas, chega-se ao que se considera as transformações sobre a questão da mulher e do homem na sociedade a partir da categoria gênero. As correntes feministas radicais repudiam explicações de diferenças entre o gênero pelo viés do determinismo biológico, implícitos nos termos “sexo” ou “diferença sexual”.

Para Scott (2001), gênero pode ter aparecido entre as feministas americanas que queriam usufruir da qualidade fundamental social das mulheres (MELO, 2005). Dessa maneira, gênero é a categoria mais usada atualmente para as questões da mulher e do homem. Ainda para o autor,

O “gênero” sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas de feminilidade. As que estavam mais preocupadas com o fato de que a produção dos estudos femininos centrava-se sobre as mulheres de forma muito estreita e isolada, utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional no nosso vocabulário analítico. Segundo esta opinião, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de qualquer um poderia existir através de estudo inteiramente separado. Assim, Nathalie Davis dizia em 1975: “Eu acho que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens quanto das mulheres, e que não deveríamos trabalhar unicamente sobre o sexo oprimido, da mesma forma que um historiador das classes não pode fixar seu olhar unicamente sobre os camponeses. Nosso objetivo é entender a importância dos sexos, dos grupos de gêneros no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la”. Ademais, e talvez o mais importante, o “gênero” era um termo proposto por aquelas que defendiam que a pesquisa sobre mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas no seio de cada disciplina. (SCOTT, 2001, p.87).

Ainda para a autora, a fixação exclusiva sobre as questões relativas ao sujeito individual e a tendência a retificar como a dimensão principal do gênero o antagonismo subjetivamente produzido entre masculino e feminino. As análises de Scott tem foco no entendimento das diferenças entre homem e mulher na história, utilizando a política para essa análise. Scott ainda relata que a identificação de gênero “mesmo quando aparece como sendo coerente e fixa, é, de fato, extremamente instável” (SCOTT, 2001, p. 5).

Isso quer dizer que não existe diferenças entre os e as pesquisadores (as) no tocante à escrita da história da mulher. O interesse pelas categorias de classe, raça e de gênero tinha por objetivo incluir a fala dos excluídos na história e sugere uma paridade, que para Scott (2001), não existe, pois,

Enquanto a categoria de “classe” está baseada na complexa teoria de Marx (e seus desenvolvimentos posteriores) sobre a determinação econômica e a mudança histórica, as categorias de “raça” e “gênero” não veiculam tais associações. Não há unanimidade entre os (as) que utilizam os conceitos de classe. Alguns (mas) pesquisadores (as) utilizam as noções de Weber, outros (as) utilizam a classe como uma fórmula heurística temporária. Além disso, quando mencionamos a “classe”, trabalhamos com ou contra uma série de definições que, no caso do marxismo, impliquem uma ideia de causalidade econômica e numa visão do caminho pelo qual a história avançou dialeticamente. Não existe esse tipo de clareza ou coerência nem para a categoria de “raça” nem para a de “gênero”. (p.89).

No caso de “gênero”, para Scott, o seu uso se baseia em um corpo teórico e de tendências descritivas relativas aos sexos, não existindo nem unanimidade entre aqueles que utilizam o conceito de gênero. Nesse sentido, a questão da mulher no mercado de trabalho representa não apenas uma luta ligada aos movimentos feministas, mas à própria questão identitária social do homem enquanto ser.

### 3.3 As Mulheres no Mundo do Trabalho

Trabalho, família e mercado de trabalho passaram por profundas mudanças nas relações sociais com a entrada e permanência da mulher no mercado de trabalho remunerado. Castells (2003), apresenta alguns dos fatores que estimularam essas mudanças, como a informatização, integração em rede e globalização da economia, além da segmentação do mercado de trabalho por sexo. Esse último é o que Hirata (2007) chama de divisão sexual do trabalho.

Outros fatores apresentados por Castells (2003) são: o aumento da produtividade pelo menor salário pago às mulheres em comparação aos homens, alta escolaridade e especialização das mulheres nos países mais desenvolvidos; capacidade de relacionamento, que anteriormente estava na esfera da vida privada da família de tipo patriarcal, atualmente chamada de gestão de pessoas; e a flexibilidade do trabalho feminino, em tempo parcial ou empregos temporários. Já que a maior parte das mulheres está no setor de serviços e prestação de serviços pessoais, apesar do aumento da atuação feminina em cargos de ensino superior e executivos ligados à informatização da economia. Ainda segundo o autor,

As mulheres não estão a ser relegadas para serviços que exijam menor especialização: são empregadas em todos os níveis e estruturas e o crescimento do seu número de cargos é maior na camada superior da estrutura organizacional. E é exatamente isso que exigem qualificações semelhantes em troca de salários menores, com menos segurança no emprego e menores hipóteses de chegar a posições mais elevadas. (CASTELLS, 2003, p. 200).

No tocante ao estudo do trabalho das mulheres, Hirata (2007) apresenta diversos estudos sobre a divisão sexual do trabalho como uma crítica ao trabalho, na qual questiona a sociedade salarial ao não tratar o trabalho doméstico como trabalho, temática central em suas pesquisas. Afirma ainda que tais pesquisas sofreram mudanças ao longo do tempo, inclusive em nível conceitual. A origem da

discussão sobre o tema tem como foco a reflexão e crítica de um sistema que representa a realidade das relações sociais no trabalho e na vida privada das mulheres de diversos países do mundo, talvez de todos.

Segundo a autora (2007), foi na França que a abordagem da divisão sexual do trabalho foi levada a diversas reflexões em diferentes campos de estudo, como: qualificação, produtividade, mobilidade social, competência, relação de serviço, trabalho de cuidado pessoal, mixidade no trabalho, acesso das mulheres às profissões de nível superior, temporalidades sexuadas, vínculos entre políticas de emprego e políticas para família. Dessa maneira, as teorizações a respeito da divisão sexual do trabalho têm origem na França.

Hirata e Kergoat (2007) explicam que há duas concepções sobre trabalho e gênero. O primeiro apresenta as diferenças entre homem e mulher na distribuição de cargos e profissões, que tem categorias como tempo e espaço preponderantes para análises de dados. Essa concepção se relaciona com um sistema social que legitima a divisão hierarquizada das atividades entre trabalho de homem e trabalho de mulher. A segunda se refere às diferenças entre os gêneros no trabalho doméstico. Esse é o foco das análises de Hirata (2007), que confere ao trabalho doméstico e suas consequências no sistema social um desafio para a igualdade de gênero.

Foi com a tomada de consciência de uma opressão que teve início o momento das mulheres em externalizar coletivamente na enorme massa de trabalho que é efetuada gratuitamente pelas mulheres, que esse trabalho invisível, que é realizado não para elas mesmas, mas para os outros é sempre em nome da natureza, do amor e do dever materno. (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 597)

Segundo as autoras, a divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos e de sua sobrevivência, com designação prioritária dos homens como o mantenedor da família e das mulheres como reprodutoras, além da afirmação do valor social do trabalho masculino.

As autoras ainda afirmam que tal conceito deve ser expandido. Suas análises sobre o conceito identificam que ele é organizado segundo os princípios de separação, trabalho de homem e trabalho de mulher e de hierarquia, trabalho do homem vale mais que o da mulher. Ambos princípios seguem a perspectiva biológica, encontradas em todas as sociedades, variando no tempo e espaço e nas modalidades.

As modalidades apresentadas pelas autoras são determinadas pelas relações sociais construídas a partir da cultura de cada país, na qual caracterizam as realidades das mulheres em diversos contextos e, principalmente, na vida laboral e vida privada.

As autoras tratam a divisão sexual do trabalho como a:

precarização do emprego de “nomadismos sexuados” (Kergoat, 1998), nomadismo no tempo (trabalho em tempo parcial, geralmente associado a períodos de trabalho dispersos no dia e na semana), nomadismo no espaço para homens (provisório, banalização e aumento dos deslocamentos profissionais de executivos na Europa e em todos outros países). Divisão sexual do trabalho amolda as formas do trabalho e emprego e, reciprocamente, que a flexibilização pode forçar as formas mais estereotipadas das relações sociais de sexo. (HIRATA; KERGOAT, 2007, p.600)

Elas ainda apresentam o contexto das mulheres no mundo do trabalho: aumento do número de mulheres executivas e de nível superior, exposto por Castells (2003) também; aparecimento, pela primeira vez na história de mulheres com interesses que se opõem ao tempo parcial (de serviços mal remunerados, sem reconhecimento social e de empregos precários); mulheres que investem em suas carreiras e precisam externalizar o trabalho doméstico.

É esse o ponto que Hirata e Kergoat (2007) aprofundam suas análises, a externalidade do trabalho doméstico, ou seja, as modalidades assumidas nas relações sociais para tratar da questão participação, permanência e investimento da mulher no mercado de trabalho e a consequência disso para a sua vida privada, sobretudo nos serviços domésticos, na relação entre casais e de cuidado com a família.

Externar o serviço doméstico, que antes foi e ainda é percebido como de cunho feminino, começou a ser repensado e traz diversas consequências sociais, econômicas e culturais. São elas: apaziguamento de tensões entre casais, maior participação da vida doméstica de alguns pais, maior precarização do trabalho para mulheres em situação de risco, maiores diferenças entre classes sociais - questões de poder nas relações trabalhistas; imigrações, maioritariamente feminina, estabelecendo relações étnicas de trabalho, uma vez que essas imigrantes têm que deixar seus filhos com outros por longos períodos, provocando, no presente, traumas na socialização primária das crianças e prováveis problemas sociais no futuro.

Para repensar as relações sociais em consequência do contexto apresentado e de suas tensões, os países tomaram iniciativas por meio da elaboração e implementação de políticas públicas, que culminam na teorização de vínculo social. Tal teorização está baseada nos modelos de conciliação entre vida profissional da mulher e vida familiar, e no modelo de delegação, ou seja, delegar o trabalho doméstico e cuidado com os filhos para a massa excedente de mão de obra, que, no caso europeu, é de imigrantes mulheres e, no brasileiro, de migrantes mulheres e/ou imigrantes negras e pobres. Essas políticas públicas, aos olhos das autoras, são fortemente sexuadas, já que ratificam o que é a realidade social da maioria das mulheres: trabalho profissional e doméstico do homem é diferente do trabalho profissional e doméstico da mulher.

Na abordagem da conciliação, segundo as autoras, estão presentes conceitos de vínculos sociais (solidariedade orgânica, parceria, coordenação, e divisão de tarefas) e a ideia de que a divisão sexual do trabalho profissional e doméstico, atentando-se para a existência de diferenças entre trabalho de homem e de mulher no quesito profissional, apenas reproduz os papéis sociais do trabalho doméstico, de responsabilidade quase que exclusivamente da mulher, tendo por base a expressão flexibilização de tarefas.

Sobre a flexibilidade, Castells (2003) explica que no trabalho feminino está relacionada ao equilíbrio da vida doméstica, já que seu trabalho é visto como complemento do salário do companheiro, cuidados com a casa e os filhos. O autor menciona o limite do esgotamento nervoso que esse sistema provoca nas mulheres.

Logo, o tipo de trabalhador exigido pela economia informacional em rede ajusta-se às necessidades de sobrevivência das mulheres que, sujeitas às condições ditadas pelo sistema patriarcal, procuram compatibilizar trabalho e família, contanto com pouca colaboração dos seus maridos. (CASTELLS, 2003, p. 209).

A partir das críticas do termo “conciliação”, alguns pesquisadores propuseram outros termos, tais como, conflitos, tensões e contradição para fortalecer a crítica à situação das mulheres. Parceria é outro paradigma que desdobra da lógica de conciliação de papéis, que busca, na teoria, dividir igualmente o trabalho doméstico e cuidado com a família entre homem e mulher.

Na abordagem do modelo da delegação, para que as mulheres possam estar maior tempo nas empresas e investir em suas carreiras, externalizam os serviços domésticos e familiares à massa de migrantes e imigrantes mulheres, que oferecem

serviços de babás, domésticas e cuidadoras. Esse é o modelo cada vez mais usado nas relações sociais no mercado de trabalho, uma vez que apaziguam tensões familiares, entretanto aumentam as diferenças de classes sociais e fortalecem a precarização do trabalho feminino. Para as autoras, Hirata e Kergoat (2007) não se pode pensar nesse modelo sem relacioná-lo à servidão doméstica.

Afirmam ainda que o reconhecimento do trabalho doméstico como trabalho profissional é um campo de estudo a pouco tempo abordado, centrado nas ciências sociais, mas que perde sua força atualmente. Isso é considerado um retrocesso no estudo da divisão sexual do trabalho e reforça a ideia de que “tudo muda, mas nada muda”, concernente à opressão da mulher no mundo do trabalho e nas relações sociais.

Segundo Castells (2003), é nesse contexto que a atuação da mulher na participação econômica e manutenção da família ganha força e poder, o que fragiliza a ideologia do patriarcalismo. O trabalho fora de casa ampliou a rede de contatos e discussões de gênero no sistema econômico, social e cultural, que se alimentou dos movimentos feministas iniciados nos anos 60, conforme apresentados anteriormente.

## CAPÍTULO 4 - ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Neste capítulo postulamos sobre a abordagem teórico-metodológica adotada para a análise dos dados trabalhados no decorrer desta dissertação, apresentando as categorias analíticas bem como os métodos para obtenção dos dados ora aqui apresentados para o suporte das percepções sobre o sentido e significados da profissão do (a) turismólogo (a). Para reforçar, o objeto de estudo desta dissertação de mestrado são os egressos dos cursos superiores de turismo.

A proposta metodológica é o caminho definido para alcançar os objetivos de pesquisa e responder ao problema enfrentado neste estudo. Os significados e sentidos de ser bacharel em Turismo, título desta dissertação, levanta temas como o mundo do trabalho e a construção coletiva da classe profissional turismólogo (a), que compõem inquietudes particulares da pesquisadora deste estudo, traça como o método de estudo o qualitativo, do tipo exploratório/explicativo, já que as respostas encontradas estão nas inferências dos enunciados dos (as) entrevistados (as), via questionário ou entrevista cara a cara.

Ademais, a pesquisa é considerada qualitativa porque parte do posicionamento de que o turismo é um fenômeno social, multifacetado e composto pelas inter-relações complexas entre o sistema turístico, visitantes e comunidade local, que tem sua origem no capitalismo e contradições ontológicas que atingem a classe trabalhadora dos turismólogos (as). O tema – trabalho em turismo e a profissão turismólogo (a), representa uma relação dialética entre os sujeitos e a sociedade (BERGER; LUCKMAN, 2006).

A pesquisa é explicativa devido à amplitude de observações que direcionam o problema de pesquisa, e exploratória para obter conhecimentos mais profundos sobre a temática. Esta pesquisa assume que as categorias que aprofundam as análises do problema, “quais são os significados e sentidos da profissão de turismólogo (a) para esta classe profissional no Brasil?”, são: trabalho, gênero, e formação profissional do turismólogo (a), significados e sentidos.

O método, análise do discurso (AD), é o caminho que orienta as análises das respostas para cada objetivo da pesquisa, que são: a) analisar de que forma o (a) turismólogo (a) constrói os significados e sentidos de seu trabalho; b) identificar as contribuições desse profissional no atendimento dos problemas sociais em que o



turismo é direta ou indiretamente o protagonista na opinião dos turismólogos (a); e c) identificar as resistências e desistências dos sujeitos na profissão turismólogo (a).

Segundo Brandão (2012), a análise do discurso nasceu na interdisciplinaridade entre linguistas, historiadores e alguns psicólogos, e associa o linguístico ao social. Para a autora é a apreensão do tratamento da linguagem nas ciências sociais.

Bakhtin (1997), considera a linguagem como a teoria do discurso em seu livro *Marxismo e filosofia da linguagem*.

Sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como produto da interação viva das forças sociais. (BAKHTIN, 1997, p. 66).

Compreender a enunciação e outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é nossa compreensão. Assim, cada um dos elementos significativos isoláveis de uma enunciação e a enunciação toda são transferidos nas nossas mentes para um outro contexto, ativo e responsivo. A compreensão é na forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra. (BAKHTIN, 2006, p. 127).

Este método foi adotado para alcançar os significados e sentidos da profissão turismólogo (a) dos (as) participantes da pesquisa, por meio da enunciação dos sujeitos entrevistados (as), com o uso de questionário e entrevista. Dessa forma, se considera os sujeitos participantes como sócio-histórico e contextualizado em seu tempo e espaço.

Para Brandão (2012) e Bakhtin (1997), a noção de sujeito histórico e ideológico é fundamental, pois a fala é um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço socialmente produzido, em que o discurso de um sujeito e de outro se interrelacionam, ou seja, o outro é constitutivo do sujeito.

As ferramentas usadas para responder ao problema desta pesquisa e para alcançar os objetivos propostos, foram duas: a) questionário e b) entrevista cara a cara. Os sujeitos da pesquisa foram egressos (as) dos cursos de graduação em Turismo, inseridos e não inseridos no mercado de trabalho profissional.

O questionário, com 43 (quarenta e três) itens compostos de 28 (vinte e oito) perguntas fechadas e 15 (quinze) abertas, foi elaborado com o uso da ferramenta disponibilizada pelo grupo Google, intitulada *googledocs*, e a criação de um link

enviado a pelo menos uma Instituição de Ensino Superior (IES) de cada região brasileira.

A região Centro-Oeste, representada pelo Distrito Federal, foi composta por grupos de ex-alunos e de colegas da rede de contatos da pesquisadora deste trabalho. Tais participantes são oriundos das IES: Faculdade Cenecista de Brasília (FACEB), União Pioneira e Integração Social (UPIS), Projeção e Centro Universitário IESB. As demais regiões brasileiras foram representadas pelas seguintes instituições: Universidade Federal do Pará (UFPA), Região Norte, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Pontífica Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Região Sudeste, Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), Universidade do Vale de Itajaí (UNIVALI), Região Sul e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Região Nordeste. Dessa maneira, todas as regiões brasileiras foram contempladas, com pelo menos um participante turismólogo (a) de cada região. O *link* criado foi enviado às coordenações dos cursos de graduação em Turismo, sendo solicitada a gentileza de seu reenvio aos seus respectivos pares e estudantes do curso de turismo. O total de respondentes turismólogos (as) com esta estratégia foi de 38 (trinta e oito) sujeitos.

Os itens do questionário se referiram a informações necessárias que embasaram as interpretações dos enunciados dos (as) participantes, com vistas ao problema e aos objetivos de pesquisa. As perguntas se referiam à formação, aos dados do curso (graduação, nome, cidade, instituição, período, ano de término), pós-graduação, trabalho atual (turno, motivo principal que exerce o trabalho, nível de satisfação), motivos de estar ou não no turismo, trajetória profissional, vantagens e desvantagens de ser turismólogo (a), reconhecimento social da profissão, associado a alguma entidade de classe, trajetória profissional para os próximos anos, contribuições do trabalho do (a) turismólogo (a) para a sociedade, qual o nome profissional para se autodefinir e por último, os dados pessoais, como cuidados com a casa, com os (as) filhos (as) e faixa salarial. Acrescentam-se ainda perguntas que fortalecem as categorias de análise adotadas: trabalho em turismo, gênero e profissão turismólogo (a). O período de aplicação do questionário foi de três meses, compreendendo fevereiro a abril de 2015.

Concomitante ao envio e ao recebimento das respostas do questionário, foram escolhidas quatro pessoas, bacharéis em Turismo, com experiência profissional na área, mas que não necessariamente estivesse atuando no turismo. A

intenção foi conseguir sujeitos heterogêneos para alcançar a repetição de respostas daquele primeiro grupo, mediante trajetórias profissionais diferenciadas.

As entrevistas, com guia orientativo de quatorze perguntas e duração média a de 50 minutos foram aplicadas de forma a preservar a imparcialidade e a não contaminação dos dados frente às opiniões da pesquisadora. Os locais escolhidos foram definidos pelos (as) próprios (as) entrevistados (as), no sentido de proporcionar maior conforto para que os sujeitos sentissem-se protegidos para expressar suas opiniões. Assim, as entrevistas ocorreram em escola de inglês, café com áreas internas, a casa da pesquisadora e o local de trabalho do entrevistado.

Todas as entrevistas foram gravadas, sendo recolhido termo de consentimento de que os enunciados de cada entrevistado (a) seriam usados somente para fins acadêmicos, sem restrições de citações, preservado suas identidades. As questões das entrevistas versaram sobre: formação acadêmica, trajetória profissional, contribuições da academia na vida profissional, opiniões sobre a profissão, aspirações profissionais para o futuro, desejo de atuar em qual área do turismo, desejo de continuar na profissão, qual a importância do trabalho do (a) turismólogo (a) para a sociedade, como o turismo provocou mudanças na vida, identificação de dificuldades no mercado de trabalho dessa classe profissional, qual atuação profissional que somente o (a) turismólogo (a) deveria fazer e qual o sentido da profissão para cada entrevistado (a).

Os itens dos dois instrumentos de pesquisa – questionário e entrevista – foram confeccionados de forma a responder e embasar as necessidades orientativas do problema da pesquisa e de seus objetivos: “quais são os significados e sentidos da profissão de turismólogo (a) para esta classe profissional no Brasil?”, analisando a) de que forma o (a) turismólogo (a) constrói os significados e sentidos de seu trabalho; b) identificar as contribuições desse profissional no atendimento dos problemas sociais em que o turismo é direta ou indiretamente o protagonista na opinião dos turismólogos (a); e c) identificar as resistências e desistências dos sujeitos na profissão turismólogo (a).

Para dar conta da complexidade que aborda o estudo, também foram utilizadas as seguintes técnicas de coleta de dados:

- a) Pesquisa Bibliográfica que buscará construir base teórica de caráter explicativo apoiada na literatura disponível;

- b) Pesquisa Documental para analisar os documentos relativos à profissão - via sítio da Associação Brasileira dos Bacharéis em Turismo - ABBTUR e o PNT;
- c) Entrevistas com perguntas abertas, face a face;
- d) Elaboração de questionário com perguntas abertas e fechadas por meio da internet a pelo menos uma IES de cada região brasileira.

Como não houve acesso, até a finalização desta pesquisa, informação do número total de turismólogos (a) no Brasil e, especialmente, no Distrito Federal, a amostragem deste trabalho se caracteriza pela amostragem não probabilísticas, por acessibilidade, também chamada de conveniência, muito utilizada no estágio exploratório de pesquisa (CHURCHILI; LACOBUCCI, 1988; OLIVEIRA, 2001, apud DUARTE; BORDA, 2012).

Segundo Gil (2010) para que uma seleção percentual represente com fidedignidade as características do universo, esta deve ser composta por um número suficiente de casos. “Este número por sua vez, depende dos seguintes fatores: extensão do universo, nível de confiança estabelecido, erro máximo permitido e percentagem com a qual o fenômeno se verifica” (GIL, 2010, p. 95).

De acordo com o cálculo de amostras para populações finitas propostas por Gil (2010), o percentual da pesquisa deve envolver 20% dos (as) turismólogos (as). Entretanto, devido à impossibilidade de ter a precisão da quantidade de turismólogos (as) no Brasil, determinou-se o envolvimento de pelo menos 10% da população que participou do questionário, incluindo mais quatro sujeitos para a entrevista cara a cara, o que garante o critério de confiabilidade que pode variar entre 10% a 30% da amostra.

#### 4.1 Categorias Analíticas

As categorias analíticas definidas neste trabalho são: trabalho, profissão turismólogo (a), gênero e sentidos e significados, uma vez que ajudam no arcabouço das análises das estratégias de pesquisa e se relacionam com o problema e objetivos de pesquisa.

Todas as categorias estabelecidas embasaram as interpretações dos dados e serão usados os conceitos de trabalho de Antunes e divisão sexual do trabalho de Hirata e Scott. A definição de turismo de Moesch (2002), assumindo-o como

fenômeno social, e a profissão turismólogo com o histórico dessa profissão, na academia e no mercado de trabalho também foi utilizada.

#### A) Trabalho

Esta categoria será percebida nas inferências das análises à luz dos apontamentos de Antunes, Lukács e Frigotto.

Antunes (1999) concorda com Lukács e afirma que o novo ser social, ao ultrapassar a relação homem e natureza e suas ações instintivas, tem na consciência do indivíduo sobre si mesmo o processo de realizar ações e decisões, mediados na práxis social interativa. O trabalho não se reduz à sua finalidade.

O uso da consciência humana, fato objetivo, marca essa práxis como forma mais complexa. Por meio da auto atividade e do autocontrole, o indivíduo se produz e reproduz como gênero humano, numa relação de prolongamento e distanciamento e não separação e disjunção (ANTUNES, 1999).

Segundo Antunes (2004, p. 143), “o sentido da vida encontra no trabalho seu primeiro momento de realização”, porém esse sentido não se resume ao trabalho. Ainda nas palavras do autor:

Na busca de uma vida cheia de sentido, a arte, a poesia, a pintura, o momento de criação, o tempo de liberdade, têm significado muito especial. Se o trabalho se torna autodeterminado, autônomo e livre, e por isso dotado de sentido, será também (e decisivamente) por meio da arte, da poesia, da pintura, da música, do uso autônomo do tempo livre e da liberdade que o ser social poderá se humanizar e se emancipar em seu sentido mais profundo (p. 143).

A própria busca por uma vida de sentido é socialmente compartilhada pelos seres sociais para sua autorrealização individual e coletiva. “É uma categoria genuinamente humana, que não se apresenta na natureza. Vida, nascimento e morte são destituídos de sentido” (ANTUNES, 1999, p. 143).

Somente quando o homem social falha na busca de sentido para a sua vida é que ocorre a antítese, perda de sentido. Assim, o turismo e o ócio, fazem parte das necessidades humanas e como afirma Krippendorf (1989), atualmente, a necessidade de viajar é, sobretudo, criada pela sociedade e marcada pelo empobrecimento ou não do cotidiano. Viajamos para viver e sobreviver.

#### B) Profissão Turismólogo (a)

Será analisada pelo seu histórico na educação formal e na construção da profissão. A palavra tursimólogo surgiu para dar nome à profissão que fosse diferente da formação Bacharel em Turismo. Essa categoria será analisada na perspectiva da construção da profissão, segundo as suas peculiaridades, trazendo à luz a abordagem teórica sobre trabalho.

Lembrando que turismólogo (a), segundo a Lei nº 12.591 de janeiro de 2012, é uma profissão que deverá ser exercida

- I - pelos diplomados em curso superior de Bacharelado em Turismo, ou em Hotelaria, ministrados por estabelecimentos de ensino superior, oficiais ou reconhecidos em todo o território nacional;
- II - pelos diplomados em curso similar ministrado por estabelecimentos equivalentes no exterior, após a revalidação do diploma, de acordo com a legislação em vigor;
- III - por aqueles que, embora não diplomados nos termos dos incisos I e II, venham exercendo, até a data da publicação desta Lei, as atividades de Turismólogo, elencadas no art. 2º, comprovada e ininterruptamente há, pelo menos, cinco anos. (BRASIL, 2012).

#### C) Gênero

Será analisado segundo Scott e Hirata, a partir do argumento que a maioria dos (das) entrevistados (as) desta pesquisa é de mulheres e a maior parte delas está no setor de serviços, como é o caso do turismo.

#### D) Sentidos e significados

Bakhtin, Vygotsky, Melo e Barreiros serão os autores que embasarão essas duas categorias.

Assim, Vygotsky (2002), em suas análises sobre as fases do desenvolvimento da linguagem por meio da socialização primária e secundária traz a relevância da fala interior, assim como Bakhtin. Na fala interior, para Vygotsky (2002) há o predomínio do sentido de uma palavra sobre o seu significado. Para essa afirmação, o autor utiliza Pullman, para quem

o sentido de uma palavra é a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra deserta em nossa consciência. É todo complexo fluido e dinâmico, que tem várias zonas de estabilidade desigual. O significado é apenas uma zona do sentido, a mais estável e precisa. Uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge, em contextos diferentes, altera o seu

sentido. O significado permanece estável ao longo de todas as alterações do sentido. O significado dicionarizado de uma palavra nada mais é do que uma pedra no edifício do sentido, não passa de uma potencialidade que se realiza de formas diversas na fala. (PULLMAN apud VYGOTSKY, 2002, p. 181).

Para Vygotsky (2002), o contexto da palavra que dá o seu sentido é a lei fundamental da dinâmica do significado, ou seja, dependendo do contexto, uma palavra pode significar mais ou menos. Segundo Pullman, citado por Vygotsky (2002), o sentido de uma palavra é um fenômeno complexo, móvel e variável, de acordo com o contexto. Conclui ainda que, palavra e sentido são mais independentes do que palavra e significado. Palavras podem mudar de sentido e sentido pode modificar palavras. Segundo ele, o sentido de uma palavra está relacionado com toda a palavra e não com sons isolados, o sentido de uma frase está relacionado com toda ela.

Para eles, Pullman e Vygotsky (2002, p. 182), a fala interior, o pensamento, tem o predomínio do sentido sobre o significado, da frase sobre a palavra e do contexto sobre a frase constitui a regra.

Vygotsky (2002) diz que a fala exterior é o pensamento expresso, enquanto que a interior é dinâmica e instável e inconsciente. Já para Bakhtin (1997), a fala exterior, refere-se à língua, à consciência, ao pensamento, enquanto a fala interna dá o tom de suas análises na Teoria da Filosofia da Linguagem, que deve ter a enunciação como a realidade da língua e como estrutura sócio-ideológica. Para ele, a língua é um fato social, cuja existência se funda com as necessidades de comunicação. Ele valoriza a fala, a enunciação e o contexto sociocultural, histórico e ideológico da enunciação. A enunciação é de natureza social, não individual.

Para ele, a fala é o motor das transformações linguísticas, ela não conhece os indivíduos; com efeito, a palavra é a arena onde confrontam aos valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema: comunidade semiótica e classe social não se recobrem. A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou existência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder etc. (BAKHTIN, 1997, p. 14).

Enunciação para ele é compreendida como a réplica do diálogo social, é a unidade da base da língua, trata-se do discurso interno, o discurso consigo mesmo ou exterior. Por isso, que para ele, a natureza da palavra e da fala são sociais e o ideológico está imbricado na construção das práticas sociais. Bakhtin não separa a semiótica da comunicação do ideológico e afirma que “a separação da língua de seu

conteúdo ideológico constitui um dos erros mais grosseiros” (BAKHTIN, 1997, p. 96) e que todas as teorias marxistas estão estruturalmente ligadas aos problemas de linguagem (p. 31).

O teórico ainda diz que “o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto” (BAKHTIN, 1997, p. 106), e que “pensamento pode ser comparado a uma nuvem descarregando uma chuva de palavras. É exatamente porque um pensamento não tem um equivalente imediato em palavras, a transição do pensamento para a palavra passa pelo significado” (p. 186).

Para Barreiros (2013), o processo de produção social, cultural e pessoal têm como elementos os significados. A atividade humana é significada, ou seja, a ela é dada uma interpretação, na qual, para Bakhtin e Vygotsky, o natural se transforma em social. Assim, Bakhtin diferencia significado e sentido. Significado para ele se refere ao abstrato, dicionarizado, de conhecimento dos linguístas; enquanto que o sentido é o significado contextual.

De posse desses conceitos, bem como das categorias de análises, buscou-se a compreensão dos sentidos de ser turismólogo (a) frente ao questionário aplicado, bem como os seus resultados, os quais passa-se à interpretação.

## 4.2 Análise e interpretações dos dados

### 4.2.1 Questionário

Estes são os dados obtidos a partir da aplicação do questionário a pelo menos uma IES de cada região brasileira. Foram 43 (quarenta e três) itens, dos quais 28 (vinte e outro) foram compostos por perguntas fechadas e 15 (quinze) por perguntas abertas, enviados às coordenações dos cursos de Turismo e reencaminhados aos respectivos grupos. A ferramenta utilizada foi o *googledocs*, por meio da disponibilização de formulário *on line*.

As perguntas relativas aos dados mais pessoais foram deixadas por último como estratégia de evitar constrangimentos logo no início do questionário. De acordo com as respostas, confeccionou-se gráficos no sentido de tornar a visualização da situação do (a) turismólogo (a) mais clara.



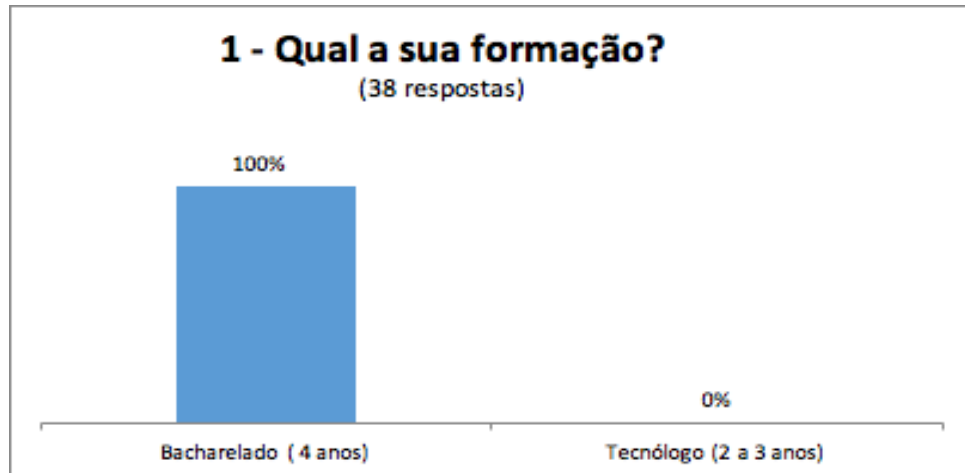


Gráfico 1 - Formação dos entrevistados

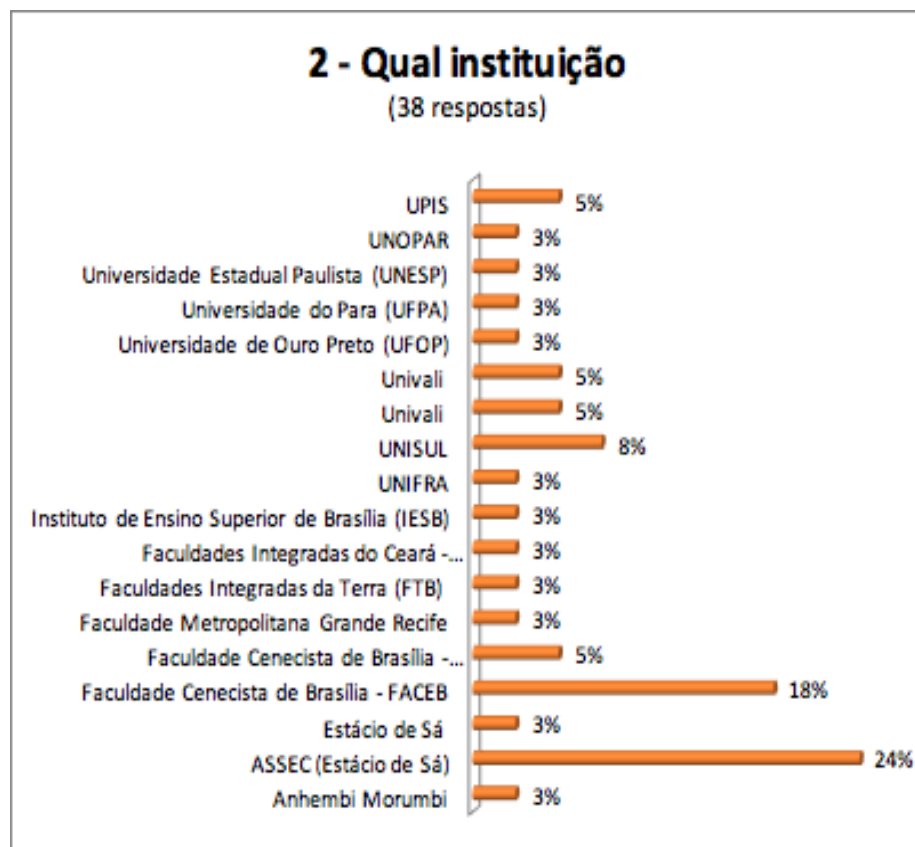


Gráfico 2 - Instituição de Formação dos entrevistados

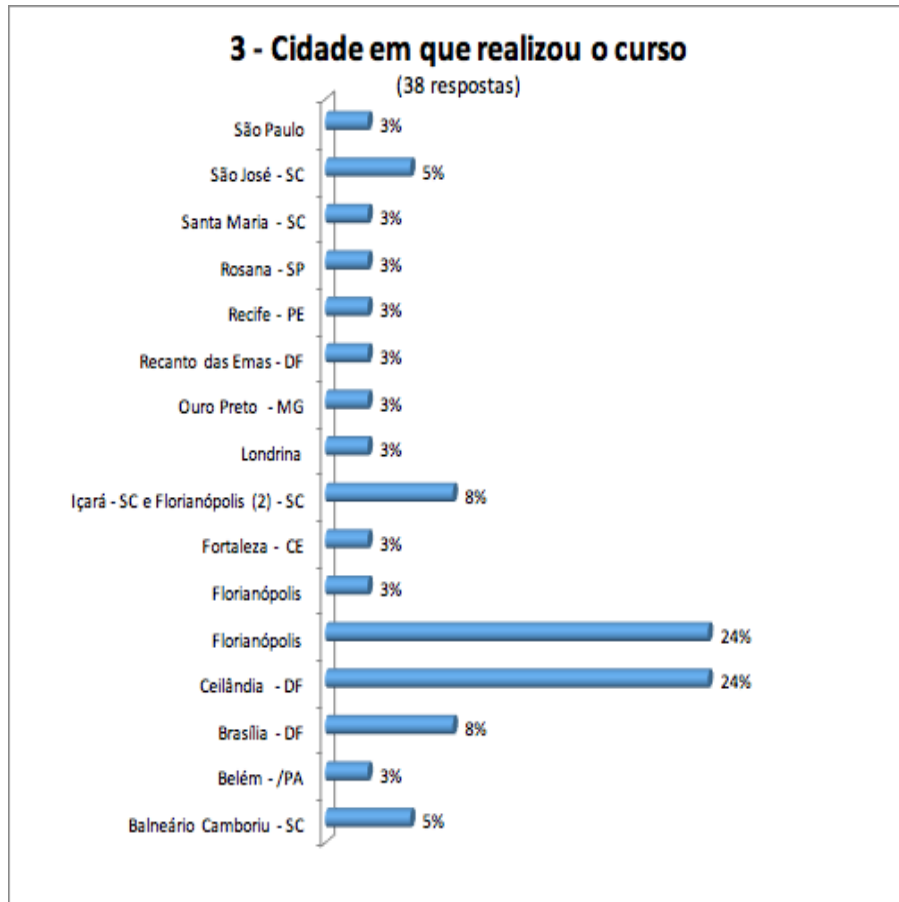


Gráfico 3 - Cidade de Formação dos entrevistados

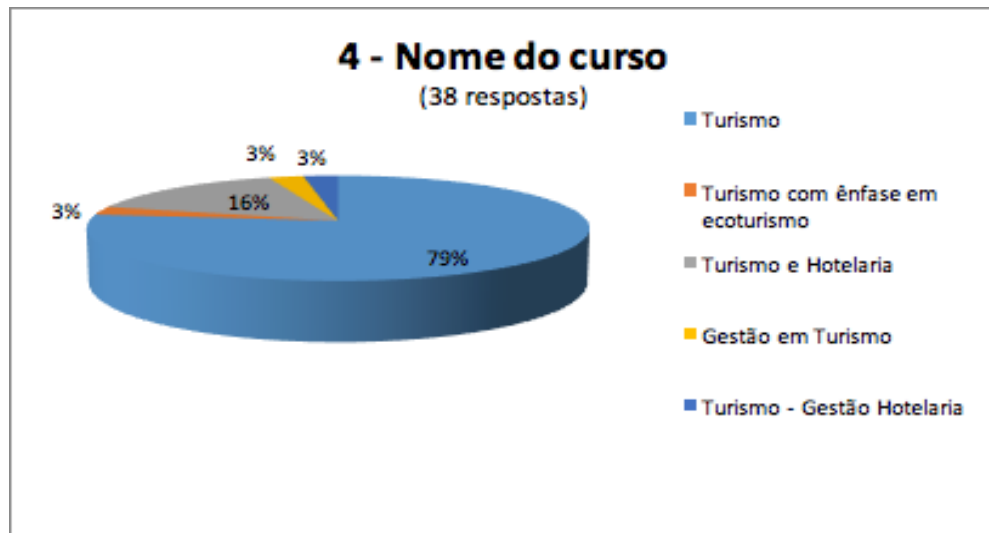


Gráfico 4 - Nomeclatura do curso

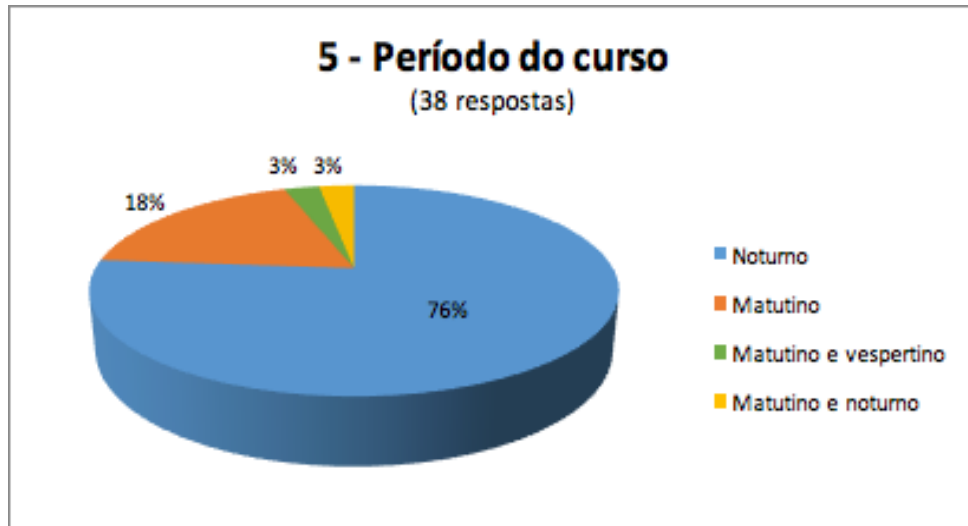


Gráfico 5 - Período do curso

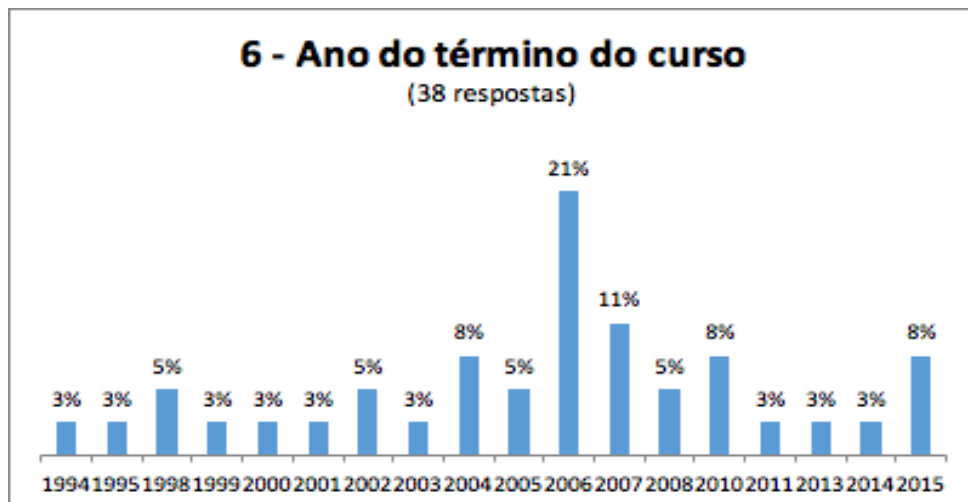


Gráfico 6 - Término do curso

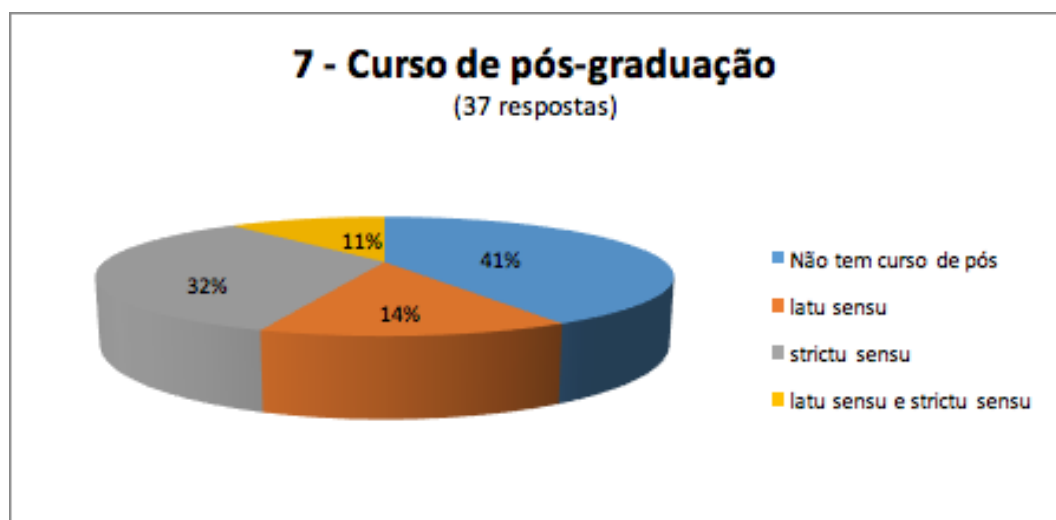


Gráfico 7 - Curso de pós-graduação

As análises dos gráficos acima, de 1 a 7, indicam que todos (as) que participaram do questionário são Bacharéis em Turismo, com graduação de quatro anos e estudantes de cursos noturnos. São trabalhadores (as) em outros turnos, desempenhando atividades laborais ou em situação de desemprego, ou cuidavam da casa e dos filhos ou desenvolviam outras atividades nos demais períodos. Essa é uma característica dos cursos de graduação em Turismo, que em sua maioria é ofertada no período noturno, sobretudo nas IES particulares.

Outra observação importante é que a maioria dos participantes é oriunda de IES particular, que não tem em suas diretrizes pesquisa e extensão, obrigatoriamente, como a base do ensino, como acontece nas IES públicas. Esse fato indica a reprodução de políticas públicas e leituras sem a devida criticidade.

Os nomes dos cursos foram alterados pelas IES com o passar do tempo para se tornarem mais atrativos aos alunos e para se diferenciarem entre si na disputa por um maior número de estudantes. Tal aumento também marca, a partir da década de 80, a representação da profissão como a profissão do futuro.

A classe trabalhadora dessa categoria profissional mostra que investe na educação continuada como estratégia para entrar e se manter no mercado de trabalho. Somando-se os que têm curso de pós-graduação, seja *lato sensu* e *stricto sensu*, tem-se a maioria dos respondentes. Isso pode indicar quatro fatores: a) é um mercado caracterizado pela qualificação profissional, por profissionais que investem na educação continuada, mas que não é absorvida pelo mercado de trabalho, apesar dos números apresentados pelas políticas públicas de turismo serem de altas taxas de empregos diretos e indiretos; b) talvez seja um mercado de trabalho pouco atrativo para a alta qualificação dos Bacharéis em Turismo; c) a partir do aumento dos cursos de graduação em Turismo em todo o Brasil abriu-se espaço para a atuação como docente nas novas IES e muitos Bacharéis em Turismo se colocaram no campo do ensino e da pesquisa; e d) a negação da culpabilização que o mercado de trabalho apresenta sobre a falta de qualificação dos profissionais Bacharéis em Turismo.

Nesse sentido, as palavras do presidente da ABBTUR, reforçam os esforços da classe em se qualificarem, mas também revelam a pouca absorção desse profissional no mercado de trabalho: “Porém se sobram oportunidades para o mercado de trabalho na área, faltam oportunidades para a força de trabalho qualificada no Brasil” (2015, s. p.).

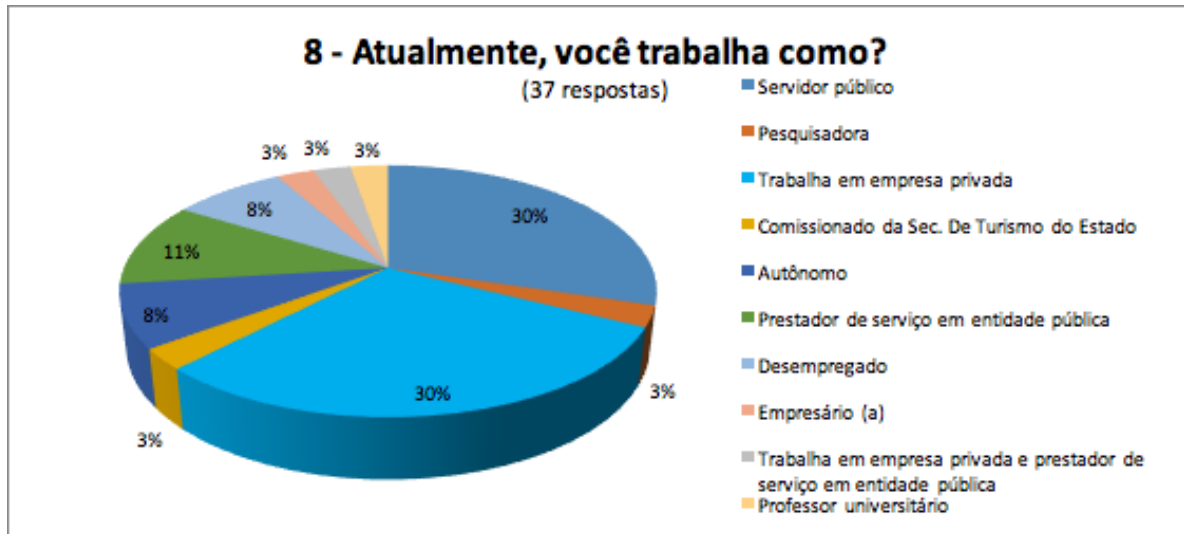


Gráfico 8 - Ocupação atual

O gráfico 8 indica que a maior parte dos entrevistados atualmente está na esfera pública, seja via concurso, terceirizado, comissionado ou via edital Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e outros editais de organismos internacionais, totalizando 47%. Essa é uma realidade marcante no Distrito Federal - DF, que tem o concurso público como uma aspiração profissional forte entre estudantes e egressos de cursos, não somente nos cursos de Turismo. Grande parte dos participantes questionário aplicado para fins desta pesquisa são do DF. Nessa perspectiva, nota-se que poucos se tornaram empresários em nível de Brasil e a maioria está na esfera privada de trabalho. 8% pode ser considerado uma alta porcentagem em valores relativos de desempregados nesta pesquisa, que teve o total de amostragem do questionário de 38 (trinta e oito) pessoas.



Gráfico 9 - Atuação em Turismo

A análise do gráfico 9 revela que, em se falando em nível Brasil, pelo menos um turismólogo (a) de cada região brasileira diz estar empregada na área de turismo. Porém, pela quantidade de participantes desta primeira etapa da pesquisa, há indicativos de que muitos não estão na área, 39%, ainda, tem-se que 3% do total entrevistado não estão atuando no mercado de trabalho atualmente. Com relação aos que não atuam no mercado de turismo, os motivos relatados são: não apareceu nada na área, pouca oferta qualitativa de trabalho, má remuneração e discrepância entre o ensino na academia e a prática profissional, conforme apresentação no gráfico 22. Esta afirmação vai ao encontro das práticas profissionais em áreas como hotelaria, transportes e eventos, nas quais o profissional tem que passar por todas as áreas até chegar a uma que exija os seus conhecimentos específicos de gestão de turismo, hotelaria, transportes ou eventos, por exemplo.

Esse panorama reforça o posicionamento de Antunes (1999), que afirma quais os problemas na esfera do trabalho na contemporaneidade: terceirizações, trabalho por temporada, alta temporada e baixa temporada, muito usada na área de turismo, e precarização do trabalho.



Gráfico 10 - Instituição laboral

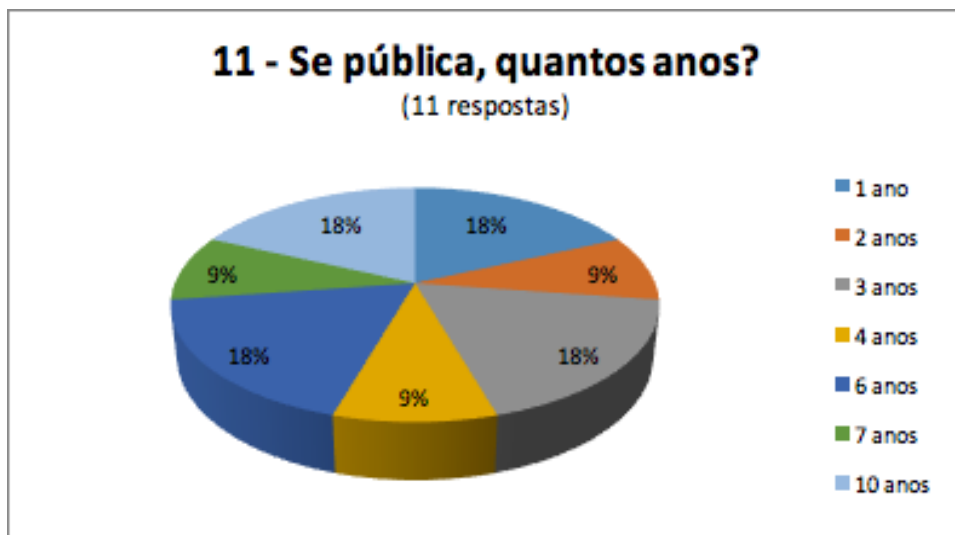


Gráfico 11 - Quantidade de anos

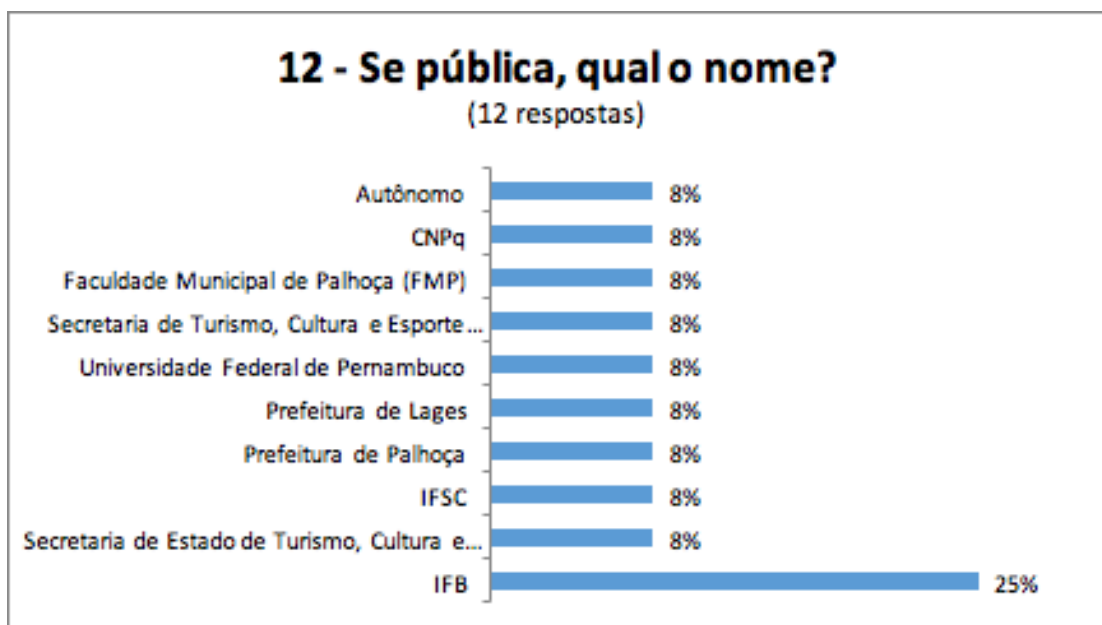


Gráfico 12 - Nome da Instituição

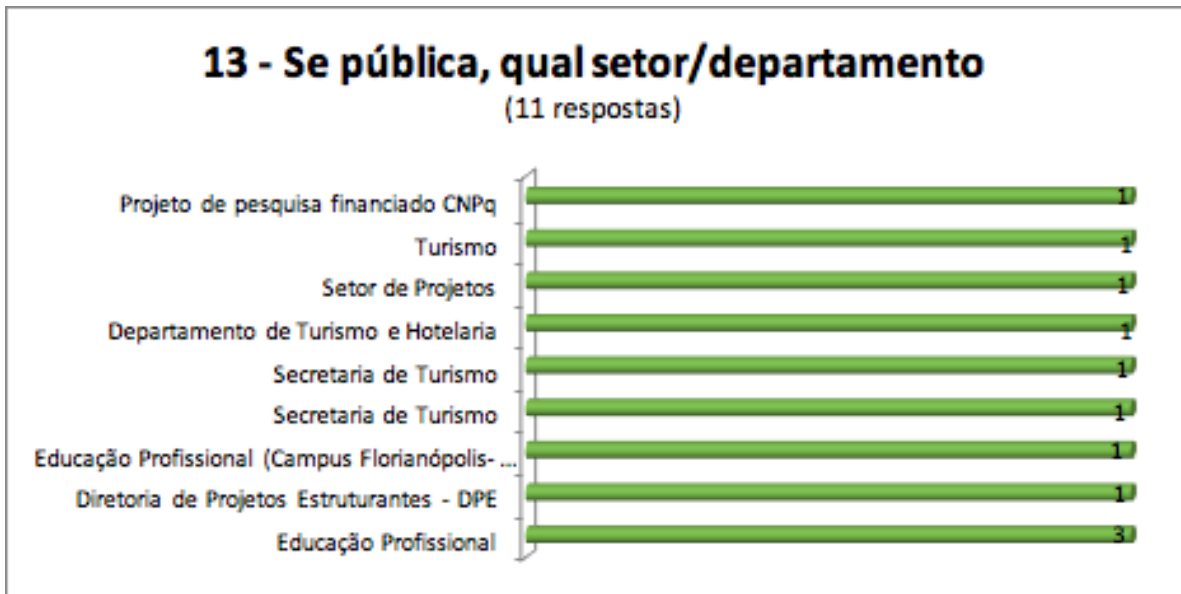


Gráfico 13 - Departamento de atuação

Os gráficos 10 a 13 indicam que a 50% dos (as) respondentes estão no setor público e 41% estão na área da educação – educação profissional – IFB e IFSC -, Universidade Federal de Pernambuco e Faculdade Municipal de Palhoça -, o que corrobora a afirmação de que muitos (as) turismólogos (as) encontraram na docência o seu trabalho principal, seja no ensino do turismo, hotelaria, eventos e cursos afins, proporcionado pelo aumento dos cursos de nível superior em Turismo. Isso se relaciona com o quadro sete, que faz referência ao cursos de pós-graduação e educação continuada em Turismo. Reforça também o que Reijowski (1996) diz sobre a diminuição da não colocação no mercado de trabalho em Turismo, e que isso se deve à entrada de turismólogos(as) na educação superior ou profissional.

Com esse aumento de turismólogos (as) na educação superior e profissional, juntamente com o aumento de cursos de Turismo e afins em IES, começa-se um movimento pelo aumento do número de pesquisas e reavaliação dos conceitos de turismo que antes privilegiavam o assunto como indústria. Aponta-se o esforço de pesquisas sobre epistemologia do turismo, sobretudo de Moesch (2002), que faz uma análise epistemológica do turismo, junto a sua origem, no capitalismo, para desconstruir o turismo como indústria e reconstruí-lo como fenômeno social, assim como é apontado tal posicionamento do conceito de turismo nesta pesquisa.



Ainda, além daqueles diretamente envolvidos na docência, tem-se aqueles formados que atuam na iniciativa pública, como pesquisador do CNPQ, ou órgãos de turismo em diversas áreas, como revelam dados do gráfico 13.

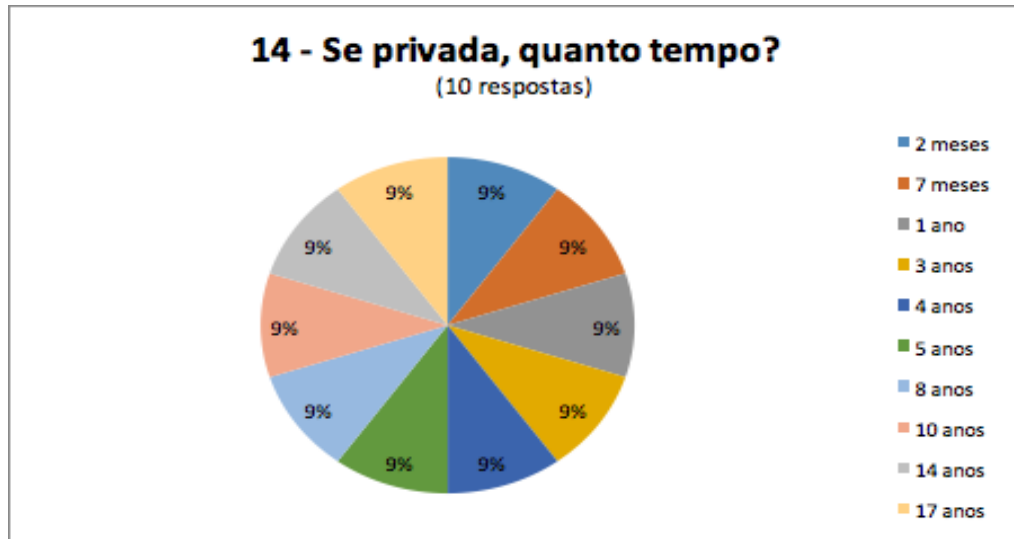


Gráfico 14 - Tempo de atuação

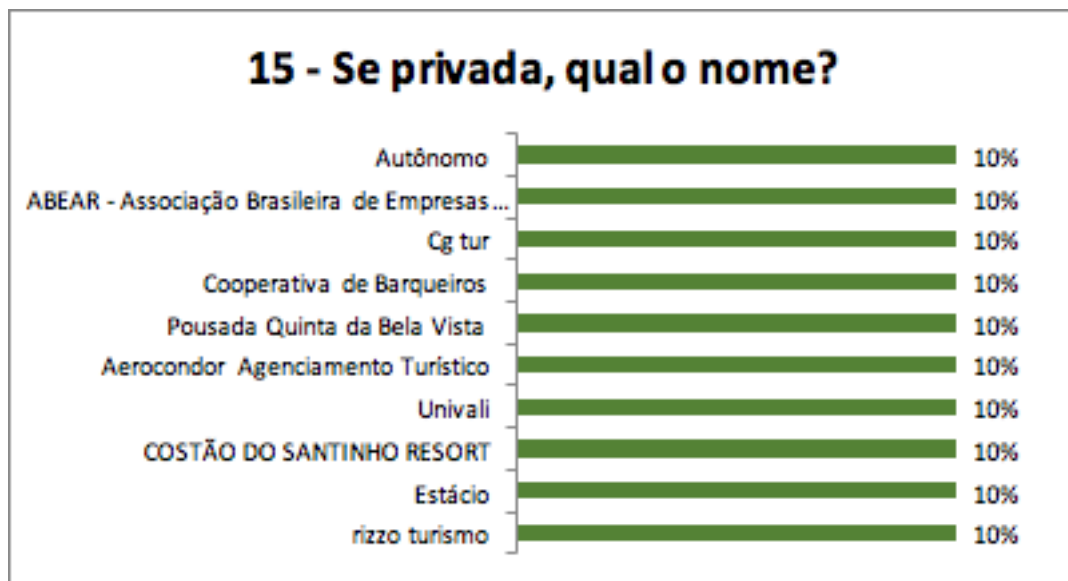


Gráfico 15 - Nome da empresa

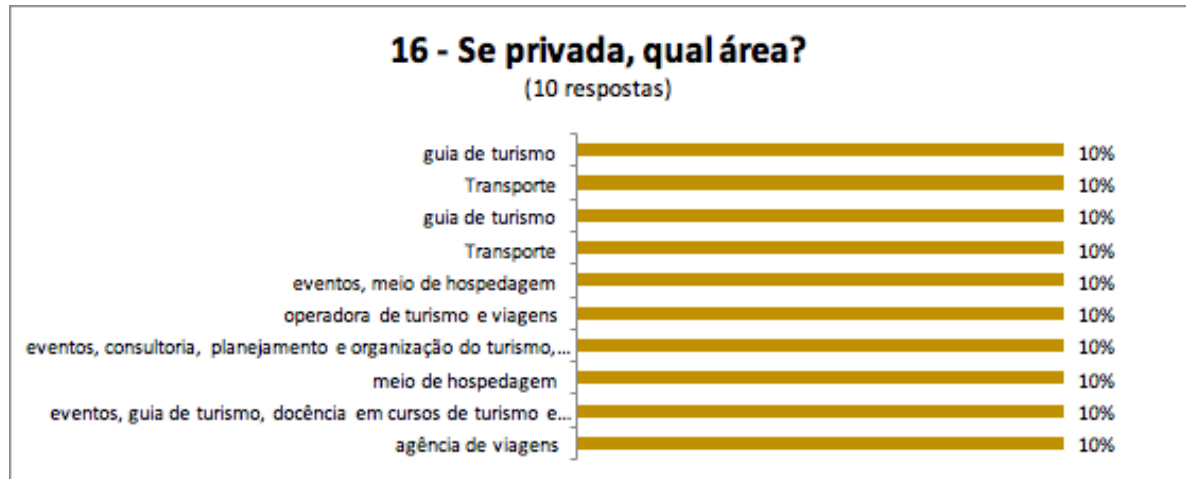


Gráfico 16 - Área de atuação na empresa

Os trabalhos autônomos desenvolvidos são os de guia de turismo, única atividade da cadeia produtiva do turismo regulamentada. Eventos na hotelaria, meios de transporte e agenciamento são os mais destacados na esfera privada. Dos dados recolhidos, pode-se inferir que há uma rotatividade no mercado de trabalho, assim como também parece existir uma espécie de estabilidade para aqueles que ultrapassaram uma quantidade de tempo. Entretanto, dado o quantitativo reduzido de respondentes para este quesito na pesquisa, torna-se ambíguo um posicionamento quanto a vida média de trabalho do turismólogo em um mesmo posto ou empresa. Isso demonstra uma das precariedades do trabalho do setor, como cita Antunes (1999, 2004) no referencial teórico de trabalho.



Gráfico 17 - Trabalho em mais de um turno

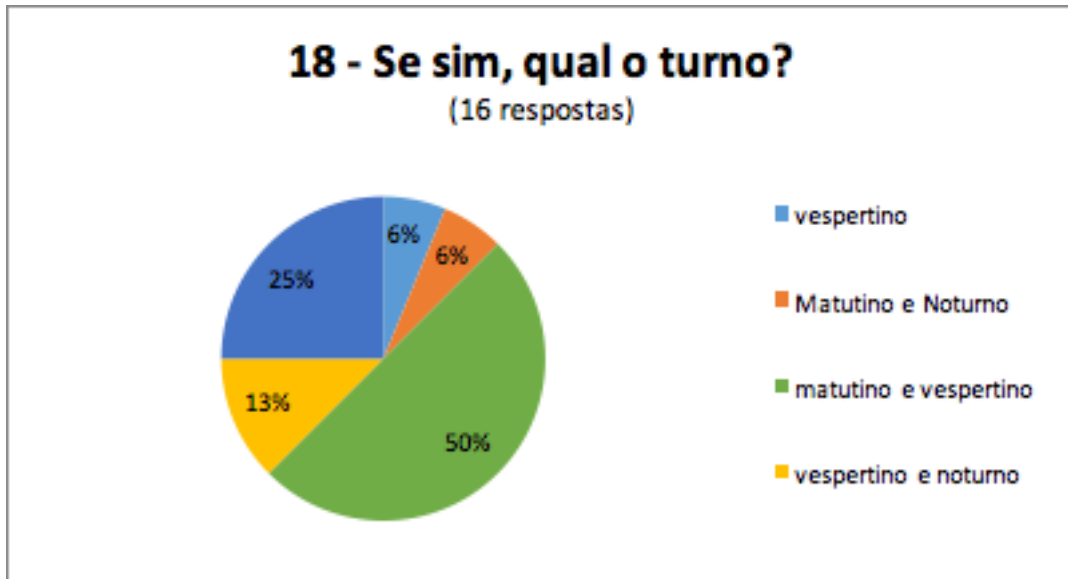


Gráfico 18 - Turnos de trabalho

Os gráficos 17 e 18 indicam que a maioria dos turismólogos (as) trabalha em mais de um turno, principalmente manhã e tarde, o que pode indicar o período mais utilizado por alguns prestadores de serviços em turismo, como: órgãos públicos e agências e operadoras de viagens. Os demais horários podem indicar a área da docência, cursos noturnos, e diurnos; e os horários diferenciados dos meios de hospedagem, transportes e eventos. Os trabalhos de guia de turismo podem representar os demais horários, já que é um trabalho autônomo, e pode variar o período de trabalho conforme a necessidade da demanda.

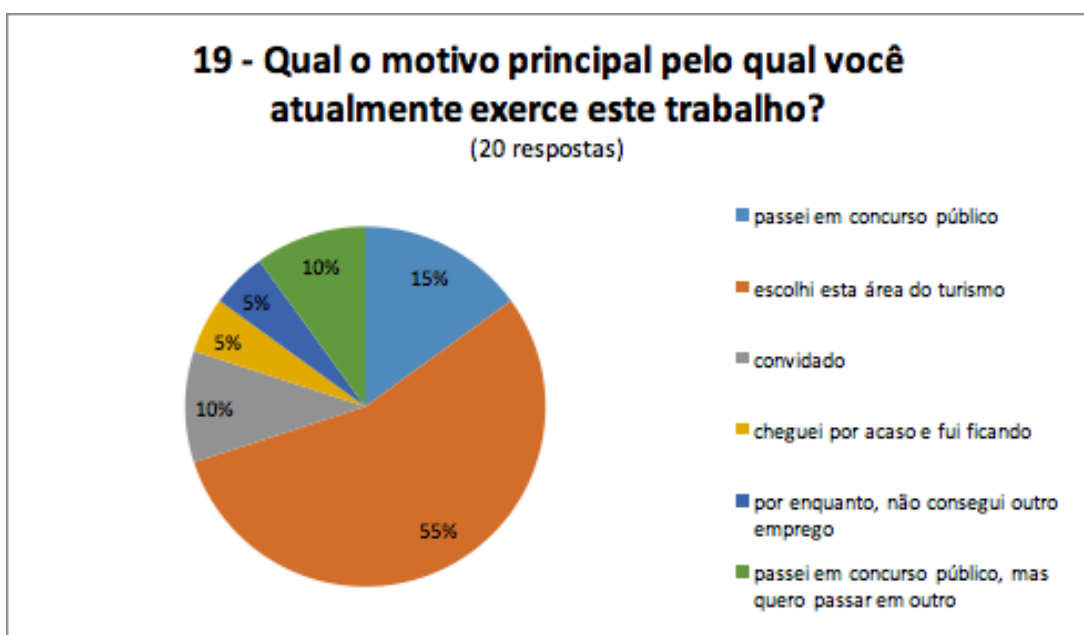


Gráfico 19 - Motivo de exercício do trabalho

O gráfico 19 indica que a maior parte dos (as) respondentes, 55%, procura o serviço público, que marca o contexto pela busca de trabalho que tenha no mínimo certa estabilidade, como fuga de umas das fragilidades do trabalho, citado por Antunes (1999, 2004), que é o trabalho não estável, com horas compartimentadas.

Este gráfico apresenta os significados e sentidos do trabalho para os (as) respondentes deste questionário. A maioria se sente muitíssimo ou muito satisfeito com o trabalho que realiza, pois como cita Barreiros (2013), em sua compreensão de Aguiar (2006), é fundamental que se entenda que o processo de produção social, cultural e pessoal têm como elementos os significados. A atividade humana é significada, ou seja, a ela é dada uma interpretação. Estar satisfeito com o trabalho tem significado para o (a) turismólogo (a).

Enquanto que para Bakhtin (1997), o sentido é contextual, vai além da satisfação, mas outros elementos podem estar nele, como alcançar um objetivo de vida, para Antunes (2004), o trabalho faz parte da natureza do homem e de sua realização na vida cotidiana como ser social. Portanto, o nível de satisfação dá sentido ao trabalho desses turismólogos, que neste caso, se mostra alto.

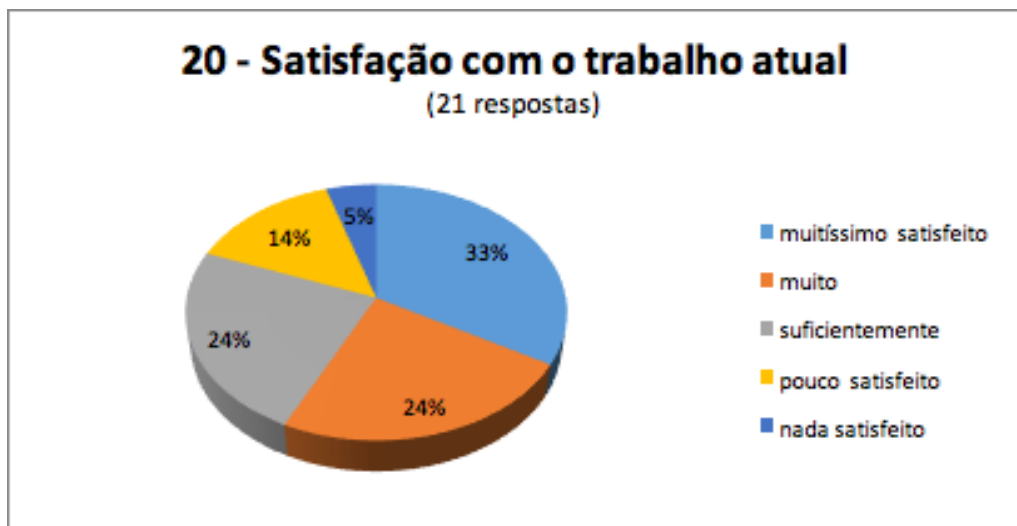


Gráfico 20 - Nível de satisfação dos entrevistados

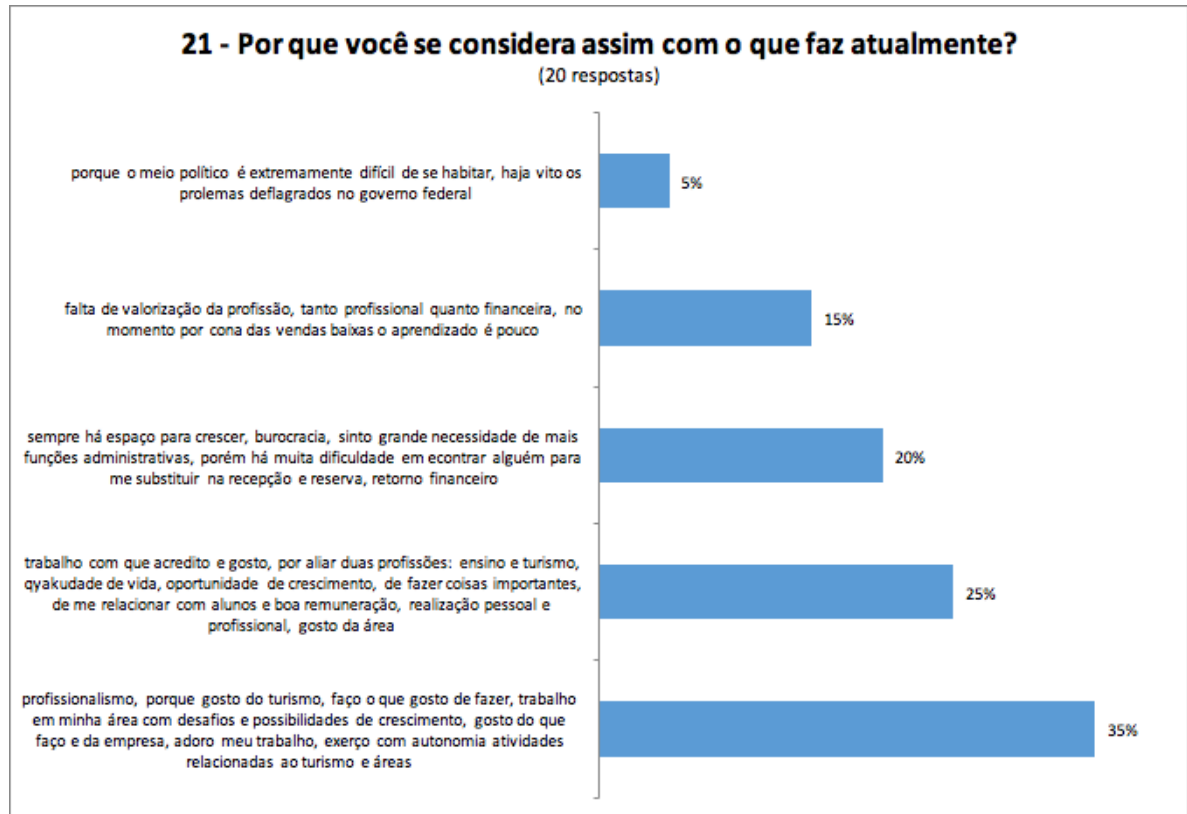


Gráfico 21 - Justificativa para nível de satisfação

O gráfico 21 reforça o anterior. Os mais satisfeitos acreditam que o trabalho que trazem oportunidades de crescimento pessoal e desenvolvimento para o país, de inclusão social via turismo e de se relacionar com diferentes culturas, além de desenvolverem um trabalho que alia cultura e meio ambiente.

O resultado apresentado gráfico 22 foi discutido juntamente com o gráfico 9. Retoma-se o gráfico 9, que indicou que, em se falando em nível Brasil, pelo menos um turismólogo (a) de cada região brasileira diz estar empregada na área de turismo. Porém, pela quantidade de participantes desta primeira etapa da pesquisa, há indicativos de que muitos não atuam na área, 39%, ainda, tem-se que 3% do total entrevistado não estão atuando no mercado de trabalho atualmente. Com relação aos que não atuam no mercado de turismo, eles relatam seus motivos no gráfico 22. Esses motivos são: não apareceu nada na área, pouca oferta qualitativa de trabalho, má remuneração e discrepância entre o ensino na academia e a prática profissional. Esta afirmação vai ao encontro das práticas profissionais em áreas como hotelaria, transportes e eventos, nas quais o profissional tem que passar por todas as áreas até chegar a uma que exija os seus conhecimentos específicos de gestão de turismo, hotelaria, transportes ou eventos, por exemplo.

Esse panorama reforça o posicionamento de Antunes (1999), que afirma quais os problemas na esfera do trabalho na contemporaneidade: terceirizações, trabalho por temporada, alta temporada e baixa temporada, muito usada na área de turismo, e precarização do trabalho.



Gráfico 22 - Motivos de não atuação na área de Turismo

Os gráficos 23 e 24, abaixo mostrados, apresentam o panorama dos (as) respondentes, sendo que a maioria tem algum tipo de experiência profissional na área de turismo, principalmente na docência, em eventos e meios de hospedagem.

Os 8% que não trabalharam na área de turismo apresentados no gráfico 23 indicaram que os motivos no gráfico 25, que demonstra com equilíbrio as dificuldades do setor.



Gráfico 23 - Atuação anterior na área de turismo

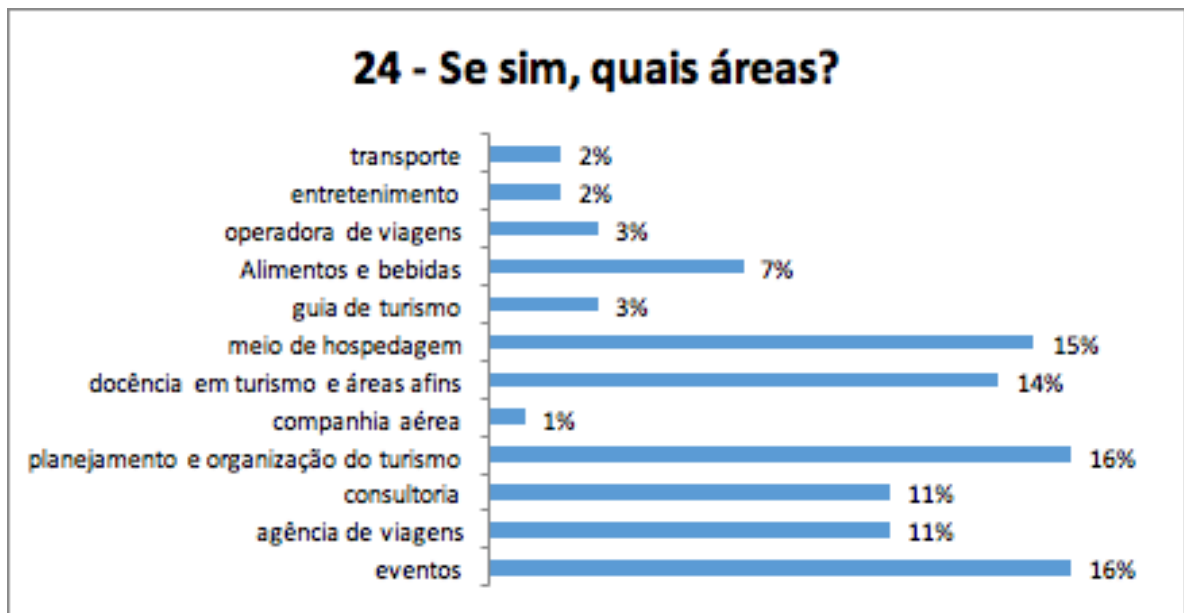


Gráfico 24 - Áreas de atuação no turismo

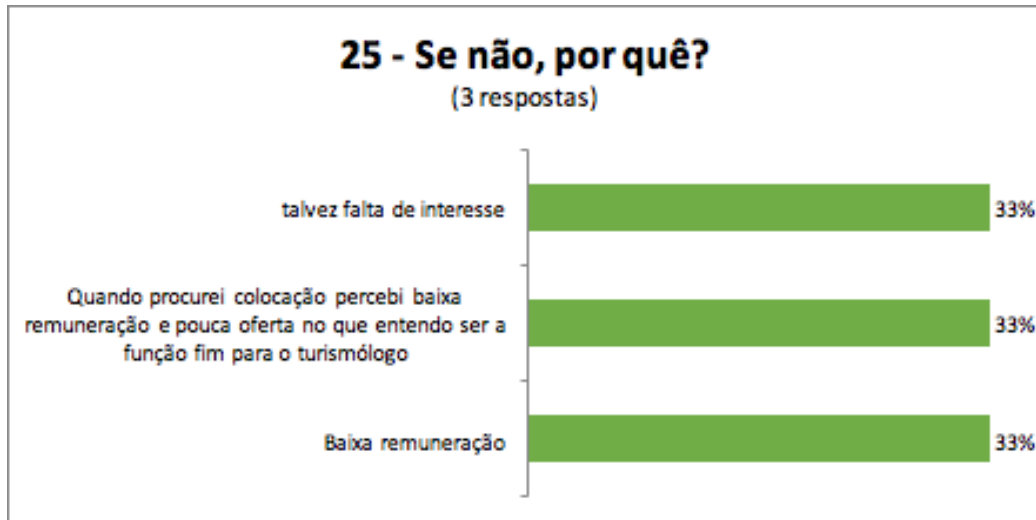


Gráfico 25 - Razões para não atuar no turismo

Os gráficos 26 e 27 indicam que a significação, como vantagem da profissão turismólogo (a), que são: contato com diferentes culturas, realização pessoal, contato com pessoas e realizar um trabalho que alia cultura e meio ambiente. O ser humano e as relações sociais que provocam o turismo são determinantes para os turismólogos. O que mostra que tais profissionais gostam de pessoas e gostam de trabalhar com pessoas.

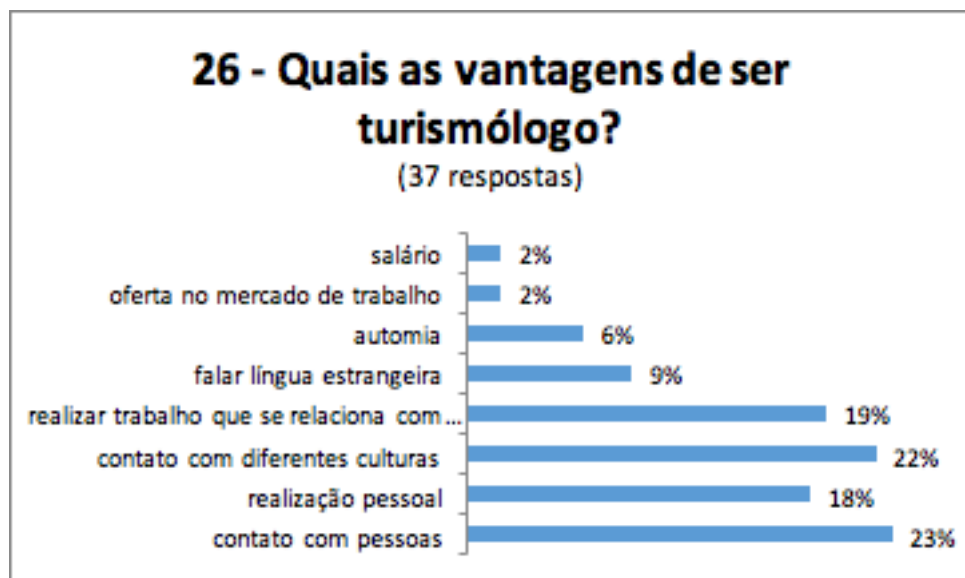


Gráfico 26 - Vantagens da profissão turismólogo (a)

O gráfico 27, mostra as desvantagens, a carga horária, o salário, a não reserva de mercado, a falta de qualidade no trabalho e a profissão não ser regulada são fatores que dão significações para a profissão e que talvez sejam os motivos de



sua desistência na profissão, que são algumas das fragilidades da profissão apresentadas no capítulo teórico 2.

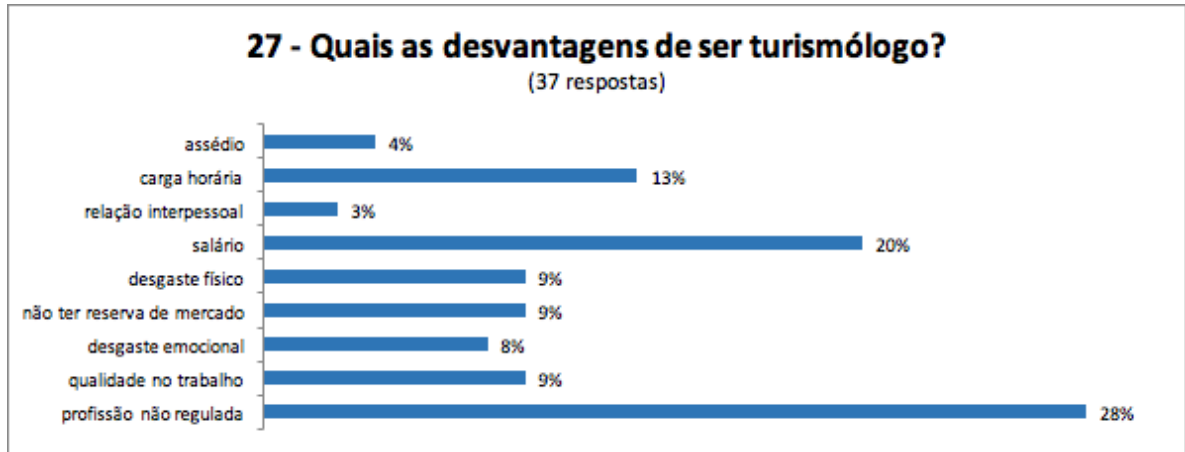


Gráfico 27 - Desvantagens da profissão turismólogo (a)



Gráfico 28 - Reconhecimento da profissão

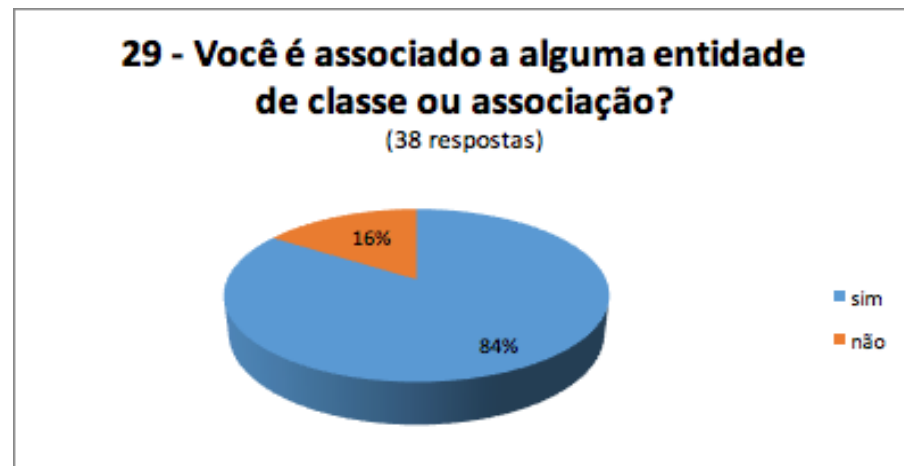


Gráfico 29 - Associação a entidade de classe

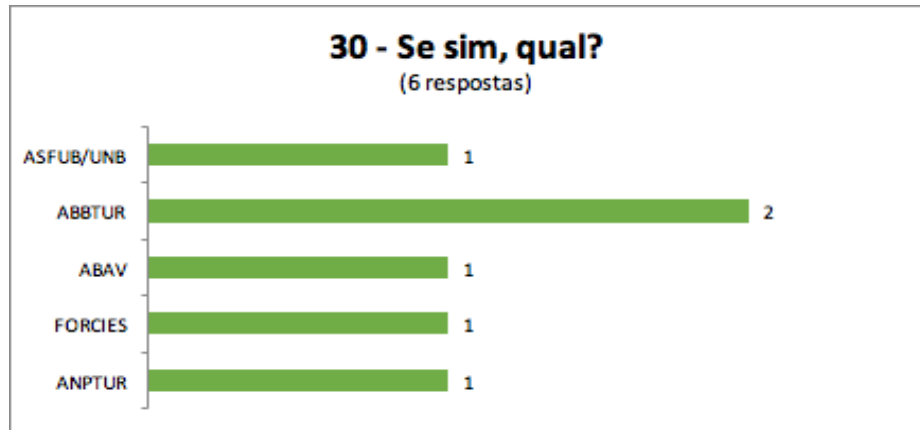


Gráfico 30 - Nome da associação

Os gráficos 28 a 30 indicam que essa classe profissional se sente desvalorizada. A maioria diz não sentir reconhecimento social da profissão turismólogo (a). Este dado dá diversos significados à profissão, pois ela pode não parecer ser conhecida também para a sociedade, o que provoca no turismólogo, certa confusão interna, na busca de seu sentido profissional. Porém, os dados indicam que é uma classe que pouco participa de ações institucionalizadas para provocar a sua identidade social. Como mostram os dados muito poucos turismólogos (as) são associados à ABBTUR e estão cientes de seu trabalho institucional como representante dessa classe trabalhadora, que por ora não tem conselho profissional.

Para Antunes (2004), o indivíduo se produz e reproduz como gênero humano, numa relação de prolongamento e distanciamento e não separação e disjunção. Segundo o autor, “o sentido da vida encontra no trabalho seu primeiro momento de realização” (p. 143).

Para Berger e Luckman (2010), nos significados subjetivos, nas condutas pessoais e coletivas, e os discursos são símbolos construídos e compartilhados na sociedade, construindo a realidade social. Os que não participam, fazem parte da socialização não exitosa e o indivíduo sofre sanções pelas instituições, que segundo Berger, se dividem em duas perspectivas: macro social e micro social. A primeira representa a integração estrutural de diferentes setores institucionais e a segunda, que enfatiza esta pesquisa, são os papéis sociais, que neste caso, são os turismólogos (as). Os papéis sociais são realizados pelas ações dos indivíduos, caracterizados pelas condutas compartilhadas, em busca de identidade ou com uma identidade formada. Além disso, faz a relação entre subjetivo e objetivo, nos quais

os papéis dão estabilidade à instituição e propiciam a participação em um mundo social.

Para o autor, as identidades coletivas são compartilhadas e compreendidas sem ter, necessariamente, que recorrer à singularidade. A historicidade passa pela internalização de símbolos compreendidos pela sociedade. Para exemplificar tal posição, o autor menciona a atividade de negócios, que, dentro de uma perspectiva cultural, as pessoas têm ideia do que é fazer negócios com japoneses, americanos, entre outras culturas.

O turismo está na construção de sua identidade e a profissão também, em diversas esferas, como na esfera epistemológica e no inconsciente coletivo social de que turismo é uma indústria. Fazer essa quebra de paradigma dependerá das ações profissionais dessa classe profissional nos núcleos que desenvolvem o turismo, que deve ser de forma responsável.



Gráfico 31 - Perspectivas para o futuro

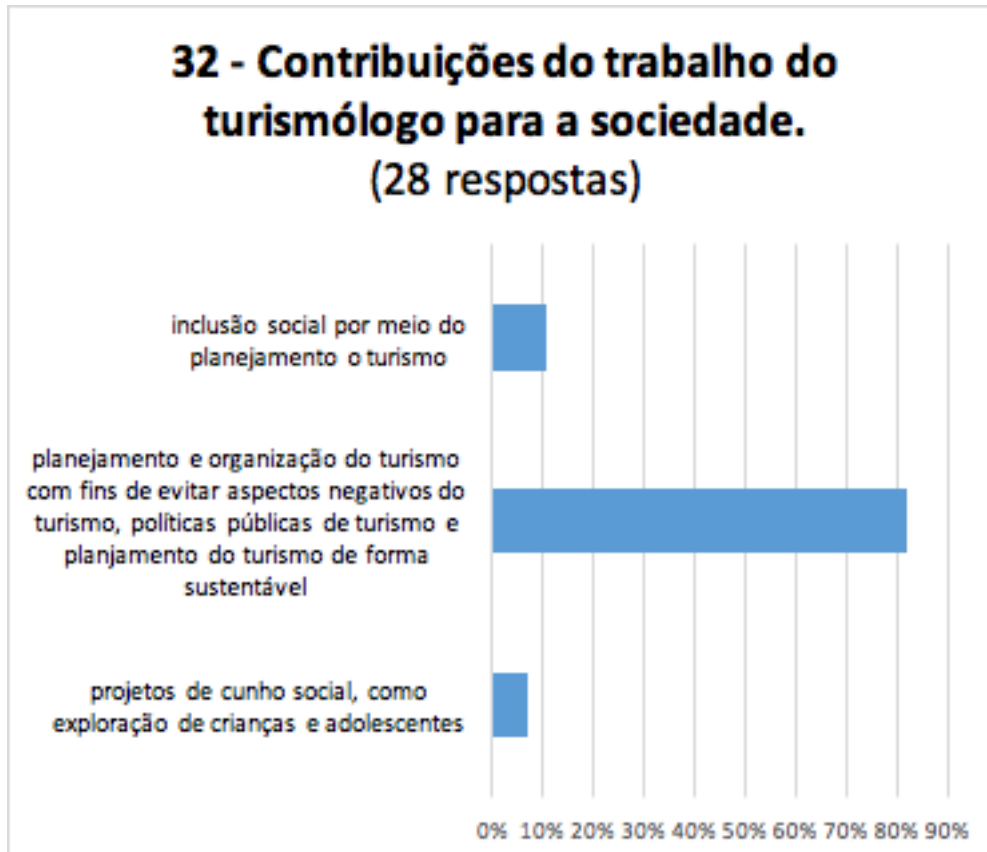


Gráfico 32 - Contribuição do (a) turismólogo (a) para a sociedade

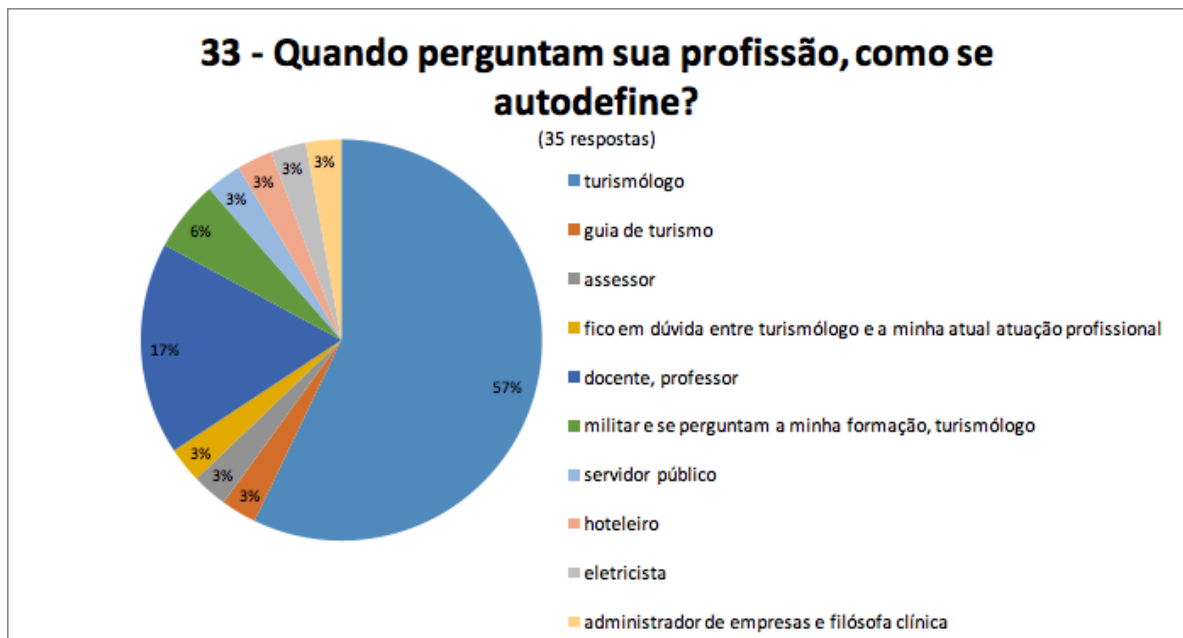


Gráfico 33 - Autodefinição do (a) profissional

Nos gráficos 31 a 33, a maioria quer continuar sendo turismólogo (a) e ser servidor público nos próximos anos em sua trajetória profissional. Isto porque muitos encontraram na docência espaço de trabalho que a maioria dos que estão se

identificaram, por diversas razões. Outra maioria deseja ser servidor público, como forma de sofrer menos as fragilidades, trabalhadas por Antunes, na categoria trabalho. E, dessa maneira, sobre a sua autodefinição social, a maioria se apresenta como turismólogo (a), docente ou professor.

E as contribuições do trabalho da profissão turismólogo (a) para a sociedade dão o sentido da profissão para os (as) respondentes, que é principalmente: planejar o turismo de forma sustentável e inclusiva e evitar seus aspectos negativos, e participar das políticas públicas de turismo. Estes são os sentidos do trabalho da profissão turismólogo (a) encontrada nesta primeira fase de dados adquiridos por meio do questionário.

As perguntas sobre os dados pessoais dos (as) respondentes ficaram para o final propositalmente para evitar barreiras objetivas e subjetivas desde o início do questionário. Assim, os dados referentes à questão 34, são relativos à identificação dos participantes da pesquisa, e por esse motivo, não houve a sintetização dos mesmos.

Gráfico 34 - não existe

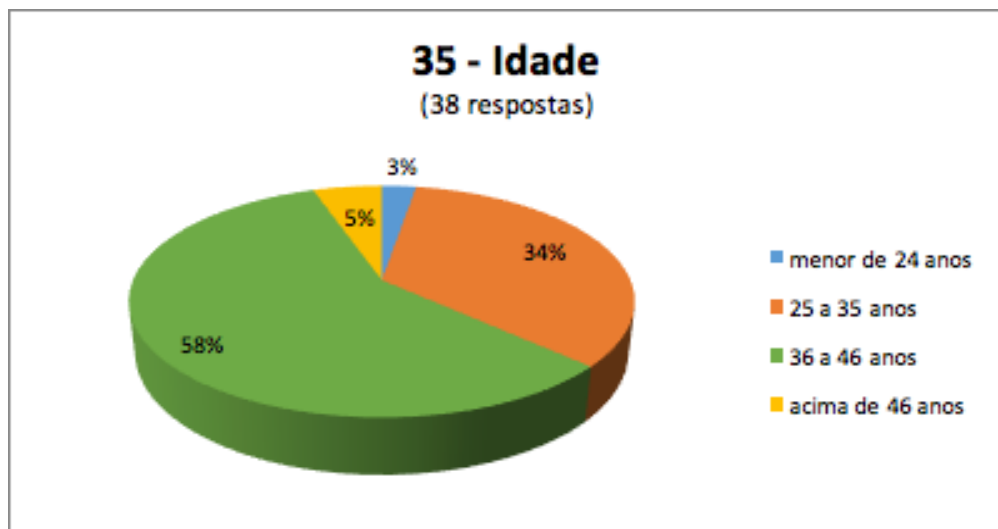


Gráfico 35 – Idade dos entrevistados

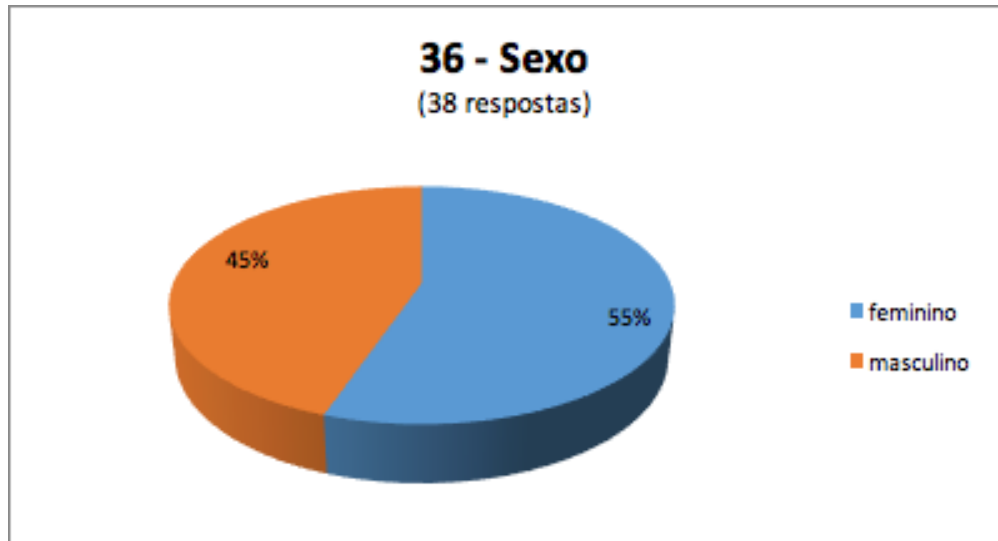


Gráfico 36 – Gênero



Gráfico 37 – Estado civil

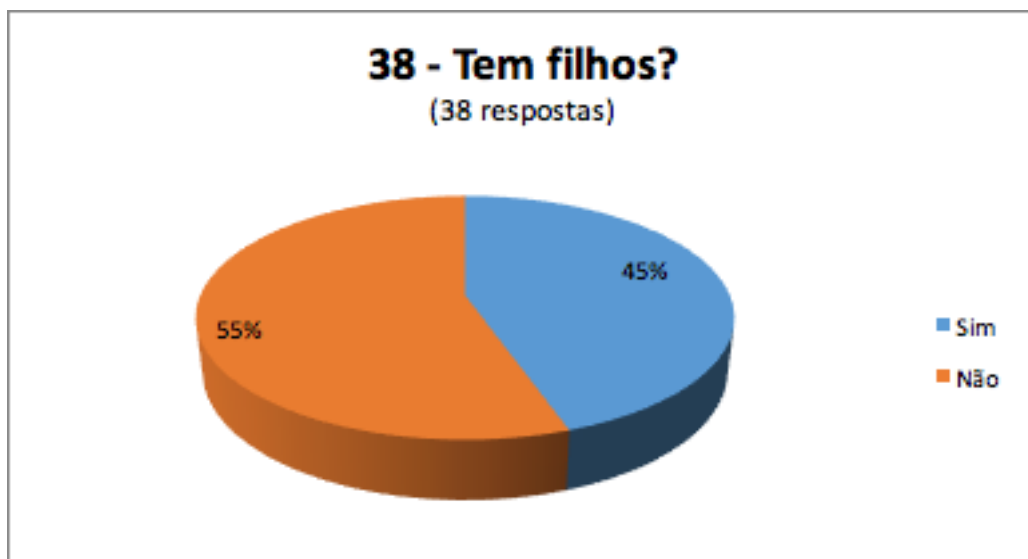


Gráfico 38 – Filhos

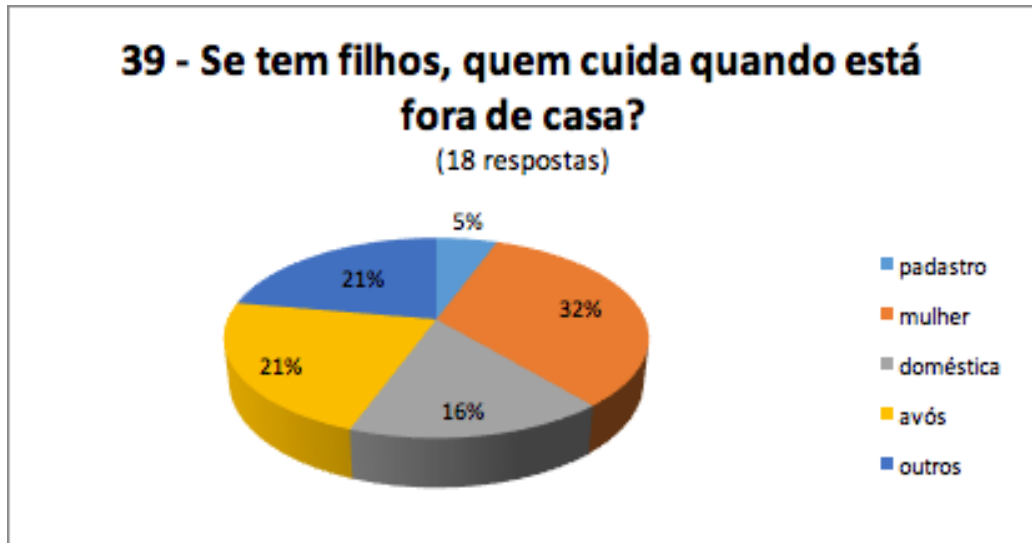


Gráfico 39 - Responsável pelos filhos durante a jornada de trabalho

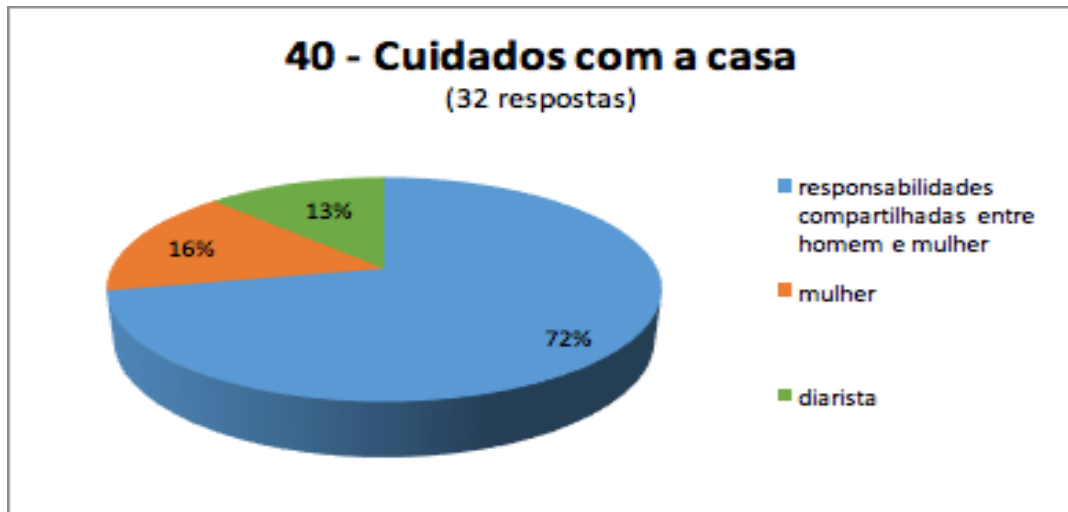


Gráfico 40 - Responsável pela atividade doméstica

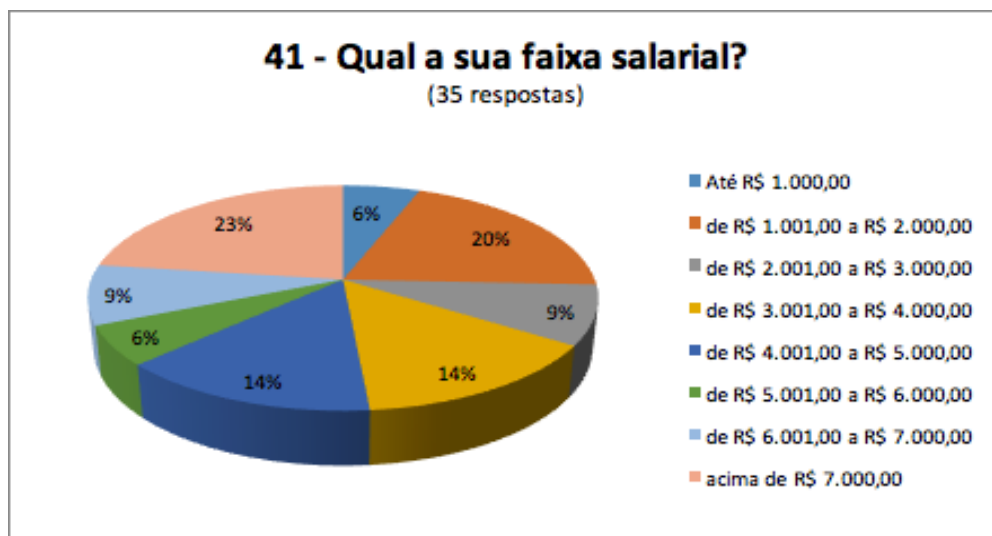


Gráfico 41 - Faixa salarial

Os gráficos 35 a 41 se referem às questões pessoais e às de gênero. Concluiu-se que a maioria das participantes é formada por mulheres, e que a idade média é de 36 a 46 anos, ou seja, pessoas com experiência profissional e pessoal. A maioria é casada, sendo que 45% têm filhos e, como Hirata e Kergoat (2007) citam, os cuidados com os filhos se dá pela ênfase da conciliação entre trabalho doméstico e trabalho fora de casa e por meio da delegação, totalizando 69% dos cuidados com os filhos ficam a cargo das mulheres, dos avós e da doméstica, que também é mulher, e que provavelmente delega a atenção de seus filhos a outrem.

O gráfico 40 revela que há, na maioria dos casos, o compartilhamento das atividades domésticas (responsabilidades compartilhadas entre homens e mulher), embora, segundo Hirata (2007), a carga de trabalho doméstico recaia sob a mulher na maior parte dos trabalhos apresentados por essa autora. Ainda relativo às questões pessoais, o gráfico 41, evidencia que a maioria tem um baixo nível salarial.

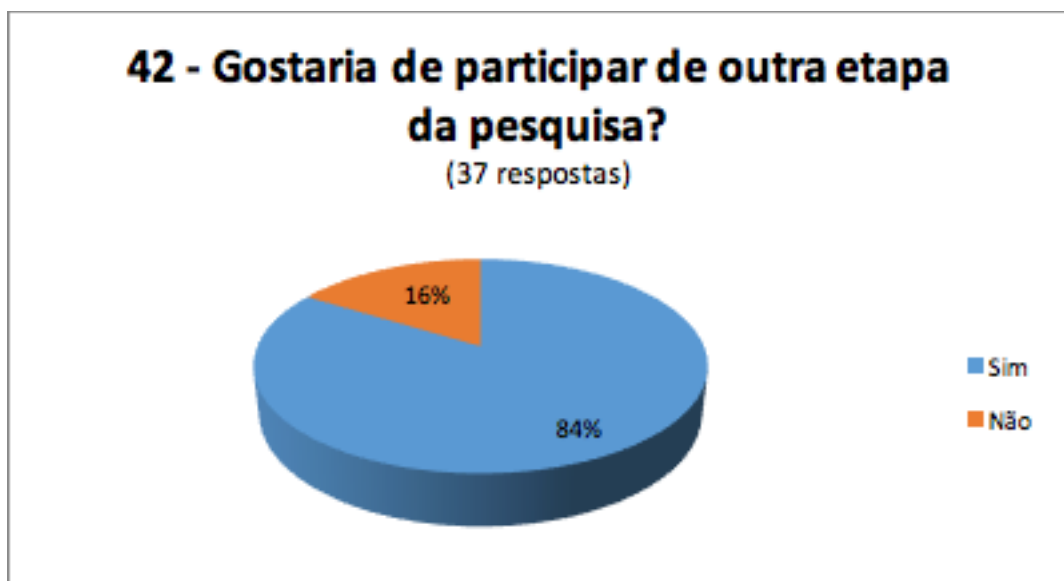


Gráfico 42 - Disposição para participação em outra etapa da pesquisa

O gráfico 42 indica o desejo dos e das respondentes participarem da segunda etapa da pesquisa, que eram as entrevistas. E o gráfico 43, não apresentado aqui, refere-se ao nome e contato dos participantes da presente pesquisa.

#### 4.2.2 Entrevistas

Além dos (as) 38 participantes do questionário, a segunda etapa da pesquisa se deu por meio de entrevista a quatro pessoas (dois homens e duas mulheres)



selecionadas aleatoriamente, que estivessem morando no Distrito Federal e que tivessem trajetórias profissionais heterogêneas. A intenção foi alcançar a repetição de respostas daquele primeiro grupo, mediante trajetórias profissionais diferenciadas.

As entrevistas, com guia orientativo de quatorze perguntas e duração média de 50 minutos, foram aplicadas de forma a preservar a imparcialidade e a não contaminação dos dados frente às opiniões da pesquisadora. Os locais escolhidos foram definidos pelos próprios entrevistados (as), no sentido de proporcionar maior conforto para que os sujeitos sentissem-se protegidos para expressar suas opiniões. Todas realizadas na Região Administrativa de Brasília.

Todas as entrevistas foram gravadas, sendo recolhido termo de consentimento de que os enunciados de cada entrevistado (a) seriam usados somente para fins acadêmicos, sem restrições de citações, preservado suas identidades. As questões das entrevistas versaram sobre: formação acadêmica, trajetória profissional, contribuições da academia na vida profissional, opiniões sobre a profissão, aspirações profissionais para o futuro, desejo de atuar em qual área do turismo futuramente, desejo não de continuar na profissão, qual a importância do trabalho do (a) turismólogo (a) para a sociedade, como o turismo provocou mudanças na vida, identificação de dificuldades no mercado de trabalho dessa classe profissional, qual atuação profissional que somente o (a) turismólogo (a) deveria fazer e qual o sentido da profissão para cada entrevistado (a).

Os itens dos dois instrumentos de pesquisa (questionário e entrevista) foram confeccionados de forma a responder e embasar as necessidades orientativas do problema da pesquisa e de seus objetivos: “quais são os significados e sentidos da profissão de turismólogo (a) para esta classe profissional no Brasil?”, analisando a) de que forma o (a) turismólogo (a) constrói os significados e sentidos de seu trabalho; b) identificar as contribuições desse profissional no atendimento dos problemas sociais em que o turismo é direta ou indiretamente o protagonista na opinião dos (as) turismólogos (as); e c) identificar as resistências e desistências dos sujeitos na profissão turismólogo (a).

As análises dos enunciados de cada sujeito tiveram como base o método análise do discurso (AD) e Filosofia da Linguagem, com o suporte dos autores: Brandão, Vygostsky e Bakhtin. As categorias analisadas foram: trabalho, profissão turismólogo (a), gênero e sentidos e significados.

Estas análises são iniciadas trazendo à luz Bakhtin e Brandão que dão um tom relevante para o discurso interno, que começa com a consciência, pensamento interno, e a expressão da fala e, que nesta fala, o social, o histórico de cada sujeito e a ideologia estão presentes e dão o contexto do enunciado.

A primeira entrevista, realizada em 18 de abril de 2016, na casa da pesquisadora, teve como entrevistado LA, de Porto Alegre, mas vive há anos no Distrito Federal. Apesar de ser Bacharel em Turismo, atualmente, autodenomina-se como produtor cultural. Formou-se em 1976 e foi da primeira turma do curso de graduação em Turismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS).

A segunda entrevista, realizada em 19 de abril de 2016, foi realizada por TM em uma escola de inglês de Brasília. A sua graduação em turismo foi na Faculdade Terra, que era a instituição no DF que trabalhava o ecoturismo, que atualmente não mais existe. A preferência nesta pesquisa é não usar o termo sustentabilidade, já que parte-se do pressuposto que todo turismo deve sê-lo. Mas na época, era a instituição que se diferenciava, inclusive com a sua grade curricular voltada para uma formação de gestão dos recursos naturais em espaços turísticos naturais. Formou-se em 2008.

A terceira entrevista foi realizada em 6 de maio de 2016, por JR em um café. Oriundo de Marília, queria sair do interior de São Paulo e como tinha parentes na capital e o gosto por viagens, decidiu sua formação por Turismo, apesar de também se identificar com os cursos de Relações Internacionais e Comunicação. Achava que comunicação tinha mais sentido com o Turismo e acabou escolhendo esse curso. Coursou-o na Faculdade Anhembí Morumbi, em São Paulo, e formou-se em 1995.

E a quarta pessoa entrevistada, no dia 20 de maio de 2016, é servidor público do MTur, WK. WK é do interior do Pará, formado em 2004, pela Universidade do Pará. Fez algumas disciplinas especiais em outros campos de estudos e em outros estados, como Santa Catarina, na Universidade do Vale de Itajaí (UNIVALI), como estágio supervisionado, buscou fazer outras disciplinas isoladas para adiantar o curso na Universidade do Pará; e quando veio à Brasília em busca de mais estágios, fez disciplinas no Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB).

A) Categoria trabalho e profissão turismólogo (a)

Na categoria trabalho e formação profissional em turismo, LA, diz:

Minha trajetória profissional no mercado de trabalho foi de certa maneira bastante rápida, porque eu entrei na faculdade acho que em 72 e no final do primeiro semestre já era estagiário na área. Eu trabalhava no Banco Nacional, daí resolvi que eu queria ir para o mercado. Daí consegui um estágio na Empresa Portoalegrense de Turismo (EPATUR). Tive que optar, ou o Banco – onde entrei por concurso – ou o estágio na área da minha Faculdade. O estágio era o dia todo e eu fiquei lá por dez anos. Comecei como estagiário e fiquei lá por dez anos. Em um ano já tinha sido contratado como técnico. Antes de me formar eu já era contrato como técnico no mercado e com a formação eu acabei assumindo a coordenação de promoções. A EPATUR tinha 03 gestores-diretores (presidente, planejamento e administrativo), e lá eu cheguei a responder pela diretoria de planejamento por um tempo. A Empresa era a gestora do turismo da cidade.

Como eu fui da primeira turma de formandos de turismo da cidade. Era tudo muito novo, né. Eu era o primeiro contratado lá com formação em turismo, não tinham outros, e até aquele momento os órgãos de turismo não conheciam o profissional; até porque eu estava cursando a primeira turma daquele mercado. Não existia esse profissional no mercado, a informação era muito distante poucos sabiam que já existia uma faculdade de turismo. Eu, praticamente, levei essa informação para dentro da empresa, na medida em que entrei como estagiário. Fui pioneiro, também ali. Eu acho. O que eu aprendi em turismo eu aprendi com o meu chefe, que não era formado em turismo, era economista. Ele foi o coordenador de planejamento, que era da diretoria de planejamento. Então, Sidney para mim, ainda hoje é minha referência profissional. Vem da vivência com ele minha paixão por planejamento. Só quando vc entra na Faculdade, que você descobre os nichos do Curso: planejamento, eventos, agenciamento, ecoturismo, licenciatura, etc. Eu descobri que gostava de planejamento, mas eu acho isso teve forte influência do meu chefe, que eu tinha enorme admiração. Ele era excelente planejador, um bom economista, que já vinha da Secretaria Estadual de Turismo e que inclusive tinha sido gestor de um programa internacional encomendado pela SUDESUL. Era um projeto de desenvolvimento do turismo para toda região, era muito famoso na época, era uma parceria com a Espanha e o Brasil, naquele tempo, com profissionais de turismo dos dois países, (a Espanha já tinha curso de turismo). Ele levou este projeto para EPATUR. Para aplicar na cidade. Este projeto foi anterior aos cursos de turismo no Brasil. Então eu tenho uma noção turismo planejado ao detalhe, mas eu aprendi isso não na Faculdade, mas com meu chefe.

[...] Falava-se do turismo com muito entusiasmo, diziam Eles diziam que o turismo traria progresso para o país, alegria para as pessoas e todos países já haviam se mobilizado para o turismo. Isso já na década de 70 e colocavam o turismo como a profissão do futuro.<sup>4</sup>

A resposta de TM sobre academia, trabalho e profissão foi:

Então depois, enquanto eu estava na faculdade ai alguns pontos positivos pra mim foram em relação aos estágios, os professores incentivavam muito a fazer estágios em diversas áreas durante o período da graduação. Eu fiz estágio em diversas coisas. Fiz estágio na EMATER, na matriz rural, fiz

---

<sup>4</sup> Os trechos apresentados desse ponto em diante, exceto quando referendados, relacionam-se às transcrições das entrevistas orais realizadas face a face com profissionais da área, na segunda etapa da pesquisa. Nesse sentido, optou-se por preservar a linguagem conforme o padrão apresentado por cada entrevistado.

estágio em Bonito com ecoturismo, onde fiquei dois meses morando lá. Fiz estágio na hotelaria em hotel grande que tem aqui em Brasília, o Royal Ttulip. Então acho que foram três experiências muito boas que me deram oportunidade de conhecer o máximo possível do turismo ainda dentro da graduação e trabalhei em agências também. Só que foi uma coisa que não gostei muito, então eu me limitei a ir em duas agências. Não quis aumentar esse leque. E dentro da hotelaria eu trabalhei com hotelaria e eventos né essa questão de evento começou ai dentro da hotelaria. É eu comecei fiz graduação em turismo, fiz pós-graduação em hotelaria e o mestrado em turismo também. Senti-me segura, mas eu acredito que demais eu sai com muitas expectativas da graduação e acho que eu me frustei um pouco. Porque eu espera um mercado um pouco mais atraente no sentido de valorização do profissional, porque eu sai e tinha a expectativa de que seria melhor de que quando eu estava como estagiaria e nada mudou. Isso me gerou um pouco de insatisfação, porque em Brasília talvez a realidade seja um diferente dos outros lugares. Mas em moro aqui e o mercado de agenciamento, hotelaria pagam muito pouco, não tem diferença entre um graduado e um pós-graduado. Então a pessoa que simplesmente está lá ha 5 anos e tem simplesmente a experiência mesmo não tem formação acadêmica. Então isso foi me desestimulando, porque eu fiz o máximo que pude de estágio durante a graduação. Então eu saí da graduação esperando que algo fosse ser melhor pra mim e não foi.

#### A resposta de JR:

eu cheguei em São Paulo meu pai e a minha mãe me deram uma força assim eu fui morar num apartamento com meus irmãos que já moravam lá eles pagavam minha faculdade mas eu queria trabalhar. Então eu logo arrumei um trabalho no primeiro ano da faculdade num banco, central de atendimento de um tipo telemarketing. Fiquei fazendo faculdade de manhã e trabalhando tarde e noite e tal, me virei. No final do segundo ano da faculdade eu queria largar tudo isso. Fiz um trabalho temporário num shopping pra fazer dinheiro e fiz um mochilão pelo nordeste. Fiquei uns 70 dias viajando, tipo saí em dezembro e voltei depois do carnaval, e a viagem foi muito legal para realizar o que foi um pouco dessa experiência do turista, embora eu não tenha feito uma viagem organizada. Fiquei na casa de amigos em albergues e etc. Eu experimentei um pouco isso na volta dessa viagem eu falei meu eu quero fazer isso aí. Uma amiga da minha irmã na época trabalhava na secretaria de turismo do estado de São Paulo e organizava um pouco o que é hoje o CADASTUR, era o cadastro de agências e tal. Nessas andanças ela descobriu uma pessoa que tinha agência que queria vender.

E ela falou “você não quer ser minha sócia?” e eu falei “eu quero”. Eu não tinha muita noção do que era, mas o investimento era super pequeno e a gente acabou se comprando e se associando e tocando essa agência por quase dois anos. Então enquanto eu terminei a faculdade nos últimos dois anos eu cuidei dessa agência daquele jeito estudando de manhã, trabalhando tarde e noite, vendendo passagem para amigos, procurando conta corrente no mercado de agência. Era muito diferente do que é hoje.

Foi muito legal, mas eu me senti muito frustrada. Eu não tinha dinheiro, o negócio não dava dinheiro eu trabalhava pra caralho como qualquer dono de empresa. Eu não via o negócio andar pra frente eu era muito nova, eu tinha 20 anos. Eu me sentia muito pressionada por uma escolha que não me dava alternativa de não ter uma referência, ter um chefe ter um parceiro [...]

Fiquei sozinha durante um tempo e no final da faculdade eu me desfiz desse negócio com muita tristeza, misturando muitos sentimentos. Mas achei que turismo era ainda o que eu queria fazer.

Uma amiga me chamou pra trabalhar numa empresa que ela trabalhava e estavam procurando alguém para trabalhar na área comercial com promoção de vendas.

Era uma operadora de turismo, de ecoturismo, na verdade, e aí eu fui nessa empresa. Fiquei quase 4 anos ou 3 anos. Aprendi pra caramba porque era uma empresa pequena familiar, mas que pegou um momento da economia muito positivo que de posicionamento da atividade ecoturismo muito bacana. Então eu aprendi, viajei conheci destinos, conheci fornecedores, conheci empresas, comecei a trabalhar na área de comunicação dessa empresa porque era promoção, tinha a ver com marketing e comunicação. Como eles eram muito pequenininho a minha principal tarefa era visitar clientes, mas para visitar clientes precisava ter um tarifário um material na mão. Não tinha quem fizesse então eu acabei fazendo isso. Eu tinha que pensar isso e essa história acabou me despertando o interesse em continuar o estudo na área de comunicação. Decidi fazer uma pós-graduação na SPM em comunicação e foi super bacana porque ela foi a efetiva formação profissional que eu precisava. A pós durou quase dois anos e eu ampliei minha rede de relacionamentos minha formação [...]

Daí, eu recebi um convite de um diretor chefe da operação da Decolar, com que estava chegando no Brasil pra ir gerenciar a área de produtos pra eles. Aí eu fui fazer isso, de lá eu fiquei 2 anos foi super bacana uma empresa grande multinacional tinha operação em 11 países na época. Então assim meus horizontes ampliaram muito do ponto de vista profissional, aí eu sai por cansaço esgotamento da minha relação com o diretor, que ficava em Buenos Aires (não havia entendimento no nosso modelo de trabalho, ele era o diretor eu era a gerente; eu achei que eu tinha que sair e eu fui fazer um curso de inglês no EUA). Quando eu voltei, eu assumi a gerência de marketing de uma outra operadora que se chama “neweyde”, fiquei lá quase 4 anos. Também foi quando eu me desliguei e vim para Brasília a convite do ex-presidente da EMBRATUR pra cuidar de um projeto que tinha a ver com o mercado e o setor público, ele queria alguém que tivesse experiência de mercado e que fosse capaz de absorver o que era o setor público, a gestão de um projeto público. Eu vim na intenção de ficar 1 ano estou aqui há 12 anos. Fiquei 7 anos no ministério de turismo em diferentes funções. Primeiro na EMBRATUR nessa área, depois no ministério também relacionado à promoção. Toda minha trajetória profissional está relacionada à promoção de destinos turísticos.

[...]

Me afastei por escolha pessoal quando minha filha [...]. Hoje em dia eu trabalho numa associação de empresas aéreas, teoricamente parece perto do turismo, mas é outro mundo. Agora eu trabalho no setor do transporte que é um dos pilares para o turismo, mas a realidade do transporte é muito diferente.

#### A resposta de WK sobre seu sua trajetória profissional e seu trabalho:

Eu decidi fazer turismo em 1999. Durante o curso eu me apaixonei assim mergulhei de fato né no curso de bacharelado de turismo e comecei a vivenciar o turismo a partir desde o primeiro semestre. Sempre estagiei, sempre trabalhei na área de turismo em agências de viagens mas como no processo de receptivo lá em Belém eu trabalhei em receptivo, mas *free lancer*. Trabalhei com estágio no jardim botânico de Belém, em trilhas de ecoturismo; então eu sempre fui muito envolvido com atividades profissionais. Eu sempre trabalhava antes, mas trabalhar na minha área então desde quando eu passei pro curso de turismo eu nunca mais trabalhei em outra área [...]. A partir do momento que eu passei para turismo eu investi de fato nessa carreira, mas no último ano, e nessa época (eu não sei se você lembra estava um *boom* da atividade turística “o turismo é a profissão do futuro”). E acho que por isso que eu não tive resistência da

minha família, porque eu sou do interior do Pará de uma cidade que se chama Redenção, que não tem atividade turística e nem tem a pretensão de ter. Lá é agropecuária e na época a exploração de madeira [...]. Então turismo era uma opção que eu não tinha a opção de voltar pra minha casa pra onde estava meus familiares, eu tive que tomar essa decisão na minha vida “é turismo de fato que eu quero?” Eu não teria a possibilidade de voltar, eu mesmo investi, achei que era isso que eu queria e eu fui me especializando, me envolvendo com o tema [...]. Porque estava um *boom* uma divulgação, todo tempo nos jornais tinha reportagens de que era a profissão do futuro, que ia dar grana e tal. Eu também fui envolvido com isso e brinco com meus pais: como é que vocês me deixaram naquela época fazer turismo? Realmente, naquele momento era um momento favorável porque naquele momento teve um *boom* de cursos de turismo que depois caíram em decadência também. Então aí durante o curso eu fui me frustrando, me frustrando com as possibilidades de trabalho, e eu sempre tive afinidade com trabalho, mas com trabalho em gestão pública. E lá em Belém do Pará era bastante restrito, era para um grupo muito pequeno, ninguém conseguia penetrar aquele grupo ali que comandava o turismo ali na cidade e no estado. Do viés público e nas outras possibilidades que tinham, que eu fui experimentando aos poucos. Eu falei “não foi pra isso que eu estudei”! Eu não queria trabalhar em agência de viagem, não queria trabalhar com meio de hospedagem eu não queria trabalhar com várias coisas que o turismo possibilita trabalhar: Eu queria ser um planejador de política pública, eu queria trabalhar com política pública. Eu tive a oportunidade de ter um professor que apresentou na época o PMNT. Eu falei “é isso que eu quero”! Desde esse momento, que eu disse é isso que eu quero pra minha vida, eu quero estudar pra isso. Só que o curso é muito genérico, muito generalista e foi me frustrando cada vez mais. E aí eu fui buscando quais as universidades do país que poderiam me dar outras opções e eu identifiquei a UNIVALE, lá em Santa Catarina. Falei: eu vou [...]. Fui para a agência modelo para me qualificar um pouco melhor. Todavia, não só eu como todo mundo do meu curso, todo mundo se sentindo enganado pela propaganda enganosa que era a profissão do futuro, porque a grade curricular é muito frágil, tinha economia, tinha estatística, tinha desenvolvimento regional mas era uma mostra muito pequena. E eu acho hoje que essas 3 matérias que eu falei aqui são os esteios da formação acadêmica, mas nós saímos de lá com mostra grátis de um pouquinho de cada coisa e todo mundo se sentiu despreparado. Eu fui pra Santa Catarina, eu cheguei lá e percebi que era generalizado. Lá também todos estavam frustrados, eu até percebi que eu estava até mais preparado que eles. Coisas que eles estavam vendo eu já tinha visto há muito tempo, eu acho que pela dificuldade da universidade federal de você ter que correr atrás, de ter esses professores de vários departamentos que trás uma bagagem, que te faz pesquisar [...]. Mas a frustração era igual, era igual para todos e aí eu fui ficando mais decepcionado, inclusive nessa época eu entrei em depressão. Eu falei: “meu deus eu não posso... Eu tinha saído lá do interior de uma família pobre, então assim de um filho que vai estudar fora, aquela esperança de trazer algo né, de vir melhor, e o que eu vou fazer da minha vida? Sabe assim? Todo mundo me ajudando, ninguém se negou [...]. Foi quando eu tentei o estágio aqui na EMBRATUR e aí eu fui selecionado para estagiar na EMBRATUR. Eu larguei tudo lá, eu vim sem grana, sem nada. fiquei hospedado lá na Ceilândia, na casa de um primo, primo de uma prima, pra tentar porque era minha última alternativa. Eu investi quase 4 anos nessa carreira e tinha que dar uma satisfação pra mim próprio e pra minha família. Também eu estava me formando eu estava com medo de ser um recepcionista de hotel e ganhar 500 reais e foi quando eu tive a oportunidade na EMBRATUR, de um estágio temporário, e nesse estágio eu tive a oportunidade de conhecer profissionais da área pública, alguns turismólogos (as), que me deu a primeira oportunidade aqui. Foi

quem me viu, quem me identificou como um potencial e com quem eu aprendi muito.

Aí, o curso de turismo foi dentro da EMBRATUR e do ministério do turismo. Aprendi a ser profissional de turismo dentro do ministério de turismo e dentro da EMBRATUR com pessoas muitos turismólogos (as), que tiveram a paciência de parar e de ensinar direito, mandar fazer dez vezes uma coisa, oito vezes, mas foi tenho memória de falar. Olha como eu aprendi naquela época, foi quem me contou toda história (Mara Flora e Sônia Dias), hoje eu sei toda história do PNT, do que deu certo e do que não deu; tive a oportunidade participar de toda avaliação do PNT, na época como estagiário, né [...]. Eu entrei os seis meses do dia 09 de julho de 2003 e fiquei até 31 de dezembro de 2003. Fiquei como estagiário no outro ano, comecei como terceirizado e fiquei 2004, 2005 e 2006 como terceirizado. Em 2006, teve o primeiro concurso do ministério do turismo e eu passei no primeiro concurso do ministério e aqui dentro tive uma carreira interna né [...]. Tive DAS, três meses depois que eu passei no concurso, passei em julho, e em outubro eu já estava com DAS2, chefe de divisão, depois eu fui DAS3; DAS4, até assumir em 2014, no mês de julho, a diretoria do maior departamento do ministério, que é o departamento de produtos e destinos. Depois de lá eu vim pra cá e hoje estou com o cargo de assessor especial do ministro há quase um ano.

Nota-se nesses depoimentos palavras como frustração com as diferenças entre a academia e a prática profissional. Esses são elementos recorrentes nas falas dos (as) entrevistados (as), ter tratamento profissional na extensão do significado dessa frase, demonstrando o descaso do mercado com esses profissionais. O mercado argumenta faltar turismólogos (a) preparados, mas a pesquisa mostra que grande parte dos Bacharéis em Turismo tem como prática a educação continuada. Torna-se evidente também, como cita Antunes (2004), as precariedades do trabalho, em especial no setor de serviços, caracterizado por ser morto, diferente da indústria. Ressalta-se, como Antunes (2004) afirma, que o trabalho no turismo é altamente produtivo, multidisciplinar, mas com peculiaridades que são muito significativas na cadeia produtiva do turismo, que é a responsabilidade, a ética e o respeito pelo outro no maior sentido que essa palavra possa ter, principalmente entre locais e turistas.

Contempla-se nas falas e nas características do trabalho no turismo, o trabalho parcial, precário, terceirizado e subcontratações, conforme cita Antunes (2004). Indo ao encontro dessas fragilidades dessa carreira profissional, somam-se a não reserva de mercado e que “todos são os donos, colocam a mão”. O turismo como a profissão do futuro, termo usado por alguns entrevistados (as), foi um jargão muito usado a partir da década de 70, com o aumento do número de IES e estudantes em busca desse curso. Futuro que não chegou e não chegará, pois o contexto que se apresenta para a profissão é suas construções significadas pela não

colocação no mercado de trabalho e a construção de uma identidade de símbolos que delimitem o fazer do Bacharel em Turismo.

Tal jargão reforça os ideais do capitalismo dentro da cadeia produtiva do turismo que precisa vender cada vez mais e, para isso, desenvolve políticas públicas para aumentar os números de turistas para o Brasil, investimentos e demais benefícios econômicos, sem a devida responsabilidade com a sustentabilidade. Para reforçar o dito, utiliza-se de Bakhtin (1989), a comunicação verbal e escrita implica conflitos, adaptações ou resistências, hierarquizações e a utilização da língua pela classe dominante para reforçar o seu poder. Na leitura do PNT atual, em nenhum momento tem a classe profissional turismólogos (as), senão profissionais do turismo, nos programas de qualificação profissional ou demais programas e subprogramas. O que pode demonstrar o descaso com o número de turismólogos (as) que são oferta de mão de obra excedente, que estão migrando para outras áreas profissionais. Tal posicionamento é expresso no número de turismólogos (as) que têm em sua visão de futuro profissional em concurso público na área de turismo ou não.

## B) Gênero

Como a maior parte dos respondentes do questionário foi de mulher, bem como houve duas mulheres entrevistadas, elas colocam a maternidade como algo que priorizam e valorizam, e a aprovação em um concurso público, no qual poderia alcançar a estabilidade, conciliar e delegar os cuidados dos filhos a outrem. A categoria gênero foi mais evidente no questionário, porém as perspectivas profissionais para as mulheres turismólogas são vivenciar os mesmos significados como trabalhador em serviços, muitas horas de trabalho, principalmente na área de hotelaria e eventos. Em tais trabalhos o assédio é mais presente, fato este que se mostra perturbador para essas profissionais.

A entrevistada JR pôde se afastar um tempo de suas obrigações laborais para vivenciar a maternidade por um tempo; já TM, é casada e quer engravidar, mas demonstra grande preocupação com a sua vida profissional em Turismo. Diz que estudará para concurso na área, continuar os estudos no doutorado ou estudar para passar em outro concurso. Pois, para ela, a estabilidade com uma criança é muito importante, e talvez não encontre isto no setor de turismo, com a rotatividade de



profissionais característico do mercado. Outra questão importante visualizada na entrevista é que somente JR assumiu postos hierárquico de maior hierarquia.

Todavia, o turismo pode ser considerado um trabalho para mulher assumir outros postos de trabalho, já que a maioria tem educação continuada, como pós-graduação. Isso pode implicar no assumir uma carreira que se orienta ao inverso do trabalho tradicional da mulher, o doméstico, com o investimento na área, apesar da pouca valorização no turismo. Muitas pensam em migrar para outras áreas, mas fundamentalmente continuar a investir na vida profissional. Nenhuma entrevistada se colocou de forma contrária.

### C) Significados e Sentidos

Quando questionados sobre os significados e sentidos da profissão turismólogo (a), LA relatou que a profissão deve

Contribuir para o avanço do outro, isso vale para qualquer profissão. O que dá razão ao turismo existir é levar ao outro um suspiro de felicidade, tornar o outro mais feliz, facilitar a viagem com ganho para o viajante e viajado, é possibilitar essa experiência ao maior número de pessoas possível. E o instrumental é o que o profissional irá escolher, é ser planejador, pensador do turismo, gestor de eventos.

Para TM, “O sentido da profissão, o que somente o Bacharel em Turismo deve fazer ou ser o principal protagonista é ser planejador e organizador do turismo e participar das políticas públicas de turismo. Este é o norte de ser Bacharel em Turismo”.

O entrevistado JR enfatizou a necessidade de compreensão do sistema que abarca o turismo, entretanto, não encontra importância na área de formação do profissional.

Eu não sou uma grande defensora da profissão, eu acho o setor fantástico, fascinante e acho que ele exige cada vez mais profissionais multidisciplinares gabaritados capazes hábeis em relações interpessoais hábeis no domínio de outros idiomas na gestão efetiva, seja de negócios, seja de projetos. Uma pessoa que tenha profundidade de análise para conseguir entender tudo isso. Então, o setor me encanta eu acho que a profissão de turismólogo é algo que eu não entendo, eu não consigo conceber um bom profissional de diferentes áreas a soma desses profissionais, é que forma um bom profissional em turismo. Ele não necessariamente precisa ter uma formação nessa área. É claro que naturalmente vá trabalhar com isso, ele será exigido e terá que entender mais sobre o sistema sobre a lógica dos setores pra ele afundar seu

conhecimento sobre isso. Ele não precisa se formar nisso. Ele pode se formar numa área de direito ou de administração ou de comunicação e se apropriar do conhecimento do turismo e ser um excelente profissional de turismo. O fato dele ser formado em turismo não garante o contrário. É a minha percepção.

Para WK, o sentido de ser turismólogo (a) é:

[...] Então eu penso que é o planejamento. Porque o turismo ele aconteceu no país, ele não foi planejado. Como eu te disse ele nunca foi priorizado como uma política de governo nem uma política de estado. Então ainda hoje estamos ali arando a terra para colher os frutos ainda. Eu acho que têm poucas sementes ali, mas hoje a principal função do bacharel em turismo é, deveria ser, essa área de planejamento e gestão da atividade turística. E por isso, tenho uma crítica a grade curricular dos cursos de bacharelado em turismo. Eu penso que deveria ser muito focado em economia, em estatísticas, em administração pública e privada. Acho que a gente deveria ter muito mais dessas disciplinas do que as outras generalísticas [...] Se alguém me consultasse hoje perguntando se eu faria com o conhecimento que você tem o curso de bacharelado em turismo? Com a grade curricular de hoje eu não faria. Eu faria administração e faria uma pós-graduação na área de turismo, porque eu acho que com uma pós-graduação de dois anos eu adquiriria o necessário pra tentar uma oportunidade na atividade turística (...). Todo mundo que me procura, eu falo sou uma exceção dentre vários bacharéis de turismo que se formaram comigo. 80, mais os que conheci lá em Florianópolis que eu participei de duas turmas, mas os daqui do lesb, se eu somo quantos desses daí estão hoje no mercado, se tirar 10 eu acho que são muitos.

Dessa maneira, fica evidente que o sentido de ser Bacharel em Turismo está no trabalho de planejar e organizar o turismo e participar da elaboração de políticas públicas para o turismo de forma responsável, acessível e inclusiva. Resposta dada pela maioria dos entrevistados (as) e dos (as) participantes do questionário.

Para Barreiros (2013), é fundamental que se entenda que o processo de produção social, cultural e pessoal têm como elementos os significados. A atividade humana é significada, ou seja, a ela é dada uma interpretação, na qual, para Bakhtin e Vygotsky, o natural se transforma em social. Desta maneira, os significados da profissão turismólogo (a) está em sua própria construção no campo científico, como um campo multidisciplinar por natureza e paradoxal.

## CONSIDERAÇÕES

Retorna-se ao que foi proposto neste trabalho para se fazer as considerações finais desta dissertação, embora na medida em que novas pesquisas sobre a temática tragam novas contribuições e inferências, ela tem algumas possibilidades de aprofundar as subjetividades nela presentes. Aproveita-se para citar Boaventura (1998) que afirma que a ciência e os estudos acadêmicos são produtos históricos e contextualizados às transformações sociais. Enquanto que, para Japiassu (1975), o paradigma pode ser considerado como o olhar sobre o mundo e a vida e aceito pela comunidade científica como verdade, até que outro paradigma seja encontrado.

O problema de pesquisa assumido neste estudo, “quais são os significados e sentidos da profissão para a classe profissional turismólogo (a) no Brasil?” foi respondido com as enunciações dos 38 participantes do questionário enviado a pelo menos uma IES de cada região brasileira e pelos (as) entrevistados (as) face a face. Os dados apontaram que o sentido da profissão turismólogo (a) se relaciona ao que somente ele deve fazer, ou ao menos ser o protagonista, que é o planejamento e organização do turismo e elaboração de suas políticas públicas.

Os significados que marcam a profissão fazem parte da construção do saber no turismo, que é a multidisciplinaridade, já que é um trabalho sistêmico, que relaciona cultura, economia, meio ambiente e pessoas que estão nos locais e que as se deslocam a outros locais com diversos fins. Para outro significado encontrado nas enunciações, deve-se citar Castells (2003) que concorda com Giddens, sobre a constante construção da autoidentidade coletiva, ou seja, de uma classe profissional, e não um traço distintivo apresentado pelo indivíduo.

Castells (2003) torna-se importante para o processo de reflexão sobre as dicotomias dentro da classe profissional que é o autorreconhecimento: sou turismólogo ou Bacharel em Turismo? Nas entrevistas fica claro que eles e elas preferem a diferenciação. Porém, a Lei nº 12591/12 coloca tais formações sem distinções. Para os entrevistados LA e WK deveriam ser ofertados cursos diferenciados, sendo os de quatro anos, Bacharéis em Turismo, responsáveis pelo pensar o turismo e a participação ativa no planejamento e na organização do turismo e de políticas inerentes a ele.

Como as relações sociais estão repletas de significações, é fundamental que se entenda que o processo de produção social, cultural e pessoal têm seus

significados. O estar fora do mercado de trabalho na área de turismo, a baixa valorização do profissional turismólogo (a), o alto interesse pela educação continuada desses profissionais e a negação da alta qualificação pelo mercado de trabalho no setor do turismo dão fortes significados à profissão, além dos apresentados por Antunes (1992; 2004) a respeito das fragilidades do trabalho na contemporaneidade, que são a desregulamentação do mercado de trabalho.

O turismo é formado por terceirizações, trabalhos de alta e baixa temporada e tempo compartilhado. Este é um dos contextos da profissão turismólogo (a), que busca na academia e em suas práticas laborais e trajetórias profissionais no cotidiano os seus sentidos e significados, que estão em construção, uma vez que a identidade dessa classe profissional não está consolidada.

Outro significado importante citado por todos os entrevistados e alguns participantes do questionário é o turismo nacional não fazer parte de um projeto de estado, há muita rotatividade de programas e políticas nas mudanças de governo. Ou seja, o turismo é muito sensível a questões partidárias políticas, assim como outras pastas de governo.

Com relação ao objetivo “identificar as contribuições desse profissional no atendimento dos problemas sociais em que o turismo é direta ou diretamente o protagonista”, os dados mostram que essa classe profissional vê o turismo como um indutor de desenvolvimento por meio de ações de planejamento e organização do turismo e elaboração de políticas públicas. Estas são as bases para enfrentar os aspectos negativos do turismo, como uma forte ética e responsabilidade. Consideram o turismo como meio de inclusão de todos e todas e usam a palavra sustentabilidade como a base do trabalho do turismólogo (a) em suas ações de planejamento e elaboração de políticas públicas.

E para finalizar, o objetivo “as desistências e resistências na profissão”, os enunciados dizem sobre desistências: má remuneração, profissão não regulada, assédio, baixa valorização profissional, baixo status da profissão, respeito com a educação continuada em turismo, falta de reserva de mercado, horário de trabalho, fazer um trabalho para o qual não foi formado. O entrevistado WK diz em seu depoimento: “eu não estudei para isto!”

E as resistências são gostar do que fazem, trabalharem com pessoas e culturas diferentes, aliar cultura e meio ambiente em seu trabalho. Porém, é muito alta na trajetória profissional dos turismólogos (as) o desejo de passar em concurso

público na área ou em outra área. A maioria diz gostar da área, mas se sente frustrado (a) com o setor na composição de seu futuro profissional na área de turismo.

Os desafios e avanços do trabalho feminino na profissão de turismólogas, lembrando que a maior parte dos participantes da pesquisa foi mulher (ao menos no questionário aplicado), pode-se considerar que em algumas áreas do turismo, as mulheres assumem cargos de maior hierarquia. Todavia, a maioria vivencia a dupla jornada de trabalho, no que concerne ao trabalho doméstico e cuidados com os filhos. Muitas usam os aspectos conciliação entre trabalho fora de casa e trabalho doméstico ou a delegação como forma de poderem trabalhar fora de casa e construir uma carreira. É o contexto da mulher em quase todo o mundo, como citam Hirata, Kergoat e Scott. A mulher que está no mercado de trabalho ou prestes a entrar se encontra com esses dilemas: os cuidados domésticos e com os filhos.

Todavia, como citam as autoras e Antunes, cresce o número de mulheres, sobretudo no setor de serviços. A pesquisa mostra que elas são qualificadas, investem na carreira e na educação continuada, mas sofrem com o menor nível salarial, o tempo compartilhado e a desregulamentação do mercado de trabalho. Como citam Hirata e Kergoat, apesar desses dilemas da mulher no mercado de trabalho ser amiúde estudado e tais temáticas fazerem parte de políticas públicas, “tudo muda, mas tudo continua igual”, se referindo a jornada dupla de trabalho para a mulher.

Para finalizar, todos os trabalhos acadêmicos têm seus limites, marcados no problema e nos objetivos de pesquisa. Acredita-se que o problema e os objetivos deste trabalho foram alcançados, porém esta pesquisa tem limites, como qualquer outra. Os limites desta são a não possibilidade de ampliar a amostra a todo o Brasil e aumentar a amostra de turismólogos (as) e limitar a temática nos sentidos e significados da profissão turismólogo (a). Certamente, outros trabalhos poderão ampliar a pesquisa, defender outros aspectos e desenvolver novos paradigmas científicos ao turismo.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, R (org.). *A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

\_\_\_\_\_, R. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho*. São Paulo: Bontempo. 1999.

APPLE, M. Sobre el análisis de la ideología. In: *Recopilación de Lecturas (Unidad II)*, Doutorado Latinoamericano em Educação, Universidade da Costa Rica, 2006.

ARAÚJO, N. *Contribuição econômica das mulheres para a família e a sociedade: ensaio sobre gênero e economia numa perspectiva comparativa*. Brasília: Otimismo, 2010.

Associação Brasileira dos Bacharéis em Turismo (ABBTUR). *Comunicação Civil da Luta Política dos Turismólogos*, 2015. Disponível em: <<http://www.abbtur.com.br/abbtur/conteudo.asp?cod=29>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem*. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BARREIROS, D. *Os sentidos e significados da formação stricto sensu no trabalho docente*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação. Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/13587>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

BERGER, P; LUCKMAN, T. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis: Vozes Ltda., 1976.

BOAVENTURA, Santos. Um discurso sobre as Ciências na transição por uma ciência pós-moderna. In: *Estudos Avançados*. v. 2. n. 2. São Paulo, 1988.

BRANDÃO, H. *Introdução à análise do discurso*. 3.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

BRASIL. Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11771.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11771.htm)>. Acesso em 10 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.591, de 18 de janeiro de 2012. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12591.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12591.htm)>. Acesso em 10 mai. 2016.

CASTELLS, M. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. v. II - O poder da identidade. Fundação Calouste Glunbenkian, Lisboa, 2003.

DUARTE, D. C.; BORDA, G. Z. (2012). Turismo sênior em Brasília: um estudo sobre a acessibilidade e sustentabilidade no setor hoteleiro. In: *XVII Congresso Internacional AECIT 2012, 2012, O Carballiño. XVII Congresso Internacional AECIT*

2012. Ourense: AECIT Asociación Española de Expertos Científicos en Turismo, 2012. v. 17. p. 670.

ENQUITA, M. F. A ambiguidade da docência: entre profissionalismo e a proletarização. In: *Teoria & Educação.*, Porto Alegre, v.4, p. 41-61, Porto Alegre, 1991.

FEIFER, M. *Going Places: The Ways of the Tourism from Imperial Rome to the Present Day*, London, MacMillan Publishers, 1985.

FREITAS, M. T. de A. *Vygotsky e Bakhtin Psicologia e Educação: um intertexto*. São Paulo: Ática, 1999.

FRIGOTTO, G. A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida. In: FRIGOTTO, G; CIAVATTA, M (orgs.). *A experiência do trabalho e a educação Básica*. 3.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010. p. 17-31.

GOBBO JR., J (s.d). *Grounded Theory or Grounded Research*, ppt. Disponível em: <[www.feb.unesp.br/.../05/03/2009.metodologiacientifica/Grounded\\_Theory.ppt](http://www.feb.unesp.br/.../05/03/2009.metodologiacientifica/Grounded_Theory.ppt)>. Acesso em: 10 mar. 2015.

HIRATA, H; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. In: *Cadernos de Pesquisa*. v. 37, n.132, p.595-609, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132>>. Acesso em: 10 mai. 2016

IBGE. *Mulher no mercado de trabalho*. 2012. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme\\_nova/Mulher\\_Mercado\\_Trabalho\\_Perg\\_Resp](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp)>. Acesso em 10 abr. 2016

JAPIASSÚ, Hilton. *Introdução ao pensamento epistemológico*. 7.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

KRIPPENDORF, J. *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1989.

LESSA, S. *A ontologia de Lukács*. Maceió: EDFAL, 1996. p. 23-87

MARX, K. *O capital*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. v.1

MELO, E. *Feminismo: velhos e novos dilemas uma contribuição de Joan Scott*. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332008000200024](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332008000200024)>. Acesso em: 16 mai. 2016.

MIRANDA, G. In Gramsci y el proceso hegemónico educativo. In: *Revista Educare*. vol. IX, 2005.

MOESCH, M. *A produção do saber turístico*. Campinas: Contexto, 2000.

OLIVEIRA, M (2007). *Como Fazer Pesquisa Qualitativa*. São Paulo: Vozes, 2007.

Portal Brasil. *Profissão de turismólogo é regulamentada*. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/turismo/2012/01/profissao-de-turismologo-e-regulamentada>>. Acesso em: 01 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. *Plano Nacional de Turismo: 2013-2016*. Disponível em <[http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/plano\\_nacional/downloads\\_plano\\_nacional/PNT\\_11\\_09\\_2012](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/plano_nacional/downloads_plano_nacional/PNT_11_09_2012)>. Acesso em: 20 abr. 2016.

REIJOWSKI, M. *Turismo e pesquisa científica*. Campinas: Papyrus, 1996.

ROCHA, S; NOVAES, C. A problemática do turismo: academia e empregabilidade do profissional no mercado: um ensaio. In: *Revista gestão turística*. v. 8. p. 61-73. Disponível em: <<http://mingaonline.uach.cl/pdf/gestur/n8/art05.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Disponível em: <<http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/categoriautilanalisehistorica.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

SOLER, F. Mundialización, globalización y sistema capitalista. In: *Revista de Filosofía*. 2001. Disponível em: <<http://www.rcci.net/globalizacion/2001/fg155.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2013.



**APÊNDICES**

APÊNDICE A: INSTRUMENTO DE PESQUISA – QUESTIONÁRIO

APÊNDICE B: INSTRUMENTO DE PESQUISA - ENTREVISTA

APÊNDICE C: TERMO DE CONSENTIMENTO

## APÊNDICE A: INSTRUMENTO DE PESQUISA – QUESTIONÁRIO

### SEÇÃO 1 DE 12 - ESTUDO DOS SENTIDOS DE SER TURISMÓLOGO (A)

Caro (a) Turismólogo (a), você está recebendo um questionário com 43 itens para responder. Este instrumento de pesquisa tem como objetivo compreender os sentidos de ser turismólogo no Brasil e as resistências e desistências na profissão. As informações obtidas nesta pesquisa serão disponibilizadas em banco de dados no grupo de pesquisa e analisadas, num primeiro momento, na dissertação de mestrado no Curso de Mestrado Profissional em Turismo, da Universidade de Brasília (CET/UnB). Solicitamos a sua colaboração para responder as questões na íntegra.

As informações fornecidas por você, incluindo seu nome, terão o anonimato garantido e serão de fundamental importância para o mapeamento e a compreensão do trabalho dessa classe profissional.

Agradecemos sua disponibilidade e nos colocamos a sua disposição.

#### 1. SUA FORMAÇÃO (somente uma resposta)

Bacharelado (curso de 4 anos de duração)

Tecnológico (curso de 2 a 3 anos de duração)

#### 2. SOBRE O CURSO: QUAL INSTITUIÇÃO?

#### 3. CIDADE EM QUE REALIZOU O CURSO?

#### 4. NOME DO CURSO?

#### 5. PERÍODO DO CURSO

Matutino

Vespertino

Noturno

#### 6. ANO DE TÉRMINO

#### 7. CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO:

Lato sensu

Stricto sensu

Não tem curso de pós-graduação

Seção 2 de 12 - SEU TRABALHO ATUALMENTE:

8. ATUALMENTE, VOCÊ TRABALHA COMO:

servidor (a) público (a)– pessoa que passou em concurso público

empresário (a)

trabalha em empresa privada

prestador (a) de serviços em entidade privada

prestador (a) de serviços em entidade pública

desempregado (a) (ir para o item 22)

Outro...

9. ATUALMENTE, VOCÊ TRABALHA NA ÁREA DE TURISMO?

Sim

Não (se não, ir para o item 22)

Desempregado (ir para o item 22)

Seção 3 de 12

10. SE SIM,:

Instituição pública

Instituição privada

11. SE PÚBLICA, QUANTO TEMPO?

12. SE PÚBLICA, QUAL NOME?

13. SE PÚBLICA, QUAL SETOR/DEPARTAMENTO?

14. SE PRIVADA, QUANTO TEMPO?

15. SE PRIVADA, QUAL NOME?

16. SE PRIVADA, QUAL ÁREA?

eventos

meio de hospedagem

agência de viagens

operadora de turismo e viagens

guia de turismo

consultoria

planejamento e organização do turismo

Transporte

Alimentos e bebidas

docência em cursos de turismo e afins (gastronomia, hotelaria/meios de hospedagem, eventos ou agenciamento)

Outro...

Seção 4 de 12

17. EM GERAL, VOCÊ TRABALHA EM MAIS DE UM TURNO?

Sim

Não

18. SE SIM,:

Matutino

Vespertino

Noturno

19. QUAL O MOTIVO PRINCIPAL PELO QUAL VOCÊ ATUALMENTE EXERCE ESTE TRABALHO?

Foi o primeiro trabalho que apareceu

Passei em concurso público e estou satisfeito

Passei em concurso público, mas quero passar em outro concurso público

Cheguei por acaso e fui ficando

Escolhi esta área do turismo

Por enquanto, não consegui outro trabalho

Outro...

20. EM GERAL, VOCÊ SE CONSIDERA SATISFEITO (A) COM O TRABALHO QUE FAZ ATUALMENTE? (UMA SÓ RESPOSTA)

Muitíssimo satisfeito(a)

Muito

Suficientemente

Pouco

Nada satisfeito(a)

21. POR QUE VOCÊ SE CONSIDERA ASSIM?

Seção 5 de 12

22. SE VOCÊ NÃO TRABALHA NA ÁREA DE TURISMO ATUALMENTE, QUAL (AIS) O (S) MOTIVO (S)?

não apareceu nada na área de turismo

má remuneração

horário de trabalho

período de trabalho

falta de identificação com a área de turismo

pouca oferta de trabalho

pouca oferta de trabalho com qualidade

condições de trabalho precárias

discrepância entre ensino nos cursos de graduação em turismo e mercado de trabalho

Outro...

#### Seção 6 de 12 - ATUAÇÃO NA ÁREA DE TURISMO NA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

23. EM SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL, VOCÊ JÁ ATUOU NA ÁREA DE TURISMO?

Sim

Não (vá para o item 25)

Seção 7 de 12

24. SE SIM, QUAL (QUAIS) ÁREAS?

eventos

meio de hospedagem

agência de viagens

operadora de turismo e viagens

guia de turismo

consultoria

planejamento e organização do turismo

transporte

Alimentos e bebidas

docência em cursos de turismo e afins (gastronomia, hotelaria, eventos ou agenciamento)

empresário (a)

Outro...

Seção 8 de 12

25. SE NÃO, POR QUE?

Seção 9 de 12 - VANTAGENS E DESVANTAGENS DE SER TURISMÓLOGO (A)

26. QUAL (IS) É (SÃO) A (S) VANTAGEM (NS) DO TRABALHO DO TURISMÓLOGO (A)?

Autonomia

Contato com pessoas

Contato com diferentes culturas

Oferta no mercado de trabalho

Realização pessoal

Falar línguas estrangeiras

Segurança

Salário

Realizar trabalho que leva em consideração a cultura e o meio ambiente

Outro...

27. QUAL (IS) É (SÃO) A (S) DESVANTAGEM (NS) DO TRABALHO DO TURISMÓLOGO (A)?

Carga horária

Desgaste emocional.

Desgaste físico.

Relação interpessoal.

Salário.

Qualidade de trabalho.

Não ter reserva de mercado

Profissão não ser regulada.

Assédio

Outro...

28. COMO VOCÊ PERCEBE O NÍVEL DE RECONHECIMENTO SOCIAL EM RELAÇÃO AO (A) TURISMÓLOGO (A) NO BRASIL?

Muito bom

Bom

Médio

Ruim

Muito ruim

29. VOCÊ É ASSOCIADO (A) A ALGUMA ENTIDADE DE CLASSE OU ASSOCIAÇÃO?

Sim

Não

30. SE SIM, QUAL?

31. PENSANDO EM SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL NOS PRÓXIMOS ANOS, INDIQUE QUAL A PERSPECTIVA QUE DEMONSTRA O SEU DESEJO PROFISSIONAL. (SOMENTE UMA RESPOSTA)

Continuar sendo turismólogo (a)

Continuar sendo turismólogo (a), mas mudar completamente o tipo de trabalho

Mudar completamente de profissão



Dedicar-se à pesquisa

Dedicar-se à pesquisa em turismo

Aposentar-se assim que possível

Ser servidor (a) público (a)

Ser docente em outros cursos

Ser docente nos cursos de turismo e afins

Outro...

Seção 10 de 12 - CONTRIBUIÇÕES SOCIAIS DO TURISMÓLOGO (A)

32. CITE ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DO TRABALHO DO (A ) TURISMÓLOGO (A) PARA A SOCIEDADE:

Seção 11 de 12 - QUANDO PERGUNTAM SOBRE A SUA PROFISSÃO - TURISMÓLOGO (A)

33. QUANDO PERGUNTAM SOBRE QUAL A SUA PROFISSÃO, VOCÊ COSTUMA RESPONDER:

docente/professor (a)

hoteleiro (a)

turismólogo (a)

consultor (a)

agente de viagens

guia de turismo

empresário (a)

produtor de eventos

Outro...

Seção 12 de 12 - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

34. NOME:

35. IDADE

menos de 24 anos

25 a 35 anos

36 a 46 anos

Acima de 46 anos

36. SEXO

Feminino

Masculino

37. ESTADO CIVIL

solteiro(a)

casado(a)

separado(a)

viúvo(a)

Outro...

38. TEM FILHOS

Sim

Não

39. SE SIM, QUEM CUIDA QUANDO ESTÁ FORA DE CASA:

pai

mãe

irmãos (ãs)

doméstica

diarista

avós

escola

Outro...

#### 40. CUIDADOS COM A CASA:

homem

mulher

responsabilidades compartilhadas entre homem e mulher

responsabilidades compartilhadas entre homem, mulher e família

doméstica

diarista

Outro...

#### 41. QUAL SUA FAIXA SALARIAL?

até R\$ 1.000,00

de R\$ 1.001,00 a R\$2.000,00.

de R\$ 2.001,00 a R\$3.000,00.

de R\$3.001,00 a R\$4.000,00.

de R\$ 4.001,00 a R\$5.000,00.

de R\$5.001,00 a R\$6.000,00.

de R\$6.001,00 a R\$7.000,00.

mais que R\$7.000,00.

#### 42. GOSTARIA DE PARTICIPAR DE OUTRA ETAPA DA PESQUISA?

Sim

Não

43. SE SIM, INDIQUE O SEU CONTATO (E-MAIL E TELEFONE COM CÓDIGO DDD)

## APÊNDICE B: Instrumento de pesquisa – entrevista

## Proposta de Entrevista

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Início: \_\_\_\_\_ Término: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

- 1) Fale sobre sua trajetória profissional e a formação acadêmica.
- 2) Comente sobre a relação entre sua formação acadêmica e sua atuação profissional.
- 3) Que motivações incentivaram a busca pela formação em turismo?
- 3) Como você vê a profissão turismólogo (a)?
- 4) Quais são suas aspirações profissionais?
- 5) Deseja continuar na profissão? Por que?
- 6) Qual a importância do trabalho do (a) turismólogo (a) para a sociedade?
- 7) O curso de turismo provocou mudanças no seu trabalho? Cite algumas.
- 8) O curso de turismo provocou mudanças em sua vida? Cite algumas.
- 9) Quais dificuldades você identifica no mercado de trabalho dessa classe profissional?
- 10) Quais atividades profissionais que, na sua opinião, somente o turismólogo (a) pode desempenhar?
- 11) Qual o sentido da profissão?

## APÊNDICE C: Termo de consentimento

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_, declaro ter sido devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora Sandra Mara Tabosa de Oliveira sobre a pesquisa “Os sentidos de ser turismólogo (a) no Brasil” e os procedimentos nela envolvidos, bem como foi-me assegurada a preservação total de minha identidade. Assim, participo voluntariamente autorizando a utilização das minhas informações para fins científicos, sem restrição de citações dos obtidos, por tempo indeterminado, em meio impresso, digital e outros.

Brasília, de de 2015.

Assinatura do entrevistado (a)